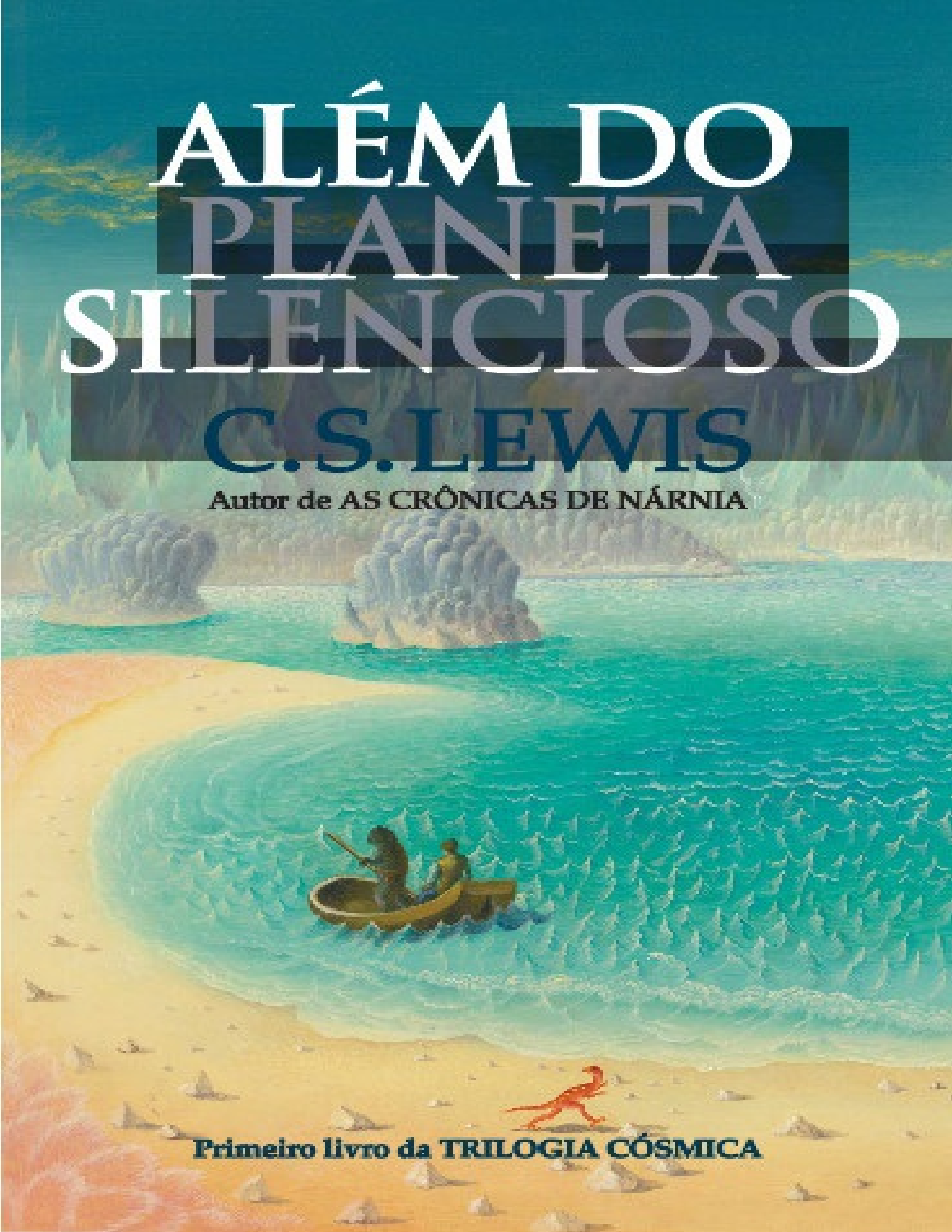
ALÉM DO PLANETA SILENCIOSO

C.S.LEWIS

Autor de AS CRÔNICAS DE NÁRNIA



Primeiro livro da TRILOGIA CÓSMICA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



ALÉM DO PLANETA SILENCIOSO

Trilogia cósmica

C. S. Lewis

Tradução de
Waldéa Barcellos



SÃO PAULO 2012

PARA MEU IRMÃO
W. H. L.

Crítico perene da ficção de
espaço-tempo

Sumário

Nota

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Pós-escrito

Nota

Observações depreciativas a histórias anteriores desse gênero aparecem neste livro meramente para fins dramáticos. O autor lamentaria se algum leitor o imaginasse tolo demais para apreciar as fantasias do senhor H. G. Wells ou ingrato demais para reconhecer tudo o que deve a elas.

C. S. L.

1

Mal tinham parado de cair as últimas gotas do temporal, quando o Pedestre enfiou o mapa no bolso, ajeitou melhor a mochila nos ombros cansados e saiu do abrigo de uma grande castanheira, indo para o meio da estrada. Um pôr do sol de um amarelo agressivo vinha se derramando através de uma fenda nas nuvens a oeste, mas à sua frente, acima dos montes, o céu estava cor de ardósia escura. Todas as árvores e folhas de grama gotejavam, e a estrada brilhava como um rio. O Pedestre não perdeu tempo com a paisagem, partindo de uma vez, com o passo determinado de um bom caminhante que acaba de perceber que precisará andar mais do que pretendia. Essa era, de fato, a situação. Se tivesse decidido olhar para trás, o que não fez, ele poderia ter visto o campanário de Much Nadderby; e, ao vê-lo, poderia ter amaldiçoado o hotelzinho pouco hospitaleiro que, apesar de estar obviamente vazio, tinha lhe recusado o pernoite. O estabelecimento trocara de dono desde sua última viagem a pé por aquela região. O simpático hospedeiro de antes fora substituído por alguém que a balconista do bar chamava de "a senhora", e a senhora parecia pertencer àquela escola ortodoxa de estalajadeiros britânicos que consideram os hóspedes um estorvo. A única possibilidade que lhe restava agora era Sterk, do outro lado dos montes, a uns dez quilômetros de distância. O mapa indicava uma estalagem em Sterk. O Pedestre era muito experiente para se permitir qualquer grande esperança com essa indicação, mas parecia não haver outro lugar ao seu alcance.

Ele andava rápido e com obstinação, sem olhar ao redor, como alguém que tentasse encurtar o caminho com algum encadeamento interessante de ideias. Era um homem alto, mas de ombros um pouco caídos, com 35 a 40 anos de idade, vestido com a falta de cuidado característica de um intelectual num dia de folga. À primeira vista, teria sido fácil confundi-lo com um médico ou com um mestre-escola, se bem que não possuísse nem o ar experiente de um nem a vivacidade indefinível do outro. Na realidade, era filólogo e pesquisador de uma faculdade de Cambridge. Seu nome era Ransom.

Quando deixou Nadderby, sua esperança era talvez encontrar pousada por uma noite em alguma fazenda amistosa antes de percorrer todo o trajeto até Sterk. Mas a região do lado de cá dos montes parecia quase desabitada. Era uma área desolada, sem nada que despertasse interesse, dedicada principalmente ao cultivo de repolho e nabo, com sebes fracas e poucas árvores. O local não atraía visitantes, como ocorria com a região mais rica, ao sul de Nadderby, e os montes o protegiam das áreas industriais para além de Sterk. À medida que anoitecia e que o barulho dos pássaros cessava, tudo foi ficando mais silencioso do que costuma ser uma paisagem inglesa. O ruído dos seus próprios pés na estrada coberta de cascalho se tornou irritante.

Ele vinha andando dessa forma havia uns três quilômetros e meio quando se deu conta de uma luz mais adiante. Àquela altura, estava bem próximo do sopé dos montes, e já estava quase escuro, de modo que ainda teve alguma esperança de que se tratasse de uma boa casa de fazenda, até chegar perto da verdadeira fonte de luz, que se revelou um chalé muito pequeno, de feios tijolos do século XIX. Uma mulher atravessou a porta correndo quando ele ia se

aproximando e os dois quase colidiram.

– Perdão, senhor – ela disse. – Achei que fosse o meu Harry.

Ransom perguntou-lhe se havia algum lugar mais perto do que Sterk onde ele pudesse conseguir um pernoite.

– Não, senhor – disse a mulher. – Não antes de Sterk. Acho que o senhor podia arrumar um lugar em Nadderby.

Ela falava com voz aflita, humilde, como se estivesse pensando em outra coisa. Ransom explicou que já tinha tentado Nadderby.

– Nesse caso, não sei mesmo, senhor – respondeu a mulher. – Quase não tem mais nenhuma casa daqui até Sterk, não do tipo que o senhor procura. Tem só a Colina, onde meu Harry trabalha, e achei que o senhor estava vindo de lá. Foi por isso que saí quando ouvi seus passos, achando que fosse ele. Ele já devia ter voltado pra casa faz tempo.

– Que tipo de lugar é essa Colina? – perguntou Ransom. – Uma fazenda? Será que me deixariam passar a noite lá?

– Ah, não, senhor. Sabe, não tem ninguém lá agora além do professor e do outro moço de Londres, desde que a dona Alice morreu. Eles não são de hospedar ninguém não, senhor. Nem mesmo têm criadagem, fora meu Harry para cuidar da fornalha, e ele não trabalha dentro da casa.

– Como se chama esse professor? – perguntou Ransom, com uma leve esperança.

– Não sei mesmo, senhor – disse a mulher. – O outro é o sr. Devine, e Harry diz que o *outro* senhor é professor. Ele não entende muito dessas coisas, sabe, porque é um pouco bobo, e é por isso que eu não gosto que ele volte para casa tão tarde; e eles me garantiram que sempre iam mandar o Harry de volta pra cá às seis da tarde. Não é que ele não tenha trabalhado o dia inteiro.

A voz monótona e o vocabulário limitado da mulher não expressavam muita emoção, mas Ransom estava parado suficientemente perto para perceber que ela estava tremendo e quase chorando. Ocorreu-lhe que deveria ir à casa do professor misterioso e pedir a ele que o rapaz fosse mandado de volta. E, não mais que uma fração de segundo depois, ocorreu-lhe que, uma vez dentro da casa – entre homens da mesma profissão que a sua –, poderia ser muito razoável aceitar o oferecimento da hospitalidade de uma noite. Qualquer que tenha sido o processo de pensamento, ele concluiu que a imagem mental dele mesmo em visita à Colina tinha adquirido toda a solidez de um fato predeterminado. Disse à mulher o que pretendia fazer.

– Muito obrigada mesmo, senhor – disse ela. – E agradeço se o senhor fizer o favor de acompanhar meu menino até a estrada antes de ir embora, se entende o que eu quero dizer. Ele tem verdadeiro pavor do professor, por isso, assim que o senhor virar as costas, ele não vai vir para casa, a menos que os próprios patrões falem que ele pode vir.

Ransom tranquilizou a mulher tanto quanto possível e se despediu depois de se certificar de que encontraria a Colina à sua esquerda em cerca de cinco minutos. A rigidez tinha tomado conta dele enquanto esteve ali parado, e prosseguiu vagarosamente e a duras penas pelo caminho.

Não havia nenhum sinal de luz à esquerda da estrada – só o que se viam eram os campos planos e uma escuridão que imaginou ser um bosque. Passaram-se mais de cinco minutos até chegar ao lugar e descobrir que estava equivocado. Uma boa sebe o separava da estrada, e

nessa sebe havia um portão branco. E as árvores que se erguiam acima dele enquanto examinava o portão não eram de um bosque, mas apenas um cinturão através do qual o céu aparecia. Agora teve certeza de que esse devia ser o portão da Colina e que essas árvores cercavam uma casa e um jardim. Tentou abrir o portão e viu que estava trancado. Ficou ali parado um instante, indeciso, desanimado pelo silêncio e pela escuridão cada vez maiores. Seu primeiro impulso, por mais cansado que estivesse, foi prosseguir a viagem até Sterk; mas tinha se comprometido com uma senhora a cumprir uma tarefa embaraçosa. Sabia que, se realmente quisesse, seria possível abrir caminho à força através da sebe. Não era o que queria fazer. Que belo pateta ia parecer, invadindo a privacidade de algum aposentado excêntrico – o tipo de homem que mantém os portões trancados no campo – com essa história tola de uma mãe desesperada e em prantos porque seu filho idiota ficou preso meia hora a mais no trabalho! Contudo, estava perfeitamente claro que ele precisava entrar; e, como não se pode atravessar uma sebe engatinhando e com uma mochila nas costas, ele a jogou por cima do portão. No instante em que fez isso, pareceu-lhe que até então ainda não tinha tomado a decisão de invadir o jardim, e agora se via obrigado a fazê-lo, pelo menos para recuperar sua mochila. Sentiu muita raiva da mulher, e de si mesmo, mas ficou de quatro e começou a rastejar sebe adentro.

A operação se revelou mais difícil do que tinha calculado, e foi somente depois de alguns minutos que ele se encontrou em pé na escuridão úmida do lado de dentro da sebe, sentindo a irritação do contato com espinhos e urtigas. Foi tateando até o portão, apanhou a mochila e então, pela primeira vez, virou-se para avaliar o ambiente. Estava mais claro no caminho que ia até a entrada da casa do que debaixo das árvores, e ele não teve a menor dificuldade para discernir uma grande casa de pedra depois de um gramado descuidado e abandonado. O caminho para essa entrada se bifurcava pouco adiante dele: o da direita, levando numa curva suave à porta da frente, enquanto o da esquerda seguia em frente, sem dúvida na direção dos fundos da casa. Ele percebeu que esse caminho da esquerda estava repleto de sulcos profundos – agora cheios de água –, como se por ali costumassem circular caminhões pesados. O outro, pelo qual ele agora se aproximava da casa, estava todo coberto de musgo. A casa em si não revelava nenhuma luz: algumas janelas estavam fechadas, algumas pareciam vazias, sem veneziana nem cortina, mas todas eram sem vida e inóspitas. O único indício de que estava ocupada era uma coluna de fumaça que subia por trás da casa, com uma densidade que sugeria a chaminé de uma fábrica, ou no mínimo de uma lavanderia, em vez de uma cozinha. A Colina era nitidamente o último lugar no mundo onde um desconhecido tinha a chance de ser convidado para passar a noite, e Ransom, que já desperdiçara algum tempo explorando o local, decerto teria se afastado dali se não se sentisse obrigado pela promessa infeliz feita à senhora.

Ele subiu os três degraus que levavam ao grande alpendre, tocou a campainha e esperou. Daí a algum tempo, tocou novamente a campainha e se sentou num banco de madeira que guarnecia um lado do alpendre. Ficou ali sentado tanto tempo que, embora a temperatura fosse agradável e a noite estivesse estrelada, a transpiração de seu rosto começou a secar e uma leve sensação de frio se insinuou sobre seus ombros. Àquela altura, estava muito cansado, e talvez tenha sido isso que o impediu de se levantar e tocar pela terceira vez – isso e a tranquilizadora quietude do jardim, a beleza do céu de verão e o eventual pio de uma coruja em algum lugar ali por perto, que parecia somente realçar a calma fundamental dos arredores.

Algo semelhante a uma forte sonolência já o tinha dominado quando, de repente, ele se assustou e ficou alerta. Estava ouvindo um ruído estranho – um ruído irregular, como uma luta confusa, que fazia pensar vagamente na formação dos jogadores para o rúgbi. Ele se levantou. Agora o ruído era inconfundível. Pessoas de botas estavam brigando, lutando corpo a corpo ou disputando algum jogo. Gritavam também. Não conseguia distinguir as palavras, mas ouvia os rosnados monossilábicos de homens ofegantes e cheios de raiva. A última coisa que Ransom queria era uma aventura, mas já crescia nele uma convicção de que deveria investigar o que estava acontecendo, quando um grito muito mais alto soou e ele pôde discernir as palavras "Me larga. Me larga", e, depois, daí a um segundo, "Não vou entrar aí. Me deixa ir para casa."

Livrando-se da mochila, Ransom desceu as escadas do alpendre aos pulos e correu para os fundos da casa com a máxima velocidade que sua condição rígida e seus pés cansados lhe permitiram. Os sulcos e poças do caminho enlameado levaram-no ao que parecia um pátio, mas um pátio cercado de uma quantidade anormal de anexos. Ele teve uma visão momentânea de uma chaminé alta, uma porta baixa tomada por uma luz vermelha de fogo e uma enorme forma redonda que se erguia negra em contraste com as estrelas, que supôs ser a cúpula de um pequeno observatório. E então tudo isso se apagou de repente pelo aparecimento de três vultos de homens que lutavam tão perto dali que quase colidiram um com o outro. De imediato Ransom não teve dúvidas de que a figura central, que os outros dois pareciam estar detendo apesar dos seus esforços para se desvencilhar, era o tal Harry da velha. Sentiu vontade de vociferar: "O que estão fazendo com esse menino?", mas as palavras que de fato proferiu, numa voz bastante corriqueira, foram: "Ei! Ora essa!…".

Os três lutadores se separaram de repente e o rapaz ficou choramingando.

– Posso perguntar – disse o mais alto e mais forte dos dois homens – quem é você e o que está fazendo aqui? – Sua voz tinha todas as qualidades que lamentavelmente faltavam na voz de Ransom.

– Estou numa excursão a pé – disse Ransom – e prometi a uma pobre mulher…

– Pobre mulher uma ova – disse o outro. – Como você conseguiu entrar?

– Pela sebe – respondeu Ransom, que sentia que um pouco de irritação vinha em seu auxílio. – Não sei o que vocês estão fazendo com o garoto, mas…

– Devíamos ter um cachorro aqui – disse o mais forte para o companheiro, sem dar atenção a Ransom.

– Você quer dizer que teríamos um cachorro, se você não tivesse insistido em usar Tartar num experimento – disse o homem que ainda não tinha falado. Era quase tão alto quanto o outro, mas esguio, e parecia ser o mais jovem dos dois. Sua voz pareceu vagamente familiar a Ransom.

– Olhem só – disse Ransom, começando de novo. – Não sei o que vocês estão fazendo com o garoto, mas o expediente já acabou e está mais do que na hora de mandá-lo para casa. Não tenho a menor intenção de me intrometer nos seus assuntos, mas…

– Quem é você? – berrou o homem forte.

– Eu me chamo Ransom, se é isso o que você quer saber. E…

– Por Júpiter! – disse o homem magro. – Não é o Ransom que estudou em Wedenshaw?

– Foi em Wedenshaw que estudei – respondeu Ransom.

– Achei que o conhecia no instante em que você falou – disse o magro. – Sou Devine. Não se lembra de mim?

– É claro! Como não me lembraria? – disse Ransom, enquanto os dois se davam um aperto de mãos com a cordialidade bastante forçada e que é tradicional nesse tipo de encontro. Na verdade, no tempo de escola Devine desagradava a Ransom mais do que qualquer outro colega do qual conseguisse se lembrar.

– Não é comovente? – disse Devine. – Uma remota ligação até mesmo nos confins de Sterk e Nadderby. É nessa hora que a gente sente um nó na garganta e se lembra do serviço de domingo à noite na capela do colégio amado. Acho que você não conhece Weston. – Devine indicou o companheiro robusto e de voz alta. – O grande Weston – acrescentou –, o físico de renome. Põe no chinelo Einstein e Schrödinger. Weston, permita-me apresentar-lhe meu ex-colega de escola, Ransom. Dr. Elwin Ransom. O grande Ransom, sabe. O filólogo de renome. Põe no chinelo Jespersen e…

– Não sei de nada disso – interrompeu Weston, que ainda segurava o pobre coitado do Harry pelo colarinho. – E se você espera que eu diga que é um prazer conhecer essa pessoa que acabou de invadir meu jardim, vai ter uma decepção. Não ligo a mínima para a escola onde ele estudou, nem para as tolices nada científicas em que desperdiça dinheiro em vez de destinar a pesquisas científicas. Só quero saber o que ele está fazendo aqui. E depois quero que esta seja a última vez que o vejo.

– Não seja desagradável, Weston – disse Devine num tom mais sério. – A passagem de Ransom por aqui é extremamente oportuna. – E se virou para Ransom. – Você não deve se incomodar com esse jeito do Weston, Ransom. Ele esconde um coração generoso por trás dessa fachada intimidadora, sabe? Vamos entrar para você beber e comer algo, é claro.

– É muita gentileza sua – disse Ransom. – Mas… e o garoto?

– Meio amalucado – disse Devine em voz baixa, enquanto puxava Ransom para um lado. – Em geral trabalha como um burro, mas tem uns ataques. Só estamos tentando levá-lo para a lavanderia e mantê-lo quieto por uma hora mais ou menos até ele voltar ao normal. Não podemos deixá-lo ir para casa nesse estado. Tudo generosidade nossa. Você mesmo pode levá-lo depois, se quiser… e volte para dormir aqui.

Ransom estava perplexo. Em toda a cena havia algo bastante suspeito e suficientemente desagradável para convencê-lo de que havia topado com algum crime, enquanto, por outro lado, ele nutria a convicção profunda e irracional das pessoas de sua idade e classe de que esse tipo de coisa jamais cruzaria o caminho de uma pessoa comum, a não ser na ficção, e que seria ainda mais difícil que fosse associada a professores e ex-colegas de escola. Mesmo que eles tivessem maltratado o garoto, Ransom não percebia muita oportunidade de conseguir tirá-lo das mãos deles pela força.

Enquanto esses pensamentos passavam pela sua cabeça, Devine falava com Weston em voz baixa, mas não tanto quanto seria esperado de um homem falando sobre providências de hospitalidade na presença de um hóspede. Tudo terminou com um grunhido de consentimento por parte de Weston. Ransom, a cujas outras dificuldades agora se somava um constrangimento meramente social, voltou-se com a ideia de fazer algum comentário. Mas agora Weston estava falando com o garoto.

– Você já deu bastante trabalho para uma noite, Harry – disse. – E num país razoavelmente governado eu saberia o que fazer com você. Cale a boca e pare de fungar. Não precisa entrar

na lavanderia, se não quiser…

– Não era na lavanderia – disse o abobalhado, aos soluços –, o senhor sabe que não era. Não quero entrar naquela *coisa* de novo.

– Ele está se referindo ao laboratório – interrompeu Devine. – Uma vez entrou lá e ficou trancado acidentalmente por algumas horas. Por algum motivo, ficou apavorado. É um perfeito bugre, sabe? – E, voltando-se para o garoto: – Escute, Harry. Esse senhor generoso vai levar você para casa assim que descansar um pouco. Se você quiser entrar e ficar sentado quieto no *hall*, posso dar-lhe algo que você adora.

Então imitou o barulho de uma rolha sendo retirada de uma garrafa. Ransom se lembrou de que essa era uma das brincadeiras de Devine na escola, e uma gargalhada de cumplicidade infantil escapou da boca de Harry.

– Traga-o para dentro – disse Weston, enquanto dava-lhes as costas e desaparecia, entrando na casa. Ransom hesitou antes de segui-lo, mas Devine garantiu-lhe que Weston teria grande prazer em recebê-lo. A mentira era deslavada, mas a vontade que Ransom estava de descansar um pouco e beber algo estava suplantando rapidamente seus escrúpulos sociais. Precedido por Devine e Harry, ele entrou na casa e se descobriu, daí a um instante, sentado numa poltrona, aguardando a volta de Devine, que tinha ido buscar um lanche.

2

A sala para a qual fora conduzido revelava uma estranha combinação de luxo e imundície. As janelas estavam fechadas e não dispunham de cortinas. No assoalho não havia tapetes, e por todos os lados viam-se malas, aparas de madeira, jornais e livros espalhados. O papel de parede exibia manchas deixadas pelos quadros e pela mobília dos ocupantes anteriores. Por outro lado, as duas únicas poltronas eram do tipo mais caro; e, no lixo que cobria as mesas, charutos, conchas de ostras e garrafas vazias de champanha se acotovelavam com latas de leite condensado e de sardinha, com louça barata, nacos de pão, xícaras com apenas um pouco de chá e guimbas de cigarro.

Pareceu que seus anfitriões estavam demorando muito, e Ransom começou a pensar em Devine. Sentia por ele aquele tipo de repulsa que sentimos por alguém que admiramos na infância por um período muito curto e que, com o tempo, logo deixamos de admirar. Em seis meses, e antes de todos os outros alunos, Devine tinha aprendido aquele tipo de humor que consiste numa paródia permanente dos chavões sentimentais ou idealistas dos mais velhos. Por algumas semanas, suas referências à Querida Escola, a Aprender as Regras, ao Fardo do Homem Branco e a Jogar Limpo tinham encantado a todos e a Ransom também. Contudo, antes de sair de Wedenshaw, Ransom já começava a considerar Devine enfadonho e, em Cambridge, tratara de evitá-lo, perguntando-se como alguém tão espalhafatoso e, por assim dizer, sem originalidade podia ter tanto sucesso. E então veio o mistério da escolha de Devine para a bolsa de pesquisa em Leicester, assim como o mistério ainda maior de sua crescente fortuna. Ele abandonara Cambridge por Londres já havia muito tempo e presumivelmente era "alguém" no mundo financeiro. Eventualmente, ouvia-se falar dele, e o informante em geral encerrava o comentário dizendo: "Camarada muito esperto, a seu modo, o Devine", ou, então, observava em tom de queixa: "É um mistério para mim como esse homem conseguiu chegar aonde chegou." Enfim, Ransom pôde concluir, com base na breve conversa no pátio, que seu ex-colega de escola tinha mudado muito pouco.

Foi interrompido pela porta que se abriu. Devine entrou sozinho, trazendo uma garrafa de uísque numa bandeja com copos e um sifão.

– Weston está vendo alguma coisa para comer – disse, enquanto punha a bandeja no chão ao lado da poltrona de Ransom e tratava de abrir a garrafa. Ransom, que àquela altura já estava com muita sede, percebeu que seu anfitrião era uma daquelas pessoas irritantes que param de fazer o que estão fazendo quando começam a falar. Com a ponta do saca-rolhas, Devine começou a arrancar o papel prateado que cobria a rolha e, então, parou para fazer uma pergunta:

– Como aconteceu de você se encontrar nesta região inculta do país?

– Estou fazendo uma excursão a pé – respondeu Ransom. – Dormi ontem em Stoke Underwood e esperava passar esta noite em Nadderby. Mas eles não quiseram me dar acomodação. Por isso estava seguindo para Sterk.

– Incrível! – exclamou Devine, com o saca-rolhas ainda parado. – Você faz isso por dinheiro ou por puro masoquismo?

– Por prazer, é claro – respondeu Ransom, com o olho fixo na garrafa ainda por abrir.

– Será que dá para explicar para um não iniciado o que pode haver de bom nisso? – perguntou Devine, lembrando-se por um instante do que estava fazendo e rasgando um pedacinho do papel prateado da garrafa.

– Não sei dizer. Para começar, gosto da caminhada em si…

– Meu Deus! Você deve ter gostado do Exército. Aquele negócio de correr de um lado para o outro, hem?

– Não, não. É exatamente o contrário do Exército. Toda a questão no Exército é que nunca se está sozinho por um instante que seja; e não se pode escolher aonde se vai, nem mesmo em que parte da estrada se pisa. Numa excursão a pé, fica-se absolutamente isolado. É possível parar onde se quer e seguir adiante quando bem se entende. Enquanto a excursão durar, não é preciso levar ninguém em consideração, nem consultar ninguém, a não ser a si mesmo.

– Até que uma noite encontra-se um telegrama à espera no hotel com os dizeres: "Volte imediatamente" – contrapôs Devine, retirando por fim o papel prateado.

– Isso se fizer a besteira de deixar uma lista de lugares possíveis de você ser encontrado e de fato ir a esses lugares! O pior que poderia me acontecer seria o telegrama dizer: "Pede-se ao dr. Elwin Ransom, que se acredita estar excursionando a pé pelos condados centrais da Inglaterra, que…".

– Começo a captar a ideia – disse Devine, parando no próprio ato da retirada da rolha. – Se você fosse um homem de negócios, seria impossível! Como você é sortudo! Mas até mesmo você pode simplesmente sumir desse jeito? Nada de mulher, filhos, pais idosos porém lúcidos, nada dessa natureza?

– Só uma irmã casada, na Índia. E depois, veja bem, sou professor universitário. E um professor universitário no meio das férias de verão é praticamente uma criatura inexistente, como você deve se lembrar. A faculdade não sabe onde ele está, nem se importa em saber; e o fato é que mais ninguém se importa.

A rolha acabou saindo da garrafa com um ruído animador.

– Diga quanto basta – disse Devine, quando Ransom estendeu a mão com o copo. – Mas tenho certeza de que deve haver algum senão em algum ponto. Você está querendo mesmo dizer que ninguém sabe onde você está, nem quando você deve voltar? E que ninguém tem como entrar em contato com você?

Ransom respondia afirmativamente com a cabeça, quando Devine, que tinha apanhado o sifão, de repente praguejou:

– Parece que está vazio. Você se importa de beber com água? Vou precisar apanhar na copa. Quanto você quer?

– Pode encher, por favor – disse Ransom.

Depois de alguns minutos, Devine voltou e entregou a Ransom a bebida tão esperada. Enquanto punha na mesa o copo meio vazio, com um suspiro de satisfação, Ransom comentou que a escolha de moradia de Devine era no mínimo tão estranha quanto sua escolha de como passar as férias.

– De fato – respondeu Devine. – Mas, se você conhecesse Weston, saberia que dá muito menos trabalho ir aonde quer do que tentar argumentar com ele. O que se chama de colaborador de vontade forte.

– Colaborador? – disse Ransom, curioso.

– Em certo sentido. – Devine olhou de relance para a porta, aproximou a poltrona em que estava sentado da poltrona de Ransom e prosseguiu num tom mais confidencial. – É claro que ele é cobra. Cá entre nós, estou investindo um pouco de dinheiro em alguns experimentos dele em andamento. Tudo corretíssimo: a marcha do progresso, o bem da humanidade e tudo o mais, mas também há um aspecto industrial nisso.

Enquanto Devine falava, algo estranho começou a acontecer com Ransom. De início, foi apenas uma impressão de que as palavras de Devine não estavam mais fazendo sentido. Parecia estar dizendo que tudo era uma questão industrial e que jamais conseguiu um experimento que lhe agradasse em Londres. Ransom depois percebeu que Devine não estava sendo ininteligível, mas inaudível, o que não surpreendia, já que agora ele parecia estar bem longe – a cerca de um quilômetro dali, embora tudo parecesse perfeitamente nítido, como algo que é visto através de um telescópio. Daquela distância luminosa, Devine, que se encontrava sentado numa minúscula poltrona, olhava para Ransom com uma nova expressão no rosto. O olhar tornou-se desconcertante. Ransom tentou se mexer na poltrona, mas descobriu que tinha perdido todo o controle sobre o próprio corpo. Estava se sentindo perfeitamente confortável, mas era como se seus braços e pernas estivessem atados à poltrona; e sua cabeça, presa numa morsa: uma morsa primorosamente acolchoada, mas totalmente irremovível. Não sentiu medo, embora soubesse que deveria sentir e que em breve sentiria. E então, aos poucos, a sala foi desaparecendo de sua visão.

Ransom nunca pôde saber ao certo se o que se seguiu esteve de algum modo associado aos acontecimentos registrados neste livro ou se tudo não passou de um sonho irresponsável. Pareceu-lhe que ele, Weston e Devine estavam parados num jardinzinho cercado por um muro. O jardim era claro e ensolarado, mas acima do muro não se via nada a não ser a escuridão. Eles estavam tentando passar por cima desse muro, e Weston pediu-lhes que dessem apoio a ele. Ransom não parava de dizer que era desaconselhável pular o muro porque estava muito escuro do outro lado, mas Weston insistiu, e todos os três se empenharam nisso. Ransom era o último e até conseguiu ficar montado no alto do muro, como se estivesse num cavalo, mas com seu casaco cobrindo os cacos de vidro do muro para protegê-lo. Os demais já tinham caído na escuridão do outro lado; mas, antes que os seguisse, abriu-se no muro, por fora, uma porta – que nem Devine nem Weston tinham percebido – e as pessoas mais estranhas que já tinha visto entraram no jardim trazendo os dois. Elas os deixaram no jardim e se recolheram de volta para a escuridão, trancando a porta à sua passagem. Ransom descobriu ser impossível descer do muro. Ficou ali sentado, sem medo, mas se sentindo bastante desconfortável, pois sua perna direita, que estava do lado de fora, parecia muito escura; e a perna esquerda, muito clara.

– Minha perna vai cair se ficar mais escura do que isso – disse. E então, olhando para a escuridão ali embaixo, perguntou: – Quem são vocês?

E a Gente Estranha ainda devia estar por ali, já que todos responderam, exatamente como corujas:

– Rrru… rrru… rrru.

Ransom começou a perceber que sua perna direita não estava assim tão escura como pensava, mas fria e rígida, porque tinha deixado o peso da outra perna sobre ela por muito tempo. Percebeu também que estava sentado numa poltrona de uma sala iluminada. Havia ali perto uma conversa em andamento que, ele agora notava, já se estendia havia algum tempo.

Sua cabeça estava desanuviada. Ele se dava conta de ter sido drogado, hipnotizado ou as duas coisas; e sentia que lhe estava voltando algum controle sobre seu próprio corpo, apesar de ainda estar muito fraco. Então, procurando não se mexer, ouviu atentamente:

– Estou ficando um pouco cansado disso, Weston – dizia Devine –, principalmente porque é meu dinheiro que está em risco. Digo que ele serve tanto quanto o garoto, e em certos aspectos é até melhor. Só que daqui a pouco vai voltar a si, e nós precisamos pô-lo a bordo de uma vez. Devíamos ter feito isso há uma hora.

– O garoto era o ideal – disse Weston, de mau humor. – Incapaz de servir à humanidade e infelizmente muito propenso a propagar a imbecilidade. Era o tipo de menino que, numa comunidade civilizada, seria automaticamente entregue a um laboratório do Estado para uso em experimentos.

– É provável. Mas na Inglaterra ele é o tipo de menino pelo qual a Scotland Yard até poderia ter algum interesse. Por outro lado, ninguém sentirá falta desse enxerido por meses a fio; e, mesmo quando sentirem a falta dele, ninguém saberá por onde andava quando desapareceu. Ele veio sozinho. Não deixou nenhum endereço. Não tem família. E, finalmente, foi por sua própria vontade que enfiou o nariz onde não era chamado.

– Bem, confesso que não gosto da ideia. Afinal de contas, ele é humano. O garoto, no fundo, é quase um… um esboço, mas mesmo assim, ele é apenas um indivíduo, e muito provavelmente um indivíduo rematadamente inútil. Estamos arriscando nossa vida também. Por uma grande causa…

– Pelo amor de Deus, não me venha com isso agora. Não temos tempo.

– Eu diria – retrucou Weston – que ele concordaria se fosse possível fazê-lo entender.

– Pegue os pés e eu pego a cabeça – disse Devine.

– Se você acha mesmo que ele está voltando a si – disse Weston –, é melhor lhe dar mais uma dose. Só vamos poder partir quando tivermos a luz do sol. Não seria nada agradável que ficasse ali dentro se debatendo por umas três horas. O melhor seria se só despertasse depois que estivéssemos a caminho.

– Tem razão. Fique de olho nele enquanto eu subo para pegar mais uma dose.

Devine saiu da sala. Ransom viu através dos olhos semicerrados que Weston estava parado bem perto dele. Não tinha como prever de que modo seu corpo reagiria, se é que ia reagir, a uma súbita tentativa de movimento, mas percebeu de imediato que precisava aproveitar a oportunidade. Quase antes que Devine fechasse a porta, ele se atirou com toda a força aos pés de Weston. O cientista caiu para a frente por cima da poltrona, e Ransom, desvencilhando-se dele com um esforço desesperador, levantou-se e saiu correndo em direção ao *hall*. Estava muito fraco e caiu ao entrar ali. Mas o terror estava atrás dele; e, em questão de segundos, encontrou a porta do *hall* e começou a se esforçar desesperadamente para abrir as trancas. A escuridão e as mãos trêmulas não o ajudavam. Antes que tivesse aberto uma única tranca, o som estridente de botas veio pelo piso sem tapetes atrás dele. Foi agarrado pelos ombros e pelos joelhos. Escoiceando, debatendo-se, encharcado de suor e berrando tão alto quanto conseguia, na remota esperança de ser socorrido, prolongou a luta com uma violência da qual ele acreditava ser incapaz. Por um momento de glória, a porta se abriu, o ar fresco da noite tocou-lhe o rosto, ele viu as estrelas tranquilizadoras e até mesmo sua mochila jogada ali no alpendre. Depois um forte golpe atingiu-lhe a cabeça. A consciência apagou-se, mas não antes

de perceber as fortes mãos que o agarraram e o puxaram de volta para o corredor escuro, vindo em seguida o som de uma porta que se fechava.

3

Quando recobrou os sentidos, Ransom teve a impressão de que estava numa cama em um quarto escuro. Sentia uma dor de cabeça bastante forte, e foi ela, associada a uma lassidão geral, que de início o desanimou a tentar se levantar ou a dar uma olhada no ambiente. Ele percebeu, passando a mão de um lado ao outro da testa, que estava transpirando muito, o que voltou sua atenção para o fato de que fazia um calor fora do comum no aposento (se é que era um aposento). Mexendo com os braços para se livrar das cobertas, tocou numa parede do lado direito da cama: ela não estava apenas morna, mas quente de verdade. Balançou a mão esquerda para cá e para lá do outro lado e percebeu que ali o ar era mais fresco. Parecia que o calor provinha da parede. Apalpou o rosto e encontrou um hematoma acima do olho esquerdo. Isso fez que se lembrasse da luta com Weston e Devine; e concluiu no mesmo instante que os dois o tinham colocado num anexo por trás da fornalha. Ao mesmo tempo, olhou para cima e reconheceu a luz fraca com a qual, sem se dar conta, tinha conseguido o tempo todo ver os movimentos das próprias mãos. Havia alguma espécie de claraboia imediatamente acima da sua cabeça – um quadrado de céu noturno, repleto de estrelas. Pareceu a Ransom que jamais tinha contemplado uma noite tão glacial. Pulsando com tanto brilho, como se com algum prazer ou dor insuportável, aglomeradas em multidões inexploradas e sem conta, com a nitidez de um sonho, refulgindo em contraste com o negrume perfeito, as estrelas tivessem prendido toda a sua atenção, perturbando-o, estimulando-o e fazendo que se sentasse. Ao mesmo tempo, elas aceleraram o latejar de sua dor de cabeça, e isso o fez se lembrar de que tinha sido dopado. Mal começou a formular de si para si a teoria de que a droga que lhe haviam dado talvez tivesse algum efeito sobre a pupila, o que explicaria a plenitude e o esplendor extraordinários do céu, uma perturbação de luz prateada, quase um nascer do sol pálido e diminuto, num canto da claraboia, voltou a atrair seu olhar para o alto. Daí a alguns minutos, o orbe da lua cheia vinha entrando no seu campo visual. Ransom permaneceu sentado, imóvel, olhando. Nunca tinha visto uma lua daquelas – tão branca, tão ofuscante, tão grande. “Como uma enorme bola de futebol logo ali do lado de fora da vidraça”, pensou, e um instante depois se corrigiu: “Não, é maior do que isso.” A essa altura, já tinha certeza total de estar com algum problema grave nos olhos. Era impossível que alguma lua pudesse ter o tamanho daquilo que estava vendo.

A luz da lua imensa – se é que era uma lua – tinha agora clareado o ambiente em que se encontrava quase como se fosse dia. Era um aposento muito estranho. O piso era tão pequeno que a cama e uma mesa ao lado ocupavam toda a largura. O teto parecia ter o dobro dessa largura, e as paredes se inclinavam para fora à medida que subiam, de modo que Ransom tinha a impressão de estar no fundo de um carrinho de mão fundo e estreito. Isso confirmou sua suspeita de que sua visão estava prejudicada temporária ou permanentemente. De outros aspectos, porém, estava se recuperando com rapidez, e chegava até mesmo a sentir uma extraordinária leveza de coração e uma empolgação nada desagradável. O calor ainda era sufocante, e ele ficou somente de calças e camisa antes de se levantar para uma exploração do ambiente. Levantar-se foi desastroso e despertou em sua mente apreensões mais graves acerca dos efeitos de estar dopado. Embora não tivesse noção de nenhum esforço muscular inusitado,

descobriu-se saltando da cama com uma energia que fez sua cabeça entrar em violento contato com a claraboia, atirando-o de volta ao chão, como uma trouxa. Foi parar do outro lado, encostado na parede: a parede que deveria ter se inclinado para fora como o lado de um carrinho de mão, segundo seu reconhecimento anterior. Mas não se inclinava. Tateou-a e olhou para ela. Formava inequivocamente um ângulo reto com o chão. Dessa vez com mais cautela, voltou a se levantar. Sentia uma extraordinária leveza no corpo. Foi com dificuldade que manteve os pés no chão. Pela primeira vez, passou-lhe pela cabeça a suspeita de que estivesse morto e já na vida de espírito. Ele tremia, mas centenas de hábitos mentais o proibiam de levar essa possibilidade em consideração. Em vez disso, examinou sua prisão. O resultado não deixou margem a dúvidas: apesar de todas as paredes parecerem se inclinar para fora de tal modo que o aposento fosse mais largo no teto do que no piso, cada parede, quando se ficava em pé ao lado dela, revelava ser perfeitamente perpendicular – não só para a visão, mas também para o tato, caso a pessoa resolvesse se abaixar e examinar com os dedos o ângulo entre a parede e o piso. O mesmo exame revelou mais dois fatos curiosos: o aposento tinha paredes e piso de metal e estava numa vibração leve e constante – uma vibração silenciosa, com um aspecto estranhamente vivo e não mecânico. No entanto, se a vibração era silenciosa, havia a presença de bastante ruído – uma série de batidas ou percussões musicais a intervalos totalmente irregulares que parecia vir do teto. Era como se a câmara metálica na qual se encontrava estivesse sendo bombardeada por pequenos mísseis tilintantes. A essa altura, Ransom estava totalmente apavorado – não com o medo prosaico que um homem tem na guerra, mas com um tipo de medo inebriante, impetuoso, que mal se distinguia do seu estado de empolgação geral. Estava como que pousado num divisor de águas de natureza emocional, do qual sentia que poderia a qualquer instante passar para um terror delirante ou para um êxtase de alegria. Podia pensar que estava num submarino, mas sabia agora que não; e a oscilação infinitesimal do metal sugeria que o movimento não era o de um veículo provido de rodas. Uma nave, supôs, então, ou algum tipo de aeronave… mas havia um quê de estranho em todas as suas sensações que não era explicado por nenhuma das duas suposições. Intrigado, voltou a se sentar na cama e fixou o olhar na lua descomunal.

Uma aeronave, algum tipo de veículo aéreo… mas por que a lua estava tão grande? Estava ainda maior do que havia pensado de início. Nenhuma lua poderia realmente ser daquele tamanho; e agora se dava conta de que sabia disso desde o princípio, mas tinha reprimido o conhecimento por causa do pavor. Ao mesmo tempo, ocorreu-lhe uma ideia que o deixou sem fôlego – não podia haver lua cheia de modo algum naquela noite. Lembrava-se claramente de ter vindo andando de Nadderby numa noite sem lua. Mesmo que tivesse deixado de perceber o risco fino de uma lua crescente, ela não poderia ter crescido tanto assim em apenas algumas horas. Na verdade, ela jamais poderia ter crescido a esse ponto – até o tamanho desse disco megalomaníaco, muito maior do que a bola de futebol à qual ele a havia comparado primeiro, maior do que um bambolê, que preenchia quase a metade do céu. E onde estava o São Jorge – o vulto conhecido que contemplava lá do alto todas as gerações de homens? Aquilo não era a lua mesmo, e sentiu todo o cabelo arrepiar.

Nesse momento, o som de uma porta que se abria fez que ele virasse a cabeça. Um retângulo de luz ofuscante surgiu atrás dele e desapareceu instantaneamente quando a porta voltou a se fechar, tendo permitido a passagem da forma volumosa de um homem nu, que Ransom reconheceu como Weston. Nenhuma censura, nenhuma exigência de explicação

chegou aos lábios de Ransom, nem mesmo à sua mente. Não com aquele orbe monstruoso ali em cima. A mera presença de um ser humano, com sua promessa de no mínimo alguma companhia, rompeu a tensão com a qual seus nervos vinham resistindo a uma aflição sem fim. Quando falou, descobriu que estava soluçando:

– Weston! Weston! – exclamou sem fôlego. – O que é aquilo? Não é a lua, não desse tamanho. Não pode ser, não é mesmo?

– Não – respondeu Weston –, é a Terra.

4

As pernas de Ransom não o sustentaram, e devia ter caído de volta na cama, mas só se deu conta disso daí a muitos minutos. Naquele instante, não estava consciente de coisa alguma, exceto do medo. Nem mesmo sabia do que estava sentindo medo: o próprio medo ocupava toda a sua mente, uma apreensão amorfa, infinita. Não perdeu a consciência, embora sentisse um desejo enorme de que isso acontecesse. Qualquer mudança – a morte, o sono ou, a melhor de todas, um despertar que revelasse que tudo aquilo era um sonho – teria sido indescritivelmente bem-vinda. Nada ocorreu. Em vez disso, o autocontrole de toda uma vida de homem social, as virtudes que são em parte hipocrisia ou a hipocrisia que, em parte, é uma virtude, voltou a se impor, e logo ele se viu falando com Weston com uma voz que, envergonhada, não mais tremia.

– Você está falando sério? – perguntou.

– Claro que sim.

– Então, onde estamos?

– Estamos a cerca de 140 mil quilômetros da Terra.

– Quer dizer que estamos… no espaço – Ransom pronunciou a palavra com dificuldade, como uma criança assustada fala de fantasmas ou um homem apavorado fala do câncer.

Weston respondeu "sim" com a cabeça.

– Para quê? – disse Ransom. – E por que cargas-d'água você me sequestrou? E como conseguiu?

Por um instante, Weston pareceu não se dispor a dar resposta alguma. Depois, como se tivesse pensado melhor, sentou-se na cama ao lado de Ransom e falou:

– Creio que pouparemos trabalho se eu lidar com essas perguntas de imediato, em vez de deixar que você me importune com elas a toda hora durante o próximo mês. Quanto a como conseguimos, imagino que você esteja se referindo a como funciona a espaçonave. De nada adianta fazer essa pergunta. A menos que você fosse um dos quatro ou cinco físicos de verdade atualmente vivos, não teria condições de entender. E, se houvesse a menor chance de você entender, é claro que eu não lhe diria. Se lhe agrada repetir palavras sem nenhum significado, o que é de fato o que as pessoas não científicas querem quando pedem uma explicação, você pode dizer que nosso funcionamento passa pelo aproveitamento das propriedades menos observadas da radiação solar. Quanto ao motivo para estarmos aqui, estamos a caminho de Malacandra…

– Você está falando de uma estrela chamada Malacandra?

– Até mesmo você dificilmente poderia imaginar que vamos sair do Sistema Solar. Malacandra fica muito mais perto. Chegaremos lá em cerca de 28 dias.

– Não existe nenhum planeta chamado Malacandra – contestou Ransom.

– Estou usando seu nome verdadeiro, não o nome inventado pelos astrônomos terrestres – disse Weston.

– Mas sem dúvida isso é uma bobajada. De que modo conseguiu descobrir o nome

verdadeiro, como você diz?

– Com os habitantes.

Ransom levou algum tempo para digerir essa informação.

– Você está querendo dizer que já esteve nessa estrela, nesse planeta ou seja lá o que for?

– Sim.

– Você não pode mesmo me pedir para acreditar nisso – disse Ransom. – Ora, não é uma questão corriqueira. Por que ninguém ouviu falar no assunto? Por que não saiu nos jornais?

– Porque não somos perfeitos idiotas – disse Weston, em tom áspero.

Depois de alguns momentos de silêncio, Ransom recomeçou.

– Qual é o planeta na nossa terminologia? – perguntou.

– De uma vez por todas – disse Weston –, não vou lhe dizer. Se conseguir descobrir, quando chegarmos lá, fique à vontade. Acho que não temos muito a temer dos seus feitos científicos. Por enquanto, não há motivo para você saber.

– E você diz que esse lugar é habitado? – perguntou Ransom.

Weston lançou-lhe um olhar estranho e então concordou, em silêncio. A inquietação que isso provocou em Ransom fundiu-se rapidamente numa raiva que ele quase já tinha perdido de vista em meio às emoções conflitantes que o assediavam.

– E o que tudo isso tem a ver comigo? – explodiu. – Vocês me agrediram e me doparam e agora parece que estão me levando como prisioneiro nesta máquina infernal. O que eu fiz a vocês? O que você tem a dizer em sua defesa?

– Eu poderia responder perguntando-lhe por que você entrou no meu quintal como um ladrão. Se você não tivesse metido o nariz onde não tinha sido chamado, não estaria aqui. Na realidade, admito que tivemos de infringir alguns direitos seus. Minha única defesa é que os fins justificam os meios. Ao que nos seja dado saber, estamos fazendo o que nunca foi feito na história do homem, talvez na história do universo. Aprendemos a saltar do cisco de matéria no qual nossa espécie surgiu. O infinito e, portanto, talvez a eternidade, está sendo posto nas mãos da espécie humana. Você não pode ser tão mesquinho a ponto de pensar que os direitos ou a vida de um indivíduo ou de um milhão de indivíduos tenham a menor importância em comparação com isso.

– Acontece que eu discordo – disse Ransom –, e sempre discordei, mesmo a respeito da vivissecção. Mas você não respondeu a minha pergunta. Para que você me quer? De que modo posso ser útil nesse… em Malacandra?

– Isso eu não sei – disse Weston. – Não foi ideia nossa. Só estamos obedecendo a ordens.

– Ordens de quem?

Houve mais uma pausa.

– Ora – disse Weston, por fim. – Realmente de nada adianta continuar esse interrogatório. Você não para de me fazer perguntas às quais não posso responder: em alguns casos porque não sei as respostas, em outros porque você não as entenderia. Tudo será muito mais agradável durante a viagem se você puder resignar sua mente ao seu destino e parar de importunar a si mesmo e a nós. Seria mais fácil se sua filosofia de vida não fosse tão insuportavelmente tacanha e individualista. Eu tinha imaginado que qualquer um se sentiria inspirado com o papel que você está sendo solicitado a desempenhar agora; até mesmo uma minhoca, se conseguisse compreender, se disporia ao sacrifício. É claro que estou me

referindo ao sacrifício do tempo e da liberdade, com um pouco de risco. Não me compreenda mal.

– Bem – disse Ransom –, você está com todas as cartas na mão, e eu preciso tirar o melhor partido da situação. Considero *sua* filosofia de vida uma loucura delirante. Imagino que toda essa história de infinito e eternidade signifique que você calcula estar justificado em qualquer coisa… absolutamente qualquer coisa… que faça aqui e agora, pela hipótese remota de que alguma criatura qualquer, descendente do homem como o conhecemos, possa rastejar alguns séculos a mais em alguma parte do universo.

– É, absolutamente qualquer coisa – retrucou o cientista, em tom severo –, e toda a opinião educada, pois não considero educação os clássicos, história e essas bobagens, está completamente a meu favor. Foi bom você ter tocado nesse ponto, e eu o aconselho a lembrar minha resposta. Enquanto isso, se quiser me acompanhar ao aposento ao lado, poderemos tomar o café da manhã. Cuidado com o jeito de se levantar: é difícil avaliar seu peso aqui em comparação com seu peso na Terra.

Ransom levantou-se, e seu sequestrador abriu a porta. Imediatamente o compartimento foi banhado por uma deslumbrante luz dourada que absorveu totalmente o pálido clarão da Terra por trás dele.

– Já vou lhe dar óculos escuros – disse Weston, ao entrar antes dele na câmara de onde o esplendor se derramava. Pareceu a Ransom que Weston subiu uma rampa na direção do portal e desapareceu de repente, descendo, depois de passar por ele. Quando o seguiu, o que fez com muito cuidado, teve a impressão de que estava subindo até a borda de um precipício: o novo compartimento para além do portal parecia estar construído de lado, de tal modo que sua parede mais distante se apresentava quase no mesmo plano que o piso do compartimento do qual estava saindo. Entretanto, quando se arriscou a pôr um pé adiante, descobriu que o piso continuava rente; e que, quando entrou no segundo compartimento, as paredes de repente se endireitaram, e o teto arredondado estava lá no alto. Olhando para trás, percebeu que o quarto por sua vez estava agora se inclinando: com o teto se tornando uma parede, e uma das paredes se tornando um teto.

– Você logo se acostuma – disse Weston, acompanhando o olhar de Ransom. – A nave é mais ou menos esférica. E, agora que estamos fora do campo gravitacional da Terra, "para baixo" significa para o centro do nosso próprio mundinho de metal, e é essa a sensação que temos. É claro que isso foi previsto, e construímos a nave levando em conta esse detalhe. O centro da nave é um globo oco onde guardamos nossas provisões, e a superfície desse globo é o piso em que estamos andando. As cabines estão dispostas em toda a volta, com suas paredes dando sustentação a um globo externo que, do nosso ponto de vista, é o teto. Como o centro sempre está "para baixo", a área de piso na qual se está em pé sempre parece plana ou horizontal, e a parede na qual se está encostado sempre parece vertical. Por outro lado, o globo do piso é tão pequeno que sempre se pode enxergar por cima da borda, por cima do que seria o horizonte para uma pulga, e então se veem o piso e as paredes da cabine seguinte num plano diferente. Acontece exatamente a mesma coisa na Terra, mas nós somos pequenos demais para ver.

Depois dessa explicação, com seu jeito preciso e nada cortês, tomou providências para acomodar seu convidado ou prisioneiro. Seguindo seu conselho, Ransom tirou toda a roupa e vestiu em seu lugar um pequeno cinturão metálico do qual pendiam pesos enormes, destinados

a reduzir, tanto quanto possível, a incontrolável leveza do seu corpo. Também pôs óculos escuros e logo estava sentado diante de Weston, a uma pequena mesa posta para o café. Estava com fome e com sede, e atacou ansioso a refeição que consistia em carne enlatada, biscoitos, manteiga e café.

No entanto, realizou todos esses atos mecanicamente. Despir-se, comer e beber quase passaram despercebidos, e tudo o que conseguiria se lembrar da sua primeira refeição na espaçonave foi da tirania do calor e da luz. A presença dos dois era num grau que teria sido intolerável na Terra, mas cada um agora se apresentava com um novo aspecto. A luz era mais clara do que qualquer luz de intensidade comparável que jamais tivesse visto. Não era de um branco puro, mas do mais pálido de todos os tons imagináveis do ouro, e lançava sombras tão nítidas quanto as lançadas por um holofote. O calor, totalmente desprovido de umidade, parecia amassar e afagar a pele como um massagista gigante. Não produzia a menor tendência à sonolência, mas, sim, um forte entusiasmo. Sua dor de cabeça tinha desaparecido. Sentia-se alerta, corajoso e magnânimo como raramente se sentira na Terra. Aos poucos ousou erguer os olhos para a claraboia. Anteparos de aço fechavam todo o vidro, menos uma fresta, e essa fresta estava coberta com cortinas de algum tecido pesado e escuro. Mas mesmo assim a luz que passava era forte demais para se olhar.

– Sempre achei que o espaço fosse escuro e frio – comentou Ransom, distraído.

– Esqueceu-se do Sol? – disse Weston, com desdém.

Ransom continuou a refeição por algum tempo. E então voltou a falar:

– Se já está assim de manhã cedo… – Ele parou de repente, advertido pela expressão de Weston. O assombro o dominou: aqui não havia manhã, nem entardecer, nem noite. Nada a não ser o meio-dia imutável que ocupava havia séculos, desde muito antes da história, tantos milhões de quilômetros cúbicos. Ele voltou a olhar para Weston, que ergueu a mão:

– Não fale – disse. – Já conversamos sobre tudo o que é necessário. A nave não carrega oxigênio suficiente para qualquer esforço supérfluo. Nem mesmo para a conversa.

Pouco depois, levantou-se, sem convidar o outro a acompanhá-lo, e deixou o compartimento por uma das muitas portas que Ransom ainda não tinha visto abertas.

5

O período passado na espaçonave deveria ter sido de terror e ansiedade para Ransom. Uma distância astronômica o separava de qualquer outro membro da espécie humana, com exceção de dois de quem tinha excelentes motivos para desconfiar. Estava seguindo para um destino desconhecido e sendo levado para lá com uma finalidade que seus sequestradores se recusavam terminantemente a revelar. Devine e Weston revezavam-se com regularidade num compartimento ao qual Ransom nunca teve acesso e onde supunha que estivessem os comandos da nave. Weston, quando não estava de serviço, ficava em silêncio quase total. Devine era mais tagarela e conversava e dava gargalhadas com o prisioneiro até Weston bater na parede da cabine de comando e adverti-los para que não desperdiçassem ar. No entanto, a partir de determinado ponto, Devine guardava segredo. Dispunha-se perfeitamente a rir do solene idealismo científico de Weston. Dizia não dar a menor importância ao futuro da espécie ou ao encontro de dois mundos.

– Malacandra é muito mais que isso – acrescentava, com uma piscada de olho. Mas quando Ransom fazia mais perguntas a respeito, Devine entregava-se à zombaria e fazia comentários irônicos sobre o fardo do homem branco e as bênçãos da civilização.

– Quer dizer que o planeta é habitado? – insistia Ransom.

– Ah… nesse tipo de coisa sempre existe a questão dos nativos – respondia Devine. Seu principal tema de conversa era tudo o que iria fazer quando voltasse para a Terra: iates oceânicos, as mulheres mais caras e uma grande residência na Riviera eram parte importante de seus planos. – Não estou correndo todos esses riscos à toa.

Perguntas diretas sobre o próprio papel de Ransom geralmente eram recebidas em silêncio. Apenas uma vez, em resposta a uma dessas perguntas, Devine, que naquele momento, na opinião de Ransom, não estava nem um pouco sóbrio, admitiu que eles estavam "passando-lhe a batata quente".

– Mas tenho certeza de que você não envergonhará as cores de nossa escola – acrescentou Devine.

Tudo isso, como já foi dito, era bastante inquietante. O estranho era Ransom não se inquietar tanto quanto devia. É difícil para um homem ficar ruminando a respeito do futuro quando se sente tão extraordinariamente bem como Ransom estava se sentindo. De um lado da nave havia uma noite interminável; e, do outro, um dia interminável. Cada um era maravilhoso, e ele, encantado, passava de um para o outro à vontade. Nas noites que podia criar ao girar a maçaneta de uma porta, ele passava horas contemplando a claraboia. Não se via em parte alguma o disco da Terra. As estrelas, apinhadas como margaridas num gramado por cortar, reinavam perpétuas, sem nuvens, sem lua, sem amanhecer que se opusessem a elas. Havia planetas de majestade incrível e constelações inimaginadas: eram safiras, rubis e esmeraldas celestiais, bem como minúsculos pontos de ouro candente. Muito ao longe, à esquerda da imagem, havia um cometa, minúsculo e remoto. E entre todos e por trás de todos, muito mais contrastante e palpável do que se apresentava na Terra, o negrume enigmático, insondável. As luzes tremiam. Pareciam ficar mais brilhantes quando ele as contemplava. Deitado nu na cama,

uma segunda encarnação de Dânae*, a cada noite descobria ser mais difícil deixar de acreditar na antiga astrologia: quase sentia e imaginava plenamente a "suave influência" que se derramava no seu corpo submisso, ou que até mesmo o espetava. Reinava o silêncio, com exceção dos retinidos irregulares. Agora sabia que eram provocados por meteoritos, pequenas partículas da matéria do mundo, à deriva, que atingiam continuamente o tambor de aço oco. E supôs que, a qualquer instante, eles poderiam deparar com algum objeto de tamanho suficiente para transformar em meteoritos a nave e a todos eles. Mas não podia ter medo. Agora percebia que Weston o chamara justificadamente de tacanho na ocasião de seu primeiro pânico. A aventura era sublime demais, as circunstâncias solenes demais para qualquer emoção que não fosse uma grande satisfação. Contudo, o melhor de tudo eram os dias – quer dizer, as horas passadas no hemisfério de seu microcosmo que estava voltado para o sol. Com frequência, levantava-se depois de apenas algumas horas de sono para voltar, levado por uma atração irresistível, para as áreas de luz. Não conseguia deixar de se admirar com a luz meridiana que sempre o aguardava por mais cedo que a procurasse. Ali, totalmente imerso num banho de pura cor etérea e de um brilho implacável, embora inofensivo, deitado esticado com os olhos semicerrados na estranha carruagem que os transportava, com leves tremores, através de imensidões e mais imensidões de tranquilidade, muito acima do alcance da noite, sentia o corpo e a mente diariamente esfregados, limpos e repletos de uma nova vitalidade. Weston, numa de suas respostas breves e relutantes, admitiu haver uma base científica para essas sensações. Disse que estavam recebendo muitos raios que jamais penetravam na atmosfera terrestre.

No entanto, com a passagem do tempo, Ransom foi se conscientizando de outra causa mais espiritual para essa progressiva leveza e exultação do coração. Ele estava se livrando de um pesadelo, há muito tempo gerado na mente moderna pela mitologia que segue na esteira da ciência. Ransom tinha lido sobre o "Espaço": há anos, ocultava-se no fundo do seu pensamento a lúgubre fantasia do vácuo negro e frio, da total ausência de vida, que supostamente separava os mundos. Até agora, não sabia quanto essa ideia o afetava – agora que o próprio nome "Espaço" parecia uma blasfêmia caluniosa, diante do oceano empíreo de radiância no qual eles nadavam. Não poderia chamá-lo de "morto"; sentia que a vida se derramava do oceano para dentro dele a todo instante. De fato, como poderia ter sido diferente, se desse oceano provinham os mundos e toda a vida neles? Ele o havia imaginado árido. Agora via que era o ventre dos mundos, cuja prole ardente e incontável todas as noites contemplava até mesmo a Terra, com tantos olhos – e aqui, com quantos mais! Não! "Espaço" era um nome errado. Pensadores mais antigos tinham sido mais sábios ao chamá-lo simplesmente de "céus" – os céus que manifestam a glória – as

plagas felizes
Onde nunca se encerra o dia
Lá em cima, na vastidão dos céus.

Ele citou as palavras de Milton para si mesmo, amorosamente, nessa ocasião e com frequência.

É claro que não passava o tempo todo banhando-se à luz. Explorava a nave (até onde lhe

era permitido), passando de um compartimento para outro, com aqueles movimentos vagarosos que Weston recomendava com insistência para que o esforço não esgotasse suas reservas de ar. A forma da nave indicava que ela continha um número muito maior de compartimentos do que os que estavam em uso regular. Mas Ransom também se inclinava a pensar que seus proprietários – ou pelo menos Devine – pretendiam que esses compartimentos fossem ocupados com algum tipo de carga na viagem de volta. Por um processo imperceptível, ele também se tornou o cozinheiro e o copeiro do grupo, em parte por achar natural colaborar nas únicas tarefas em que podia ajudar, pois nunca tinha permissão para entrar na cabine de comando, e em parte para se antecipar a uma tendência que Weston demonstrava de fazer dele seu criado, quer quisesse, quer não. Ransom preferia trabalhar como voluntário em vez de se admitir escravo. Além disso, sua culinária era muito mais do seu agrado que a de seus companheiros de viagem.

Foram esses deveres que o tornaram o ouvinte, a princípio involuntário e em seguida alarmado, de uma conversa que ocorreu por volta de quinze dias (calculou) após o início da viagem. Tinha acabado de lavar os restos da refeição da noite, tomado banho de sol, batido papo com Devine – melhor companhia que Weston, embora, na sua opinião, fosse o mais odioso dos dois – e se recolhido à cama no horário normal. Estava um pouco inquieto; e, depois de cerca de uma hora, ocorreu-lhe que tinha se esquecido de uma pequena providência ou duas na cozinha de bordo que facilitariam seu trabalho pela manhã. O acesso à cozinha era pelo salão ou sala de estar diurna, e a entrada ficava perto da porta da cabine de comando. Levantou-se e foi direto para lá. Além de nu, estava descalço.

A claraboia da cozinha ficava voltada para o lado escuro da nave, mas Ransom não acendeu a luz. Deixar a porta aberta era suficiente, já que ela permitia a passagem de um feixe de luz forte do sol. Foi quando descobriu que seus preparativos para a manhã tinham sido ainda mais incompletos do que supunha. Cumpriu bem as tarefas, graças à prática, e em silêncio. Acabava de encerrar tudo e estava secando as mãos no rolo de toalha atrás da porta da cozinha de bordo quando ouviu a porta da cabine de comando se abrir e viu a silhueta de um homem do lado de fora da cozinha, concluindo que era Devine. Devine não avançou para o salão, mas permaneceu ali parado, conversando – aparentemente com alguém na cabine de comando. Apesar de conseguir ouvir nitidamente o que Devine dizia, Ransom não captava as respostas de Weston.

– Acho que seria uma tolice – disse Devine. – Se você pudesse ter certeza de encontrar os selvagens onde vamos pousar, talvez fosse interessante. Mas vamos imaginar que seja preciso fazer uma caminhada. Tudo o que ganharíamos com esse seu plano seria a obrigação de carregar um homem dopado e sua bagagem em vez de permitir que um homem acordado ande conosco e faça sua parte do trabalho.

Pareceu que Weston respondeu alguma coisa.

– Mas ele *não tem como* descobrir – retrucou Devine. – A menos que alguém seja idiota a ponto de contar-lhe. Seja como for, mesmo que ele suspeite, você acha que um homem como ele teria coragem para fugir num planeta desconhecido? Sem comida? Sem armas? Você vai ver que ele virá comer na sua mão da primeira vez que avistar um *sorn*.

Ransom ouviu mais uma vez o som confuso da voz de Weston.

– Como eu poderia saber? – disse Devine. – Pode ser algum tipo de chefe. Com muita probabilidade de ser algum ídolo primitivo.

Dessa vez, veio uma frase curta da cabine de comando: aparentemente uma pergunta. Devine respondeu de pronto.

– Explicaria por que queriam sua presença.

Weston fez mais uma pergunta.

– Imagino que seja algum sacrifício humano. Pelo menos, não seria humano, do ponto de vista *deles*. Você sabe o que quero dizer.

Weston deu então uma longa resposta, que provocou o risinho característico de Devine.

– Lógico, lógico – disse Devine. – Entende-se que você está fazendo isso pelos motivos mais nobres. Desde que eles levem às ações determinadas pelos *meus* motivos, fique à vontade com os seus.

Weston continuou. E dessa vez Devine deu a impressão de interrompê-lo:

– Você não está perdendo o ânimo, está? – disse. Ficou então em silêncio por um tempo, como se escutasse. Por fim, respondeu. – Se você gosta tanto assim dos selvagens, é melhor ficar para procriar… se é que eles têm sexo, o que ainda não sabemos. Não se preocupe. Quando chegar a hora de limpar o lugar, reservamos um ou dois para você ter como animais de estimação, para vivissecção ou para dormir com eles, ou as três opções, como bem lhe aprouver… É, eu sei. Perfeitamente odioso. Eu estava só brincando. Boa noite.

Daí a um instante, Devine fechou a porta da cabine de comando, atravessou o salão e entrou na sua cabine. Ransom o ouviu passar a tranca na porta, um costume invariável, embora enigmático. Então, relaxou a tensão de ficar escutando escondido e percebeu que estivera prendendo a respiração, passando a respirar fundo novamente. Em seguida, pôs os pés com cuidado no salão.

Apesar de saber que seria prudente voltar para a cama o mais rápido possível, descobriu-se em pé, imóvel, na luz gloriosa, e agora familiar, encarando-a com uma emoção nova e penetrante. Desses céus, dessas plagas felizes, eles em breve desceriam para o quê? *Sorns*, sacrifício humano, medonhos monstros assexuados. O que era um *sorn*? Seu papel nessa história agora estava bastante claro. Alguém ou alguma coisa tinha mandado trazê-lo. Dificilmente teria sido pedido especificamente ele. O tal alguém queria uma vítima, qualquer vítima, da Terra. Ele fora escolhido porque Devine se encarregara da escolha. Só agora percebia – tardia e espantosamente – que Devine sentira por ele, durante todos aqueles anos, um ódio tão visceral quanto ele sentira por Devine. Mas o que seria um *sorn*? Quando os visse, iria comer da mão de Weston. Sua mente, como a de tantos outros da sua geração, estava sobejamente provida de bichos-papões. Tinha lido H. G. Wells e outros. Seu universo era habitado por horrores com os quais a mitologia antiga e a medieval dificilmente poderiam rivalizar. Nenhum ser abominável insetiforme, vermiforme ou crustáceo, nenhuma antena trêmula, asa enervante, anel gosmento, tentáculo encrespado, nenhuma união monstruosa de inteligência sobre-humana com crueldade insaciável parecia a seus olhos nada menos que provável num mundo desconhecido. Os *sorns* seriam… seriam… não ousava pensar no que os *sorns* seriam. E estava destinado a ser entregue a eles. De algum modo, isso parecia mais horrível do que ser apanhado por eles. Dado, entregue, ofertado. Através da imaginação via várias monstruosidades incompatíveis – olhos esbugalhados, bocas arreganhadas, chifres, ferrões, mandíbulas. A aversão aos insetos, às cobras, a todas as criaturas que se espremiam e chapinhavam tocava suas sinfonias horrendas nos nervos de Ransom. A realidade seria pior, porém: um Outro extraterrestre – algo que nunca tivesse sido imaginado, que nunca pudesse ter

sido imaginado. Nesse momento, Ransom tomou uma decisão. Enfrentaria a morte, mas não os *sorns*. Precisava escapar quando chegassem a Malacandra, se houvesse alguma possibilidade. Morrer de inanição, ou mesmo ser perseguido pelos *sorns*, seria melhor do que ser entregue a eles. Se fosse impossível fugir, a alternativa seria o suicídio. Ransom era religioso. Tinha esperança de ser perdoado. Pensou que estava tão fora da sua capacidade decidir de outro modo quanto fazer crescer mais um membro no corpo. Sem hesitar, voltou sorrateiro para a cozinha de bordo e apanhou a faca mais afiada. Daquele momento em diante, estava determinado a jamais se separar dela.

Tamanha foi a exaustão provocada pelo terror que, quando chegou de volta à cama, caiu instantaneamente num sono entorpecido e sem sonhos.

* Na mitologia grega, Acrísio, rei de Argos, ouve a profecia de que um dia será assassinado pelo próprio neto. Assim, para impedir que sua única filha, Dânae, engravide, trancafia-a em uma alta torre de bronze, cuja entrada é vigiada o tempo todo. Zeus, porém, apaixonado pela jovem princesa, transforma-se em chuva de ouro, acessa o cárcere de Dânae pela janela e a engravida de Perseu. (N. do E.)

6

Acordou muito reanimado e até com um pouco de vergonha do terror da noite anterior. Sua situação era, sem dúvida, muito séria. De fato, a possibilidade de voltar vivo para a Terra podia ser quase descartada. Mas era possível encarar a morte e controlar o medo racional que sentia dela. Era apenas o pavor irracional e biológico dos monstros que representava a verdadeira dificuldade. E esse ele enfrentou e conseguiu aceitar de forma possível enquanto estava deitado ao sol depois do café da manhã. Tinha a sensação de que alguém que navegava pelos céus, como ele, não deveria sofrer uma aflição abjeta diante de qualquer criatura presa à terra. Chegou a ocorrer-lhe que a faca poderia rasgar outra carne do mesmo modo que a sua. Era muito rara em Ransom uma disposição belicosa. Como muitos homens da sua idade, era mais provável que subestimasse sua própria coragem em vez de superestimá-la. O abismo entre os sonhos de menino e a experiência real da guerra tinha sido assustador; e sua opinião subsequente sobre a própria falta de heroísmo talvez tivesse pendido demais para a outra direção. Ransom temia com certa ansiedade que a firmeza de sua disposição atual se revelasse uma ilusão efêmera, mas precisava tirar o melhor partido dela.

À medida que uma hora se seguia à outra, e a vigília acompanhava o sono naquele dia permanente, Ransom começou a se dar conta de uma mudança gradual. A temperatura estava caindo aos poucos. Eles voltaram a usar roupa. Mais adiante, acrescentaram roupas de baixo de inverno. Ainda mais tarde, um aquecedor elétrico foi ligado no centro da nave. E também ficou claro – embora o fenômeno fosse difícil de captar – que a luz estava menos avassaladora do que tinha sido no início da viagem. Era evidente para a capacidade de comparação do intelecto, mas era difícil *sentir* o que estava acontecendo como uma diminuição da luz, e era impossível considerar isso um "escurecimento", porque, embora a luminosidade mudasse em grau, sua qualidade etérea permanecia exatamente a mesma desde o instante em que a contemplara pela primeira vez. Não estava, como a luz que vai se apagando na Terra, associada ao aumento da umidade e a cores fantásticas no ar. Ransom percebeu que seria possível reduzir à metade a intensidade, e a metade que restasse ainda seria o que o todo tinha sido – meramente menos, mas não diferente. Novamente dividida pela metade, e o restante ainda continuaria a ser o mesmo. Enquanto a luz existisse, seria ela própria – mesmo àquela distância inimaginada na qual sua última força se dissipasse. Tentou explicar a Devine o que estava pensando.

– Como aquele sabão, como é mesmo o nome? – disse Devine, com um largo sorriso. – Puro sabão até a última bolha, não é?

Pouco depois disso, a rotina tranquila da sua vida na espaçonave começou a ser perturbada. Weston explicou que em breve eles começariam a sentir a força gravitacional de Malacandra.

– Isso quer dizer – disse Weston – que "para baixo" não vai mais ser para o centro da nave. "Para baixo" vai ser na direção de Malacandra, que, do nosso ponto de vista, estará abaixo da cabine de comando. Consequentemente, o piso da maior parte dos compartimentos vai se tornar parede ou teto; e uma das paredes, um piso. Você não vai gostar.

O resultado desse aviso, com relação a Ransom, foram horas de trabalho pesado em que houve um esforço ombro a ombro, ora com Devine, ora com Weston, à medida que seus turnos alternados os liberavam da cabine de comando. Foi preciso empilhar latas de água, cilindros de oxigênio, armas, munição e mantimentos ao longo das paredes corretas, tudo posto de lado para ficar com a face correta para cima no momento em que o novo "para baixo" se manifestasse. Muito antes que o trabalho estivesse pronto, sensações perturbadoras tiveram início. A princípio, Ransom supôs que fosse o trabalho pesado que deixara seus membros tão pesados. Mas o repouso não aliviava o sintoma; e explicaram a ele que os corpos, por conta do planeta em cujo campo eles tinham sido apanhados, estavam ganhando peso a cada minuto e dobrando de peso a cada 24 horas. Estavam passando pela experiência de uma grávida, só que intensificada a um nível quase insuportável.

Ao mesmo tempo, seu sentido de direção – nunca muito confiável na espaçonave – foi ficando cada vez mais confuso. Antes, de qualquer compartimento a bordo, o piso do compartimento seguinte dava a impressão visual de ser uma descida; mas, quando se pisava nele, a sensação que se tinha era de ser horizontal. Agora os compartimentos pareciam uma descida e também davam a sensação de uma inclinação pequena, muito pequena. Descobriam-se correndo ao entrar em qualquer compartimento. Uma almofada jogada no chão do salão revelaria algumas horas mais tarde ter se aproximado cerca de três centímetros da parede. Todos estavam vomitando, com dor de cabeça e palpitações. As condições foram piorando com o passar das horas. Logo só seria possível arrastar-se de uma cabine para outra. Todo o sentido de direção desapareceu numa confusão nauseante. Partes da nave estavam decididamente abaixo, no sentido de que seu piso estava no alto, e somente uma mosca teria como andar nelas. Mas aos olhos de Ransom nenhuma parte parecia estar indiscutivelmente para o alto. Sensações de queda e de altura intoleráveis – totalmente inexistentes nos céus – apresentavam uma recorrência constante. É claro que a culinária já tinha sido abandonada havia muito tempo. A comida era apanhada como fosse possível; e beber apresentava enormes dificuldades. Nunca se podia ter certeza se realmente a boca estava abaixo da garrafa ou ao lado dela. Weston foi ficando mais taciturno e calado do que nunca. Devine, sempre com um frasco de bebida alcoólica na mão, lançava estranhas blasfêmias e palavrões, amaldiçoando Weston por trazê-los. Ransom estava com dores no corpo, molhava os lábios ressecados com a língua, massageava os membros machucados e rezava para que tudo terminasse.

Chegou uma hora em que um lado da esfera estava inequivocamente para baixo. Mesas e camas fixas pendiam inúteis e ridículas do que agora era parede ou teto. O que antes foram portas agora eram alçapões a serem abertos com dificuldade. O corpo de cada um parecia de chumbo. Já não havia trabalho a ser feito quando Devine organizou as roupas – as roupas malacandrianas –, tirando-as de trouxas, e se agachou na parede dos fundos do salão (agora seu piso), para vigiar o termômetro. Ransom percebeu que os trajes incluíam roupa de baixo de lã grossa, jaquetas de couro de carneiro, luvas de pele e gorros com orelheiras. Devine não deu resposta às suas perguntas. Estava ocupado examinando o termômetro e gritando para Weston lá na cabine de comando.

– Mais devagar, mais devagar – gritava, sem parar. – Mais devagar, seu idiota. Estaremos na atmosfera daqui a um minuto ou dois. – E então num tom ferino e furioso: – Chega! Deixe que eu cuido disso!

Weston não respondia. Não era característico de Devine jogar conselhos fora: Ransom

concluiu que o homem estava quase fora de si, fosse por medo, fosse por empolgação.

De repente, as luzes do universo pareceram se apagar. Como se algum demônio tivesse esfregado uma esponja suja na cara dos céus e o esplendor no qual vinham viajando havia tanto tempo recuasse para um cinza pálido, desanimado, lamentável. De onde estavam sentados, era impossível abrir os anteparos ou puxar a cortina pesada. O que fora uma carruagem a deslizar pelas plagas dos céus se tornou uma caixa escura de aço, fracamente iluminada por uma fresta de janela, e caindo. Estavam caindo dos céus para um mundo. Nada em todas as suas aventuras marcou tanto a mente de Ransom como isso. Perguntava-se como um dia podia ter pensado nos planetas, até mesmo na Terra, como ilhas de vida e realidade, flutuando num vazio mortal. Agora, com uma certeza que daí em diante jamais o abandonou, via os planetas – as "Terras" como os chamava em pensamento – como meros buracos ou falhas nos céus cheios de vida, restos expulsos ou rejeitados de matéria pesada e ar turvo, formados não por acréscimo, mas por subtração do brilho circundante. No entanto, pensou que esse brilho tem um fim para além do Sistema Solar. Será que lá está o verdadeiro vazio, a verdadeira morte? A menos que… procurava alcançar a ideia… a menos que a luz visível também seja um buraco ou uma falha, uma mera diminuição de outra coisa. De algo que está para os céus luminosos e imutáveis como os céus estão para as Terras escuras e pesadas…

Nem sempre as coisas acontecem como os homens calculam. O instante da chegada a um mundo desconhecido encontrou Ransom totalmente absorto numa especulação filosófica.

7

– Está cochilando? – perguntou Devine. – Já se entediou dessa história de planetas novos?

– Dá para você enxergar alguma coisa? – interrompeu Weston.

– Não consigo abrir os anteparos, droga! – retrucou Devine. – O melhor é sair pela escotilha.

Ransom despertou da reflexão. Os dois parceiros estavam trabalhando juntos na penumbra bem ao seu lado. Sentia frio, e seu corpo, embora estivesse de fato muito mais leve do que na Terra, ainda parecia intoleravelmente pesado. Voltou-lhe, porém, uma nítida sensação de sua situação, sendo tomado em parte por medo, mas muito mais pela curiosidade. Aquilo poderia significar a morte, mas em que cadafalso! De lá de fora já estavam entrando o ar frio e a luz. Mexeu impaciente a cabeça para tentar avistar alguma coisa entre os ombros esforçados dos dois homens. Daí a um instante, a última porca foi solta. Olhava para fora através da escotilha.

Tudo o que via era o chão, o que era bastante natural: um círculo rosa claro, quase branco. Se era uma vegetação bastante curta e densa, ou rocha muito enrugada e granulada, ou ainda solo, não saberia dizer. Imediatamente, o vulto escuro de Devine preencheu a abertura, e Ransom não gostou de perceber que ele estava com um revólver na mão. "Para mim, para os *sorns* ou para as duas possibilidades?", perguntou-se.

– Agora você – disse Weston, em tom brusco.

Ransom respirou fundo, e sua mão foi tocar a faca por baixo do cinto. Passou então a cabeça e os ombros pela escotilha, com as duas mãos no solo de Malacandra. A substância cor-de-rosa era macia e ligeiramente resistente, como borracha: obviamente vegetação. No mesmo instante, Ransom olhou para o alto. Viu um céu azul-claro – como o céu de uma bela manhã de inverno na Terra – com uma enorme massa nebular de um rosa escuro, mais abaixo, que acreditou ser uma nuvem; e então Weston, por trás dele, ordenou que saísse de uma vez. Ransom saiu de qualquer jeito e se pôs de pé. O ar era frio, mas não de um frio cruel, e causava uma sensação áspera no fundo da garganta. Olhou ao redor, e a própria intensidade de seu desejo de captar o novo mundo num olhar foi contraproducente. Nada viu a não ser cores – cores que se recusavam a assumir a forma de coisas. Ademais, ainda não conhecia nada suficientemente bem para ver: é impossível ver as coisas enquanto não se tiver uma ideia aproximada do que sejam. Sua primeira impressão foi de um mundo claro, luminoso – um mundo de aquarela saído do estojo de pintura de uma criança. Daí a um instante, reconheceu a faixa plana de um azul-claro como uma lâmina de água, ou de alguma coisa parecida com água, que quase chegava aos seus pés. Estavam à margem de um lago ou de um rio.

– Ora, ora – disse Weston, roçando nele ao passar. Ransom voltou-se e viu com surpresa algo perfeitamente reconhecível no primeiro plano imediato: uma cabana de modelo inconfundivelmente terrestre, embora construída de materiais estranhos.

– Eles são humanos – exclamou, pasmado. – Constroem casas?

– *Nós* construímos – disse Devine. – Tente de novo. – E, tirando uma chave do bolso, tratou de abrir um cadeado muito comum na porta da cabana. Com uma sensação não muito definida de decepção ou de alívio, Ransom percebeu que seus sequestradores estavam

meramente voltando para seu próprio acampamento. Seu comportamento era o que se poderia esperar numa situação semelhante. Entraram na cabana, retiraram as tábuas que serviam de janelas, farejaram o ar confinado, demonstraram surpresa por terem deixado o ambiente tão sujo e saíram em seguida.

– É melhor cuidar das provisões – disse Weston.

Ransom logo descobriu que teria pouco tempo livre para observação e nenhuma oportunidade para escapar. A tarefa monótona de transferir mantimentos, roupas, armas e muitas caixas não identificáveis da nave para a cabana o manteve vigorosamente ocupado durante a hora seguinte, mais ou menos, e no contato mais próximo com seus sequestradores. Mas uma coisa descobriu. Antes de mais nada, soube que Malacandra era um belo planeta; e chegou a refletir sobre como era estranho que essa possibilidade nunca tivesse entrado nas suas especulações a respeito. O mesmo estranho vício da imaginação que o levava a povoar o universo com monstros o havia ensinado de algum modo a nada esperar num planeta desconhecido, a não ser rochas desoladas ou um complexo de máquinas dignas de um pesadelo. Não saberia dizer por que agora começava a pensar no assunto. Descobriu também que a água azul os cercava por no mínimo três lados: sua visão na quarta direção estava impedida pela enorme bola de futebol de aço na qual tinham chegado. Na realidade, a cabana estava construída na ponta de uma península ou na extremidade de uma ilha. Aos poucos, também chegou à conclusão de que a água não era meramente azul por conta da luz, como a água terrestre, mas que era "realmente" azul. Havia algo que o intrigava no comportamento da água sob o efeito da brisa suave – alguma coisa errada ou artificial no aspecto das ondas. Para começar, elas eram grandes demais para um ventinho daqueles, mas esse não era todo o segredo. Elas faziam que se lembrasse da água que viu ser atirada para o alto sob o impacto de obuses em filmes de batalhas navais. E, então, de repente se deu conta: elas tinham o formato errado, desproporcional, altas demais para seu comprimento, estreitas demais na base, verticais demais nos lados. Lembrou-se de algo que tinha lido de autoria de um desses poetas modernos sobre um mar que se erguia em "muralhas encasteladas".

– Pega! – gritou Devine. Ransom pegou e jogou o embrulho para Weston, que estava à porta da cabana.

De um lado, a água estendia-se a uma boa distância – uns quinhentos metros, pensou, mas a perspectiva ainda era difícil naquele mundo estranho. Do outro lado, ela era muito mais estreita, talvez não mais do que cinco metros, e parecia correr por um baixio – uma água entrecortada, em remoinhos, que produzia um som mais suave e mais chiado do que água sobre terra; e onde ela chegava à margem próxima –; a vegetação de um branco rosado descia até a beira – havia um borbulhar e um espumar que sugeriam uma efervescência. Nos poucos olhares que conseguiu lançar quando o trabalho permitia, esforçou-se muito para distinguir algo na outra margem. Uma massa de alguma coisa roxa, tão grande que imaginou ser uma montanha coberta de urzes, foi sua primeira impressão. Do outro lado, para além da extensão mais larga, havia alguma coisa da mesma natureza. Mas lá conseguia enxergar por cima do topo. Do outro lado havia estranhas formas verticais de um verde esbranquiçado. Por demais irregulares e recortadas para serem construções; por demais finas e íngremes para serem montanhas. Mais adiante e acima dessas estava a massa rosa escura, semelhante a uma nuvem. Talvez fosse mesmo uma nuvem, mas aparentava ser muito sólida e não ter se movimentado desde que a avistara através da escotilha. Parecia ser a parte superior de uma gigantesca

couve-flor vermelha – ou uma tigela enorme de bolhas de sabão vermelhas. Era de uma beleza singular em tom e formato.

Desconcertado com isso, voltou a atenção para a margem mais próxima, do outro lado do baixio. A massa roxa por um instante se assemelhava a um agrupamento de tubos de órgão, depois a uma pilha de rolos de tecido dispostos em pé e então a uma floresta de guarda-chuvas descomunais que a força do vento deixou pelo avesso. Ela estava em leve movimento. De repente, seus olhos apreenderam o que era. A coisa roxa era vegetação: mais precisamente plantas, plantas com o dobro da altura dos olmos ingleses, mas aparentemente macias e frágeis. Os talos – dificilmente seria possível chamá-los de troncos – erguiam-se lisos, cilíndricos e surpreendentemente finos até uma altura de cerca de doze metros. Daí para cima, as enormes plantas se abriam em algo como feixes, não de galhos, mas de folhas, folhas do tamanho de botes salva-vidas, mas quase transparentes. Tudo aquilo correspondia aproximadamente à sua noção de uma floresta submarina: as plantas, ao mesmo tempo tão grandes e tão frágeis, pareciam precisar de água para sua sustentação, e se perguntava como se mantinham no ar. Mais abaixo, entre os talos, viu a penumbra de um roxo vivo, malhado com a luz mais clara do sol, que compunha a paisagem interna do bosque.

– Hora do almoço – disse Devine, de repente. Ransom endireitou as costas. Apesar do ar frio e rarefeito, sua testa estava úmida. Tinham trabalhado muito, e ele estava ofegante. Weston apareceu vindo da porta da cabana e resmungou alguma coisa sobre "terminar primeiro". Entretanto, a vontade de Devine prevaleceu. Foram servidos uns biscoitos e carne enlatada, e os homens se sentaram nas diversas caixas que ainda estavam jogadas em boa quantidade entre a espaçonave e a cabana. Mais uma vez por sugestão de Devine e contra a recomendação de Weston, foi servido um pouco de uísque nas xícaras de metal para ser misturado com água. Ransom percebeu que a água foi tirada dos seus próprios latões, não dos lagos azuis.

Como costuma acontecer, a parada da atividade corporal chamou a atenção de Ransom para o nervosismo sob o qual vinha trabalhando desde o pouso. Comer parecia quase fora de cogitação. Consciente, porém, de uma possível corrida em busca da liberdade, forçou-se a ingerir muito mais do que o habitual, e o apetite voltou à medida que comia. Devorou tudo o que estava ao alcance das suas mãos, fosse comida, fosse bebida. E o sabor dessa primeira refeição ficou associado para sempre em sua mente à primeira sensação de estranheza antinatural (jamais recuperada plenamente) daquela paisagem luminosa, imóvel, cintilante, ininteligível – com formas aciculares de um verde-claro, com centenas de metros de altura; com extensões de água azul gasosa e deslumbrante; e hectares de bolhas de sabão de um rosa quase vermelho. Estava com um pouco de receio de que seus companheiros se dessem conta, e chegassem a suspeitar, dos seus novos feitos de comilão. Mas a atenção deles estava voltada para outras coisas. Seus olhos nunca paravam de percorrer a paisagem. Falavam num tom distraído e mudavam de posição com frequência, sempre olhando disfarçadamente para trás. Ransom estava terminando sua refeição prolongada quando viu Devine se retesar como um cachorro e, em silêncio, pôr a mão no ombro de Weston. Os dois fizeram um gesto de assentimento. Levantaram-se. Ransom, engolindo às pressas o último gole de uísque, levantou-se também. Descobriu-se entre seus dois sequestradores. Ambos tinham sacado o revólver. Estava cercado e sendo discretamente levado a se aproximar da beira da água estreita. Os dois olhavam e apontavam para o outro lado da água.

De início, não viu com clareza o que eles estavam indicando. Parecia que havia algumas plantas mais claras e mais esguias do que tinha percebido até então entre as roxas. Praticamente não lhes deu atenção, pois seus olhos estavam ocupados examinando o chão – tamanha era sua obsessão com o medo de répteis e de insetos do imaginário moderno. Foram as imagens dos novos objetos brancos refletidas na água que direcionaram seus olhos de volta para eles: longos reflexos brancos, raiados, imóveis na correnteza da água – quatro ou cinco, não, para ser preciso, eram seis. Ele levantou os olhos. Seis criaturas brancas *estavam* paradas ali. Seres altíssimos e inconsistentes, com duas ou três vezes a altura de um homem. Sua primeira ideia foi a de que eram reproduções artísticas de imagens de homens, obra de artistas selvagens. Tinha visto coisa parecida em livros de arqueologia. Mas do que poderiam ser feitas? E como podiam ficar em pé? Com aquelas pernas tão loucamente finas e alongadas, o tórax proeminente e desproporcional, como distorções alongadas e de aparência tão flexível de bípedes terrestres… como o que se vê naqueles espelhos de parques de diversões. Sem dúvida, não eram feitos de pedra ou metal, pois agora pareciam oscilar um pouco enquanto ele observava. Agora, com um choque que fez o sangue fugir-lhe do rosto, via que eram seres vivos, que estavam se mexendo, que vinham na sua direção. Num relance de pavor, viu os rostos magros e extraordinariamente longos, de nariz comprido e caído e boca abatida, de uma seriedade em parte espectral, em parte apalermada. Virou-se, então, louco para fugir, e se viu agarrado por Devine.

– Solte-me! – gritou.

– Não faça besteira – disse Devine, furioso, virando para ele a boca da sua pistola. E então, enquanto lutavam, uma das criaturas fez chegar sua voz até eles, por cima da água: uma voz fortíssima, como a de uma trompa, muito acima da cabeça deles.

– Eles querem que atravessemos – disse Weston.

Os dois homens forçavam-no a chegar à beira da água. Ransom fincou os pés, curvou as costas e resistiu como uma mula. Em seguida os outros dois entraram na água para puxá-lo, e ele continuava na beirada. Flagrou-se aos berros. De repente, um barulho muito mais alto e menos articulado escapuliu das criaturas na margem mais distante. Weston gritou também, soltou a mão que segurava Ransom e disparou um tiro com o revólver não para o outro lado da água, mas contra a corrente. Naquele mesmo instante, Ransom viu por que motivo.

Uma linha de espuma, como a esteira de um torpedo, vinha rapidamente na direção deles, e no meio dela algum tipo de "fera" grande e lustrosa. Devine praguejou com a voz aguda, escorregou e caiu direto na água. Ransom viu uma boca que tentava abocanhá-los e ouviu o barulho ensurdecedor do revólver de Weston sendo disparado repetidas vezes ao seu lado. E, quase tão alto, o clamor dos monstros na margem distante, que também pareciam estar entrando na água. Não foi preciso tomar decisão nenhuma, pois, no instante em que se viu livre, ele, intuitivamente, fugiu em disparada por trás dos sequestradores, passando por trás da espaçonave e, em seguida, com a maior velocidade que suas pernas conseguiram atingir, entrando no total desconhecido mais adiante. Quando circundou a esfera de metal, seus olhos depararam com uma louca confusão de azuis, roxos e vermelhos. Não diminuiu a velocidade nem para uma olhada rápida. Flagrou-se, em seguida, entrando na água, com uma exclamação não de dor, mas de surpresa por ela estar morna. Em menos de um minuto, saiu da água, na outra margem. Subiu correndo por uma rampa íngreme. E agora estava atravessando veloz a sombra roxa entre os talos de mais uma floresta de plantas enormes.

8

Um mês de inatividade, uma refeição pesada e um mundo desconhecido não ajudam ninguém a correr. Meia hora depois, Ransom não estava correndo, mas andando pela floresta, apertando uma das mãos, que doía, e se esforçando para distinguir algum ruído de perseguição. Ao som dos tiros de revólver e das vozes atrás dele (nem todas humanas), seguiram-se tiros de fuzil e gritos a longos intervalos. Depois veio o silêncio total. Até onde a visão pudesse alcançar, não via nada além das hastes das plantas enormes ao seu redor, que iam sumindo na sombra violeta; e muito lá no alto a múltipla transparência de folhas enormes que filtravam a luz do Sol para o solene esplendor da penumbra em que andava. Sempre que se sentia capaz, voltava a correr. O chão continuava macio e elástico, coberto com a mesma erva flexível que foi a primeira coisa que suas mãos tocaram em Malacandra. Uma vez ou outra, uma pequena criatura vermelha atravessava apressada seu caminho, mas, não fosse por isso, parecia não haver vida em movimento no bosque. Nada a temer – a não ser o fato de estar perambulando sozinho e sem provisões numa floresta de vegetação desconhecida a milhares ou milhões de quilômetros do alcance ou do conhecimento humano.

No entanto, Ransom estava pensando nos *sorns* – pois, sem dúvida, aqueles eram os *sorns*, as criaturas às quais os seus sequestradores tinham tentado entregá-lo. Não eram nem um pouco parecidas com os horrores que sua imaginação tinha evocado, e por esse motivo apanharam-no de surpresa. Elas estavam bem distantes das fantasias típicas de H. G. Wells e remontavam a um conjunto de temores mais primitivo, quase infantil. Gigantes, ogros, fantasmas, esqueletos: essas eram as palavras-chave. Assombrações em cima de pernas de pau, disse para si mesmo. Bichos-papões surrealistas, de cara comprida. Ao mesmo tempo, o pânico aterrador dos primeiros instantes estava gradativamente se afastando dele. A ideia de suicídio agora estava longe do seu pensamento. Em vez disso, estava determinado a apostar na própria sorte até o fim. Rezou e apalpou a faca. Sentia uma estranha emoção de confiança e afeto para consigo mesmo. Conseguiu se refrear antes de dizer: "Nós nos manteremos unidos um ao outro."

O terreno foi ficando mais acidentado, o que interrompeu sua meditação. Estava seguindo por uma subida suave havia algumas horas, com o terreno mais íngreme à sua direita, parecendo em parte escalar, em parte circundar um morro. Agora, a trilha começava a cruzar uma série de cristas, decerto contrafortes do terreno mais elevado à direita. Não sabia por que deveria atravessá-las, mas por algum motivo foi o que fez. Era possível que uma vaga lembrança da geografia terrestre lhe sugerisse que a região mais baixa seria propensa a lugares nus, entre os bosques e a água, onde os *sorns* teriam maior probabilidade de apanhá-lo. Enquanto continuava a cruzar cristas e desfiladeiros, ficou impressionado com o fato de serem tão íngremes, mas, de algum modo, não era difícil transpô-los. Percebeu também que até mesmo os menores montículos de terra eram de um formato absurdo – estreitos demais, pontudos demais no alto e pequenos demais na base. Lembrou-se de que as ondas nos lagos azuis tinham exibido uma singularidade semelhante. E, ao olhar as folhas roxas ao alto, viu repetido o mesmo padrão de perpendicularidade – a mesma investida na direção dos céus.

Elas não se inclinavam na ponta. Por imensas que fossem, o ar era suficiente para lhes dar sustentação, de tal forma que os longos corredores da floresta se erguiam numa espécie de rendilhado de leque. E os *sorns*, de modo semelhante – estremeceu ao pensar –, também eles eram enlouquecidamente alongados.

Seus conhecimentos de ciência eram suficientes para supor que devia estar num mundo mais leve do que a Terra, onde era necessário usar menos força e a natureza tinha a liberdade de seguir seu impulso na direção do céu, numa escala sobreterrestre. Isso o deixou com a pergunta de onde se encontrava. Não conseguia lembrar se Vênus era maior ou menor que a Terra, e tinha uma ideia de que seria mais quente. Talvez estivesse em Marte; talvez até mesmo na Lua. Essa última rejeitara de início porque, se fosse esse o caso, deveria ter visto a Terra no céu no momento do pouso. Mais tarde, porém, lembrou-se de terem lhe ensinado que uma face da Lua estava sempre voltada para o lado oposto ao da Terra. Ao que lhe fosse dado saber, estava perambulando no lado externo da Lua. E numa atitude bastante irracional, essa ideia trouxe-lhe a mais medonha sensação de desalento que já sentira.

Muitas das gargantas que atravessava agora exibiam córregos, córregos azuis, que chiavam, e todos se precipitando para o terreno mais baixo, à esquerda. Como o lago, tinham um calor agradável, e o ar logo acima deles também mantinha a temperatura agradável, tanto que, quando subia ou descia escalando os lados das gargantas, eram constantes as mudanças de temperatura. Quando chegou ao topo da margem mais distante de uma dessas ravinas, foi esse contraste que primeiro chamou sua atenção para o frio crescente na floresta. E, quando olhou ao redor, teve certeza de que a luz também estava diminuindo. Não tinha levado em conta a noite. Na realidade, não tinha condições de adivinhar como a noite poderia ser em Malacandra. Enquanto estava ali parado, contemplando a penumbra que se aprofundava, um sopro de vento frio passou pelos talos roxos e os fez balançar de um lado para o outro, exibindo mais uma vez o espantoso contraste entre seu tamanho e sua aparente flexibilidade e leveza. A fome e o cansaço, mantidos havia muito tempo sob controle pela combinação de medo e assombro da sua situação, de repente o atingiram com violência. Estremeceu e se forçou a prosseguir. O vento aumentou. As folhas majestosas dançavam e mergulhavam acima da sua cabeça, permitindo relances de um céu desbotado e depois de um céu ainda mais desbotado. E, o que lhe causou desalento, um céu com uma estrela ou duas. O bosque já não estava em silêncio. Seus olhos cintilavam inquietos aqui e ali atentos a algum inimigo que se aproximasse, e apenas descobriam como a escuridão caíra veloz sobre ele. Era agora grato pela existência dos córregos, pelo calor que retinham.

Foi isso o que lhe deu a ideia de uma possível proteção contra o frio que aumentava cada vez mais. Realmente de nada adiantava continuar a avançar. Ao que lhe fosse dado saber, tanto podia estar indo na direção do perigo quanto se afastando dele. Havia perigo em tudo. Não estava mais seguro viajando do que repousando. Ao lado de algum regato, talvez houvesse calor bastante para se deitar. Seguiu, arrastando os pés, na direção de mais uma ravina, e acabou andando tanto que começou a imaginar que tinha saído da região delas. Estava quase decidido a dar meia-volta quando o terreno começou uma descida íngreme. Resvalou, recuperou-se e se descobriu à margem de uma forte correnteza. As árvores – pois não conseguia deixar de vê-las como "árvores" – não chegavam a se encontrar lá no alto, e a própria água parecia ter alguma leve fosforescência, o que tornava o lugar mais claro. A queda da direita para a esquerda era íngreme. Guiado por alguma vaga inquietação de

excursionista em busca de um lugar “melhor”, seguiu alguns metros rio acima. O vale foi ficando mais inclinado, e ele chegou a uma pequena cascata. Percebeu meio entorpecido que a água parecia descer um pouco lenta demais para a inclinação, mas estava muito cansado para especular sobre o assunto. Aparentemente, a água era mais quente que a do lago – talvez mais próxima de sua fonte subterrânea de calor. O que realmente queria saber era se teria coragem de beber dela. Àquela altura, sentia muita sede; mas a água parecia venenosa, com poucas características de água. Tentaria não bebê-la. Talvez estivesse tão cansado que, mesmo com sede, conseguisse dormir. Ajoelhou-se e banhou as mãos na corrente morna. Depois, aconchegou-se numa concavidade ao lado da queda-d’água e bocejou.

O som da própria voz bocejando – o velho som ouvido em quartos de dormir da infância, em dormitórios de colégios internos e em tantos quartos de adulto – liberou uma enxurrada de autocomiseração. Encolheu os joelhos e abraçou as pernas. Sentia uma espécie de amor físico, quase filial, pelo próprio corpo. Levou o relógio de pulso ao ouvido e percebeu que estava parado. Deu corda nele. Resmungando, quase gemendo para si mesmo, pensou em homens indo dormir no longínquo planeta Terra – em suas casas, em transatlânticos, em hotéis, homens casados, criancinhas dormindo aos cuidados de babás e homens agasalhados, cheirando a cigarro, apinhados em ranchos e em abrigos. Não resistiu ao impulso de falar consigo mesmo… “Nós vamos cuidar de você, Ransom… unidos, venceremos, meu velho.” Ocorreu-lhe que uma daquelas criaturas de maxilares vorazes talvez vivesse no córrego. “Você tem toda a razão, Ransom”, respondeu, balbuciando. “Não é um lugar seguro para passar a noite. Vamos só dar uma descansadinha até você se sentir melhor. E depois prosseguiremos. Não agora. Daqui a pouco.”

9

Foi a sede que o despertou. Não tinha sentido frio enquanto estava dormindo, embora suas roupas estivessem úmidas. E se descobriu deitado ao sol, com a cachoeira azul ao seu lado, dançando e coruscando com todos os tons transparentes da escala do azul, enquanto lançava luzes estranhas bem ao alto, para a parte inferior das folhas da floresta. A percepção do que estava acontecendo, quando voltou à consciência, pesando tanto quanto podia, foi insuportável. Se naquele momento não tivesse perdido o controle e fugido, os *sorns* àquela altura já o teriam matado. Lembrou-se, então, com um alívio indescritível, de que havia um homem perambulando no bosque – o pobre coitado ficaria feliz de vê-lo; ele se aproximaria desse homem e diria: "Olá, Ransom" –; então, parou, sem entender nada. Não, era só ele mesmo: ele era Ransom. Ou será que não era? Quem era o homem que o levara a um regato de águas quentes e que o aconchegara na cama, recomendando que não bebesse da água estranha? Obviamente algum recém-chegado que não conhecia o lugar tão bem quanto ele. Mas não importava o que Ransom lhe dissera: agora ia beber água. Deitou-se de bruços na margem e mergulhou o rosto na corrente morna. Era boa de beber. Tinha um gosto forte de algum minério, mas era muito boa. Bebeu de novo e se sentiu imensamente reanimado e equilibrado. Toda aquela história do outro Ransom era tolice. Tinha perfeita noção do perigo da loucura e se dedicou com determinação às suas devoções e à sua higiene. Não que a loucura tivesse muita importância. Talvez já estivesse louco, e não de fato em Malacandra, mas num hospício inglês. Quem dera! Ia perguntar a Ransom – Droga! Lá estava sua mente pregando-lhe a mesma peça. Levantou-se e retomou a caminhada vigorosa.

Os delírios voltavam em intervalos de alguns minutos enquanto durou essa etapa da viagem. Aprendeu a manter, por assim dizer, uma imobilidade mental e a deixar que esses delírios passassem como ondas. De nada adiantava se importunar com eles. Quando fossem embora, seria possível retomar a sanidade. Muito mais importante era o problema da comida. Tentou usar a faca numa das "árvores". Como calculava, era macia e resistente como um talo de planta, e não dura como madeira. Cortou um pedacinho e, com essa operação, todo o organismo gigantesco vibrou até o topo. Era como conseguir sacudir com uma única mão o mastro de um navio com todo o peso das velas. Quando levou o naco à boca, descobriu que era praticamente insosso, mas de modo algum desagradável, e ficou mastigando contente por alguns minutos. Não fez progresso, porém. Era totalmente impossível de engolir e somente poderia ser usado como goma de mascar. Foi assim que o usou e, depois dele, muitos outros pedaços; não sem se sentir reconfortado.

Continuar a fugir como no dia anterior não era mais possível. Era inevitável que a fuga se transformasse numa perambulação interminável, sob a motivação imprecisa da busca por alimento. A busca era necessariamente imprecisa, já que não sabia se havia em Malacandra alimento para ele, nem como poderia reconhecer se houvesse algum. Teve um susto terrível durante a manhã, quando, ao passar por uma clareira um pouco mais aberta, ele se deu conta primeiro de um enorme objeto amarelo, em seguida de dois e então de uma multidão incontável que vinha na sua direção. Antes que pudesse fugir, descobriu-se no meio de uma

manada de criaturas gigantescas, peludas e de cor clara, mais semelhantes a girafas do que a qualquer outra coisa que pudesse imaginar, só que conseguiam se levantar sobre as patas traseiras e até mesmo dar alguns passos nessa posição. Eram mais esguias e muito mais altas do que girafas, e estavam comendo as folhas do alto das plantas roxas. Quando o viram, olharam fixamente para ele com olhos grandes e cristalinos, bufando num *basso profondissimo*, mas pareciam não ter nenhuma intenção hostil. O apetite delas era voraz. Em cinco minutos, tinham mutilado o topo de algumas centenas de "árvores", permitindo a entrada de um novo jorro de sol pela floresta adentro. E então seguiram adiante.

Esse episódio surtiu um efeito infinitamente tranquilizador sobre Ransom. O planeta não era, como temia, desprovido de vida afora os *sorns*. Aqui estava um tipo de animal bastante apresentável, um animal que provavelmente poderia ser domesticado pelo homem, e de cujo alimento o homem talvez pudesse compartilhar. Quem dera fosse possível escalar as "árvores"! Estava olhando atento ao redor com alguma ideia de empreender esse feito, quando percebeu que a devastação causada pelos animais comedores de folhas abrira uma vista para o alto, acima do topo das plantas, para um aglomerado dos mesmos objetos branco-esverdeados que tinha visto do outro lado do lago quando pousaram.

Dessa vez, estavam muito mais próximos. Eram de uma altura enorme, tanto que precisou jogar a cabeça para trás para ver seu cume. Tinham o formato aproximado de torres de transmissão, mas compactas, de altura irregular e agrupadas de uma forma aparentemente aleatória e desordenada. Algumas terminavam em pontas que, de onde ele estava, pareciam aguçadas como agulhas; ao passo que outras, depois de se estreitarem na direção do cume, voltavam a se expandir em protuberâncias arredondadas ou em plataformas que, aos seus olhos terrestres, pareciam prestes a cair a qualquer instante. Percebeu que as encostas eram mais acidentadas e mais riscadas com fissuras do que tinha calculado de início; e entre duas delas viu uma linha imóvel de um brilho azul, espiralado – obviamente uma distante queda-d'água. Foi isso o que acabou por convencê-lo de que as coisas, apesar do formato improvável, eram montanhas. E, com essa descoberta, a mera estranheza da paisagem ficou diluída na grandiosidade fantástica. Aqui, compreendeu, estava a plena expressão daquele tema *perpendicular* que animais, plantas e terra executavam em Malacandra – aqui nessa explosão de rochas, que saltam e se lançam para o céu como jatos sólidos de alguma fonte rochosa, e se sustentam no ar por sua própria leveza, com uma forma tão alongada que todas as montanhas terrestres daquele momento em diante deveriam dar-lhe a impressão de estar deitadas de lado. Sentiu bastante ânimo e serenidade no coração.

No momento seguinte, porém, seu coração quase parou de bater. Contra o pálido pano de fundo das montanhas, e bem perto dali – pois as montanhas em si pareciam estar a menos de quinhentos metros de distância –, surgiu um vulto em movimento. Reconheceu-o de imediato, pois o vulto vinha se movimentando devagar (e, aos seus olhos, furtivamente) entre os topos desnudados de duas plantas: a estatura gigantesca, a magreza cadavérica, o perfil comprido, encurvado – semelhante ao de um mago – de um *sorn*. A cabeça parecia estreita e cônica; as mãos ou patas com as quais afastava os talos à sua frente eram magras, ágeis, de textura delicada e quase transparentes. Ransom sentiu uma certeza imediata de que a criatura estava à sua procura. Tudo isso ele absorveu num espaço infinitesimal de tempo. A imagem indelével mal tinha sido gravada no seu cérebro quando saiu correndo com a maior velocidade possível para a parte mais densa da floresta.

Não tinha nenhum plano além de pôr a maior distância possível entre si mesmo e o *sorn*. Rezou com fervor pedindo que houvesse apenas um; talvez o bosque estivesse cheio deles, talvez tivessem a inteligência de formar uma roda em volta dele. Não importava… não lhe restava nada agora a não ser correr, correr, com a faca na mão. O medo estava todo direcionado para a ação. Emocionalmente, estava frio, alerta e pronto – pronto como nunca – para a última provação. Sua fuga o levou morro abaixo a uma velocidade crescente. Logo a encosta ficou tão íngreme que, se seu corpo estivesse sujeito à gravidade terrestre, teria sido obrigado a descer de quatro, arrastando-se. E então Ransom viu um reluzir à sua frente. Daí a um minuto, tinha saído totalmente do bosque e estava parado, piscando com a luz do sol e da água, à margem de um rio largo, olhando para uma paisagem plana, uma mistura de rio, lago, ilha e península – o mesmo tipo de terreno em que seus olhos tinham pousado pela primeira vez em Malacandra.

Não havia ruído de perseguição. Ransom deixou-se cair de bruços e bebeu água, amaldiçoando esse mundo em que parecia ser impossível obter água *fria*. Então, ficou deitado imóvel para escutar e recuperar o fôlego. Seus olhos estavam voltados para a água azul. Ela estava agitada. Círculos estremeciam e bolhas dançavam a dez metros do seu rosto. De repente, a água ondulou, e surgiu uma criatura negra, redonda, brilhante como uma bala de canhão. Depois viu olhos e boca – uma boca ofegante, com uma barba de bolhas. Mais partes da criatura começaram a emergir. Ela reluzia de tão negra. Por fim, veio chapinhando e chafurdando até a margem e se ergueu, fumegante, nas pernas traseiras: com uma altura entre um metro e oitenta e pouco mais de dois metros e desproporcionalmente magro, como tudo em Malacandra. Tinha a pelagem densa e negra, reluzente como pele de foca, pernas muito curtas com pés palmados, uma cauda larga como a de um castor ou de um peixe, membros posteriores fortes com garras ou dedos unidos por membranas e uma coisa retorcida no meio da barriga, que Ransom imaginou ser seu órgão genital. Era um pouco parecido com um pinguim, um pouco com uma lontra, um pouco com uma foca. O corpo esguio e flexível sugeria um arminho gigante. A enorme cabeça redonda, provida de fartos bigodes de gato, era a principal responsável pela aparência de foca; mas a testa era mais alta e a boca era menor que a de uma foca.

Chega um ponto em que os atos associados ao medo e à precaução passam a ser meras convenções, já não podendo ser sentidos pelo fugitivo como pavor ou esperança. Ransom estava na mais absoluta imobilidade, deitado e forçando o corpo para baixo ao máximo, seguindo uma ideia totalmente teórica de que desse jeito pudesse passar despercebido. Não sentia muita emoção. Percebia, de um modo seco e objetivo, que esse parecia ser o fim da história – apanhado entre um *sorn* da terra e um grande bicho preto da água. É verdade que tinha uma leve noção de que os maxilares e a boca da fera não eram as de um carnívoro. Mas sabia que era muito pouco versado em zoologia para mais do que um palpite.

Então, aconteceu algo que mudou totalmente seu estado de espírito. A criatura, que ainda estava fumegando e sacudindo a água na margem e que obviamente não o tinha visto, abriu a boca e começou a fazer ruídos. Isso em si não era notável; mas toda uma vida dedicada a estudos linguísticos deu a Ransom uma certeza quase de imediato que aqueles sons eram articulados. A criatura estava *falando*. Ela dispunha de um idioma. Se você não for filólogo, receio que deva aceitar em confiança as prodigiosas consequências emocionais dessa descoberta na mente de Ransom. Já tinha visto um mundo novo – mas uma língua nova,

extraterrestre, não humana, era outra história. Não sabia como não pensou nisso antes em relação aos *sorns*. Agora a ideia lhe ocorria subitamente, como uma revelação. O amor pelo conhecimento é um tipo de loucura. Na fração de segundo que Ransom levou para concluir que a criatura estava de fato falando, e embora ainda soubesse que podia estar enfrentando a morte instantânea, sua imaginação já tinha superado todos os temores, esperanças e probabilidades da sua situação para seguir o projeto deslumbrante de escrever uma gramática malacandriana. *Introdução à língua malacandriana – O verbo lunar – Pequeno dicionário marciano-inglês*... os títulos passavam esvoaçantes pela sua cabeça. E o que não se poderia descobrir com a fala de uma espécie não humana? A forma da linguagem em si, o princípio por trás de todas as línguas possíveis, poderia parar bem na sua mão. Sem pensar, ele se ergueu apoiado num cotovelo e olhou direto para o animal preto, que se calou. A enorme cabeça em forma de bala girou, e olhos lustrosos, da cor do âmbar, fixaram-se nele. Não havia vento no lago, nem no bosque. Um minuto após o outro, em silêncio total, os representantes de duas espécies tão distantes fixaram o olhar um no rosto do outro.

Ransom levantou-se, ficando de joelhos. A criatura deu um salto para trás, observando-o atentamente, e ambos voltaram à imobilidade. Então, a criatura deu um passo adiante, e Ransom pulou e recuou, mas não para muito longe. A curiosidade o prendia ali. Reuniu toda a sua coragem e avançou com a mão estendida. A fera compreendeu mal o gesto. Ela recuou para a parte rasa do lago, e ele pôde ver os músculos retesados por baixo da pelagem lisa, prontos para movimentos repentinos. Mas ali ela parou. Também a criatura estava dominada pela curiosidade. Nenhum dos dois ousava permitir que o outro se aproximasse. Contudo, cada um repetidamente sentia o impulso de procurar a aproximação e cedia a ele. Era uma sensação tola, assustadora, extasiante e insuportável, tudo ao mesmo tempo. Era algo mais do que a curiosidade. Era como uma corte – como o encontro do primeiro homem com a primeira mulher no mundo. Era como algo além disso: tão natural é o contato dos sexos, tão limitada a estranheza, tão rasa a inibição, tão leve a repulsa a ser superada, em comparação com os primeiros passos empolgantes no relacionamento entre duas espécies diferentes, porém racionais.

De repente, a criatura se virou e começou a ir embora. Uma decepção como um desespero tomou conta de Ransom.

– Volte aqui – gritou. A criatura deu meia-volta, abriu os braços e falou novamente na sua língua ininteligível. Retomou então seu avanço. Não tinha se afastado vinte metros quando Ransom a viu se abaixar e apanhar alguma coisa, antes de voltar. Na mão (ele já estava pensando na pata dianteira palmada como se fosse uma mão) vinha trazendo o que parecia uma concha – a concha de alguma criatura semelhante a uma ostra, porém mais redonda e com a concavidade mais funda. A criatura mergulhou a concha no lago e a ergueu cheia de água. Levou, então, a concha ao meio do seu corpo e deu a impressão de estar derramando alguma coisa na água. Ransom pensou com repugnância que a criatura estivesse urinando na concha. Percebeu então que as protuberâncias na barriga da criatura não eram órgãos genitais, nem mesmo eram órgãos. Ela estava usando uma espécie de cinturão do qual pendiam vários objetos semelhantes a bolsinhas e estava adicionando algumas gotas do líquido de um deles à água da concha. Isso feito, a criatura levou a concha aos seus lábios negros e bebeu – não estendendo o pescoço para trás como um homem, mas se curvando e sugando a água como um cavalo. Quando terminou, reabasteceu a concha com água e mais uma vez acrescentou algumas

gotas do recipiente – aparentemente algum tipo de odre – que trazia à cintura. Sustentando a concha com os dois braços, a criatura os estendeu para Ransom. Era impossível se enganar quanto à sua intenção. Hesitante, quase com timidez, Ransom avançou e aceitou a taça. As pontas dos seus dedos tocaram na membrana das patas da criatura, e uma emoção indescritível, uma mescla de atração e repulsa percorreu seu corpo. Depois bebeu. O que tinha sido acrescentado à água era nitidamente alcoólico. Jamais gostara tanto de uma bebida.

– Obrigado – disse. – Muito obrigado.

A criatura bateu no próprio peito e emitiu um ruído. De início Ransom não se deu conta do que isso significava. Depois viu que a criatura estava tentando falar seu nome, presumivelmente o nome da espécie.

– *Hross* – disse a criatura, batendo em si mesma com as patas –, *hross*.

– *Hross* – repetiu Ransom, apontando para a criatura, e então disse: – Homem – e bateu no próprio peito.

– *Hho – hho – hh mem* – imitou o *hross*. E, então, apanhou um punhado de terra, onde a terra aparecia entre a relva e a água à margem do lago, e disse:

– *Handra*. Ransom repetiu a palavra. Depois ocorreu-lhe uma ideia:

– *Malacandra?* – disse, em tom de interrogação. O *hross* rolou os olhos e agitou os braços, num esforço óbvio para indicar a paisagem inteira. Ransom estava se saindo bem. *Handra* era o elemento terra. *Malacandra*, a "terra", ou planeta como um todo. Em breve descobriria o que *Malac* significava. Enquanto isso, observou que o "H desaparece depois do C", e deu seu primeiro passo na fonética malacandriana. O *hross* agora estava tentando ensinar-lhe o significado de *handramit*. Reconheceu o radical *handra-* (e concluiu: "A língua deles possui sufixos e prefixos"), mas dessa vez não conseguiu atinar com os gestos do *hross* e continuou sem saber o que uma *handramit* poderia ser. Tomou a iniciativa, abrindo a boca, apontando para ela e representando a pantomima do ato de comer. A palavra malacandriana para *comida* ou *comer* que obteve em resposta revelou conter sons consonantais irreproduzíveis por uma boca humana; e Ransom, continuando com a mímica, tentou explicar que seu interesse era prático tanto quanto filológico. O *hross* compreendeu, embora Ransom levasse algum tempo para captar através dos seus gestos que ele o estava convidando a acompanhá-lo. Por fim, foi o que fez.

O *hross* levou-o somente até o ponto onde apanhara a concha; e ali, para seu espanto não muito razoável, Ransom descobriu que um tipo de barco estava fundeado. Numa atitude típica do ser humano, quando viu o artefato, Ransom teve mais certeza da racionalidade do *hross*. Chegou a dar mais valor à criatura porque o barco, descontando-se a altura e a fragilidade características de Malacandra, era na realidade muito semelhante a um barco terreno. Somente mais tarde fez a si mesmo a pergunta: "Que outra aparência um barco poderia ter?". O *hross* apresentou-lhe uma travessa oval de algum material resistente, mas levemente flexível, cobriu-a com tiras de uma substância esponjosa, cor de laranja, e a entregou a Ransom. Com a faca, cortou um pedaço de tamanho conveniente e começou a comer; hesitante de início e depois com voracidade. O sabor era parecido com o de feijão, porém mais doce. Aceitável para quem estava morrendo de fome. E então, à medida que sua fome se saciava, a noção da situação em que se encontrava voltou à sua mente com um impacto consternador. A enorme criatura semelhante a uma foca sentada ao seu lado se tornou insuportavelmente ameaçadora. Parecia simpática; mas era muito grande, muito negra, e nada sabia a seu respeito. Qual seria

sua relação com os *sorns*? E será que ela era de fato tão racional quanto aparentava ser?

Foi apenas muitos dias depois que Ransom aprendeu a lidar com essas súbitas perdas de confiança. Elas surgiam quando a racionalidade do *hross* o tentava a considerá-lo um homem. Com isso, tornava-se abominável: um homem de dois metros e dez de altura, com o corpo serpeante, todo coberto, até o rosto, com um denso pelo negro de animal, e provido de bigodes de gato. Entretanto, partindo-se do outro lado, ali estava um animal com tudo o que um animal deveria ter – pelagem lustrosa, olhos luminosos, hálito agradável e dentes branquíssimos –, e a tudo isso, como se o Paraíso nunca tivesse sido perdido e os primeiros sonhos fossem realidade, acrescentava-se o encanto da fala e da razão. Nada poderia ser mais repugnante do que a primeira impressão e nada poderia ser mais prazeroso do que a impressão seguinte. Tudo dependia do ponto de vista.

10

Quando Ransom terminou a refeição e bebeu de novo das águas fortes de Malacandra, seu anfitrião ergueu-se e entrou no barco. Fez isso indo de cabeça como um animal, com seu corpo sinuoso permitindo que pousasse as mãos no fundo do barco enquanto seus pés ainda estavam plantados na terra. Completou a operação, lançando ao mesmo tempo o traseiro, a cauda e as pernas traseiras cerca de um metro e meio para o alto, e depois os ajeitou a bordo com uma agilidade que teria sido totalmente impossível para um animal do seu volume na Terra.

Tendo embarcado, tratou de desembarcar e então apontou para o barco. Ransom compreendeu que estava sendo convidado a seguir seu exemplo. É claro que a pergunta que ele queria fazer mais do que qualquer outra não podia ser feita. Será que os *hrossa* (mais tarde descobriu que esse era o plural de *hross*) eram a espécie dominante em Malacandra, e os *sorns*, apesar de seu formato mais semelhante ao dos homens, apenas algum tipo de gado semi-inteligente? Esperava com fervor que pudesse ser assim. Por outro lado, os *hrossa* talvez fossem animais domesticados pelos *sorns*, e nesse caso estes últimos seriam superinteligentes. Toda a sua formação imaginativa de algum modo o incentivava a associar uma inteligência sobre-humana a uma forma monstruosa e a uma vontade impiedosa. Estar a bordo do barco do *hross* poderia significar uma rendição aos *sorns* no final da viagem. Entretanto, esse convite talvez fosse uma oportunidade de ouro de deixar para sempre as florestas assombradas por *sorns*. E àquela altura o próprio *hross* estava começando a estranhar a aparente incapacidade de Ransom de entendê-lo. A insistência dos sinais acabou por levá-lo a uma decisão. A ideia de se separar do *hross* não tinha como ser levada a sério. Sua animalidade chocava Ransom de inúmeras formas; mas o anseio de Ransom de aprender sua língua; e, ainda mais profundo, o fascínio tímido, inelutável, do diferente pelo diferente, a sensação de que o acesso a uma aventura prodigiosa estava sendo posto nas suas mãos – tudo isso na realidade o ligava à criatura com laços mais fortes do que percebia. Entrou no barco.

O barco era desprovido de assentos. Possuía uma proa muito alta, uma enorme expansão de borda-livre e o que pareceu a Ransom um calado impossivelmente baixo. Na realidade, muito pouco do barco sequer repousava na água, o que fez que se lembrasse de uma lancha veloz. Estava atracado por alguma coisa que pareceu de início ser uma corda; mas o *hross* soltou o cabo não o desamarrando, mas simplesmente rasgando em duas partes o que parecia ser a corda, exatamente como seria possível partir em dois um caramelo macio ou um rolo de massa de modelar. Então se agachou junto da popa e apanhou um remo – um remo com uma pá tão enorme que Ransom se perguntou como a criatura conseguiria manejá-lo, até que mais uma vez se lembrou de como era leve o planeta em que se encontravam. O comprimento do corpo do *hross* permitia que ele remasse à vontade na posição agachada, apesar da altura da amurada. E remava veloz.

Durante os primeiros minutos, passaram entre margens cobertas com as árvores roxas, por um curso de água com não mais que cem metros de largura. Então, dobraram um promontório, e Ransom viu que estavam saindo para uma lâmina de água muito maior – um lago enorme, quase um mar. O *hross*, agora cheio de cuidado, mudando de direção com frequência e

olhando ao redor, foi remando para bem longe das margens. A vastidão de um azul deslumbrante ia se alargando em volta deles a cada instante que passava. Ransom não conseguia fixar o olhar nela. O calor da água era sufocante. Tirou o gorro e a jaqueta, deixando, com isso, o *hross* muito surpreso.

Ransom levantou-se com cautela e examinou a paisagem malacandriana, que se descortinava para todos os lados. Adiante e atrás deles estava o lago cintilante, ali cravejado de ilhas, acolá sorrindo sem interrupção para o céu azul-claro. Percebeu que o Sol estava quase exatamente acima da cabeça dele – eles estavam nos trópicos malacandrianos. Em cada extremidade, o lago desaparecia em agrupamentos mais complexos de terra e água, delicada e levissimamente engastados na gigantesca erva roxa. Contudo, essa área pantanosa ou cadeia de arquipélagos, como agora via, era limitada de cada lado por muralhas pontiagudas das montanhas verdes pálidas, que ainda mal podia chamar de montanhas, tão altas eram, tão desoladas, aguçadas, estreitas e aparentemente sem equilíbrio. A boreste, elas não estavam a mais de um quilômetro e meio de distância e pareciam separadas da água apenas por uma faixa estreita de floresta. À esquerda, eram muito mais distantes, embora ainda impressionantes, talvez a uns dez quilômetros do barco. Até onde conseguia enxergar elas se erguiam de cada lado da região inundada, tanto adiante quanto atrás deles. Na realidade, estava navegando pelo leito alagado de um *canyon* majestoso de mais de 15 quilômetros de largura e de comprimento desconhecido. Atrás e às vezes acima dos picos montanhosos, em muitos lugares discernia enormes pilhas encapeladas da substância vermelho rosada que no dia anterior confundira com nuvens. De fato, parecia que do outro lado das montanhas não havia nenhuma queda de terreno. Elas eram mais como o bastião serrilhado de chapadões incomensuráveis, em muitos lugares mais altos que elas mesmas, que compunham o horizonte malacandriano à esquerda e à direita, até onde a vista alcançava. Apenas direto para a frente e direto para trás, o planeta era cortado pela enorme garganta, que agora lhe dava a impressão de não ser mais que um sulco ou fissura no chapadão.

Ransom quis saber o que eram as massas vermelhas semelhantes a nuvens e tentou perguntar por sinais. A pergunta era, porém, muito específica para a linguagem de sinais. A grande quantidade de gestos do *hross* – seus braços ou membros dianteiros eram mais flexíveis que os de Ransom e em movimentos velozes, quase como os de um açoite – deixou claro a Ransom que ele supunha que a pergunta tratasse das terras altas em geral, às quais deu o nome de *harandra*. A região baixa, inundada, a garganta ou *canyon* parecia ser *handramit*. Ransom captou as associações: *handra* – terra; *harandra* – terra alta, montanha; *handramit* – terra baixa, vale, serras e baixadas, na realidade. A peculiar importância da distinção na geografia malacandriana aprenderia mais tarde.

A essa altura, o *hross* tinha chegado ao término de sua cuidadosa navegação. Estavam a uns três quilômetros da terra quando de repente parou de remar e ficou sentado, tenso, com o remo parado no ar. Nesse mesmo instante, o barco estremeceu e saltou para a frente como se tivesse sido lançado por uma catapulta. Aparentemente eles tinham conseguido tirar proveito de alguma corrente. Em alguns segundos, estavam seguindo a uma velocidade de uns 25 quilômetros por hora, subindo e descendo nas estranhas ondas perpendiculares e abruptas de Malacandra, com um movimento brusco, diferente do mar mais agitado que Ransom conhecia na Terra. Era extremamente desagradável e fez que se lembrasse de experiências desastrosas num cavalo a trote quando estava no Exército. Ele agarrou a amurada com a mão esquerda e

enxugou a testa com a direita – o calor úmido da água se tornara muito inconveniente. Perguntou se a comida e, ainda mais, a bebida malacandriana eram realmente digeríveis por um estômago humano. Ainda bem que estava acostumado com barcos! Pelo menos razoavelmente acostumado com barcos. Pelo menos…

Apressado, debruçou-se sobre a amurada. O calor da água azul atingiu-lhe o rosto. Achou que viu enguias brincando no fundo: longas enguias prateadas. O pior aconteceu, não uma, mas muitas vezes. Na sua aflição, teve a nítida lembrança da vergonha de passar mal numa festa de crianças… havia muito tempo, no astro onde nascera. Agora sentia uma vergonha semelhante. Não era assim que o primeiro representante da humanidade gostaria de aparecer diante de uma nova espécie. Será que os *hrossa* também vomitavam? Será que a criatura sabia o que ele estava fazendo? Trêmulo e gemendo, virou-se novamente para dentro do barco. A criatura estava de olho nele, mas sua expressão estava impassível. Só aprendeu a ler o rosto malacandriano muito tempo depois.

Enquanto isso, a corrente pareceu ganhar velocidade. Descrevendo uma curva enorme, eles atravessaram o lago até chegar a uns duzentos metros da margem mais distante e então voltaram, para mais uma vez avançar, em vertiginosas espirais e figuras do número oito, enquanto deixavam para trás bosque roxo e montanha recortada; e Ransom, com ódio, associava seu percurso sinuoso ao enrodilhar nauseante das enguias prateadas. Ele estava perdendo depressa todo o interesse em Malacandra: a distinção entre a Terra e outros planetas parecia não ter importância nenhuma em comparação com a terrível distinção entre a água e a terra. Perguntou-se em desespero se o *hross* morava normalmente na água. Talvez fossem passar a noite nesse barco detestável.

Seus sofrimentos de fato não duraram muito. Felizmente o movimento picado cessou e a velocidade se reduziu. E ele viu que o *hross* estava remando depressa de ré. Ainda flutuavam, com as margens próximas dos dois lados. Entre elas, um canal estreito no qual a água chiava furiosa – aparentemente um baixio. O *hross* desembarcou, com um salto, respingando grande quantidade de água morna para dentro do barco. Ransom, com mais cautela e hesitação, saiu atrás dele, sem deixar de se apoiar no barco. A água chegava mais ou menos aos seus joelhos. Para seu espanto, o *hross*, parecendo não fazer o menor esforço, ergueu o barco de uma vez até o alto da cabeça, ajeitou-o com uma pata dianteira e avançou para a terra, aprumado como uma cariátide grega. Eles seguiram caminhando – se os movimentos balouçantes das pernas curtas do *hross* a partir dos quadris flexíveis podiam ser chamados de caminhar – ao lado do canal. Poucos minutos depois, Ransom viu uma nova paisagem.

O canal não era apenas um baixio, mas uma corredeira – na verdade, a primeira de uma série pela qual a água acompanhava uma descida íngreme por uns oitocentos metros. O terreno ia descendo à frente deles, e o *canyon* – ou *handramit* – continuava a um nível muito mais baixo. Suas paredes, entretanto, não afundavam junto; e da sua posição atual Ransom tinha uma noção mais clara da topografia. Uma porção muito maior dos chapadões estava visível para a esquerda e para a direita, às vezes coberta pelos aglomerados vermelhos semelhantes a nuvens, mas com maior frequência plana, descorada e árida, estendendo-se até onde a linha lisa do horizonte avançava com o céu. Os picos das montanhas agora apareciam somente como a borda ou margem do verdadeiro chapadão, cercando-o como os dentes inferiores cercam a língua. Ele ficou impressionado com o forte contraste entre *harandra* e *handramit*. Como um fio de pedras preciosas, a garganta estendia-se abaixo dele, roxa, azul como a safira, amarela

e de um branco rosado, uma incrustação rica e variada de terras cobertas por bosques e da água onipresente, que sumia e ressurgia. Malacandra era menos parecida com a Terra do que vinha começando a supor. A *handramit* não era um vale de verdade, que subisse e descesse com a cordilheira à qual pertencia. Ela de fato não pertencia a nenhuma cordilheira. Era apenas uma enorme fenda ou vala, de profundidade variada, que percorria a *harandra* alta e plana. Esta última, Ransom começava a suspeitar, era a verdadeira "superfície" do planeta – o que decerto pareceria ser a superfície para um astrônomo terrestre. A *handramit* em si parecia não ter fim: ininterrupta e praticamente reta, ela seguia à frente de Ransom, uma linha de cor que se tornava mais estreita até o lugar onde fendia o horizonte com um dente em forma de "V". Devia haver mais de 150 quilômetros dela à vista, pensou. E calculou que deixara para trás uns 50 ou 60 quilômetros desde o dia anterior.

Todo esse tempo eles estavam descendo pela margem das corredeiras até o local onde a água voltava a correr mais no plano, e o *hross* pôde lançar sua embarcação novamente. Durante essa caminhada, Ransom aprendeu as palavras que designavam barco, corredeira, água, sol e carregar. Esta última, por ser seu primeiro verbo, foi de interesse particular para ele. O *hross* também fez algum esforço para fazer que compreendesse uma associação ou relação que tentou transmitir por meio da repetição dos pares de palavras em contraste: *hrossa-handramit* e *séroni-harandra*. Ransom entendeu que ele queria dizer que os *hrossa* moravam embaixo, na *handramit*; e os *séroni*, lá no alto, na *harandra*. Afinal de contas, o que eram *séroni*, perguntou-se. As vastidões abertas da *harandra* não davam a impressão de que alguma coisa vivesse lá por cima. Talvez os *hrossa* tivessem uma mitologia – ele considerava líquido e certo que o nível cultural deles fosse baixo –, e os *séroni* fossem deuses ou demônios.

A viagem continuou, com recorrências frequentes dos enjoos de Ransom, que, porém, foram diminuindo. Horas depois se deu conta de que *séroni* bem poderia ser o plural de *sorn*.

O sol baixou à direita deles mais rápido do que na Terra, ou pelo menos do que nas regiões da Terra que Ransom conhecia. E no céu sem nuvens ele teve pouco da pompa de um pôr do sol. De algum modo estranho, que Ransom não conseguiria especificar, era um sol diferente do que conhecia. Mas no mesmo instante em que Ransom especulava sobre o assunto, os topos das montanhas semelhantes a agulhas destacaram-se negros em contraste com o céu, e a *handramit* escureceu, muito embora para o leste (à sua esquerda) as regiões altas da *harandra* ainda brilhassem num rosa pálido, remotas, lisas e tranquilas como um mundo diferente e mais espiritual.

Logo se deu conta de que estavam novamente desembarcando, pisando em terra firme, embrenhando-se pela floresta roxa. O movimento do barco ainda funcionava na sua fantasia, e a terra parecia oscilar debaixo dele. Isso, associado ao cansaço e ao crepúsculo, fez o resto da viagem parecer um sonho. Uma luz começou a ofuscar seus olhos. Havia um fogo aceso que iluminava as enormes folhas por baixo, e Ransom viu estrelas por trás delas. Sentiu-se cercado por dezenas de *hrossa*. Mais animalescos, menos humanos, em sua aglomeração e grande proximidade, do que seu guia solitário lhe parecera. Embora estivesse com certo medo, sentia mais uma medonha noção de absurdo. Queria homens – quaisquer homens, até mesmo Weston e Devine. Estava cansado demais para fazer qualquer coisa a respeito dessas cabeças de bala e caras peludas inexpressivas – não conseguia ter absolutamente nenhuma reação. E então, mais abaixo, mais perto dele, com movimentos mais ágeis, chegaram

multidões de filhotes, crias, pirralhos, sabe-se lá como se chamavam. De repente, seu ânimo mudou. Eram criaturinhas adoráveis. Ele pôs a mão numa cabeça preta e sorriu. A criatura fugiu apressada.

Jamais conseguiu se lembrar de muita coisa daquela noite. Houve mais comes e bebes. Eram constantes as idas e vindas de vultos negros. À luz da fogueira, viam-se estranhos olhos luminosos. Por fim, veio o sono em algum lugar escuro, aparentemente coberto.

11

Desde que acordou na espaçonave, Ransom vinha pensando na espantosa aventura de ir a outro planeta e nas suas chances de voltar dessa viagem. O que não tinha cogitado era em *estar* no planeta. Era com uma espécie de estupefação que, a cada manhã, se descobria nem chegando a Malacandra, nem escapando do planeta, mas simplesmente vivendo ali: dormindo, acordando, comendo, nadando e até, com o passar dos dias, falando. O assombro atingiu-o com maior impacto quando, três semanas após sua chegada, flagrou-se de fato indo fazer uma caminhada. Algumas semanas depois, já possuía suas caminhadas e suas comidas preferidas: estava começando a desenvolver hábitos. Distinguia um *hross* macho de uma fêmea à primeira vista, e até mesmo diferenças individuais estavam ficando evidentes. Hyoi, o primeiro a encontrá-lo – a quilômetros dali, mais para o norte –, era uma pessoa muito diferente do venerável Hnohra, de focinho grisalho, que lhe dava aulas diárias da língua. E os filhotes da espécie também eram diferentes. Eram encantadores. Ao lidar com eles, era possível esquecer tudo a respeito da racionalidade dos *hrossa*. Jovens demais para perturbá-lo com o enigma frustrante da razão numa forma não humana, eles amenizavam sua solidão, como se tivesse tido permissão para trazer consigo da Terra alguns cachorros. Já os filhotes sentiam o maior interesse pelo duende sem pelo que aparecera entre eles. Com eles e, portanto, com a mãe deles por tabela, fazia enorme sucesso.

Da comunidade em geral, suas impressões iniciais estavam todas sendo corrigidas aos poucos. Seu primeiro diagnóstico referente à cultura dos *hrossa* era o que chamava de "alta idade da pedra". Os poucos instrumentos cortantes que possuíam eram feitos de pedra. Parecia não haver objetos de cerâmica, mas alguns recipientes desajeitados eram usados para a fervura; e a fervura era a única maneira que eles usavam para cozinhar. Seu recipiente comum para beber, prato e copo ao mesmo tempo, era a concha semelhante à da ostra na qual Ransom provara pela primeira vez da hospitalidade do *hross*. O único alimento animal era o contido nessa concha. Havia alimentos do reino vegetal em grande abundância e variedade; alguns deles, deliciosos. Até mesmo a erva de um branco rosado que cobria toda a *handramit* era comestível em caso de necessidade. Tanto que, se Ransom tivesse morrido de fome antes que Hyoi o encontrasse, teria morrido no meio da fartura. Entretanto, nenhum *hross* comia dessa erva (*honodraskrud*), embora ela pudesse ser usada na falta de outro alimento melhor numa viagem, por exemplo. As habitações deles eram cabanas na forma de colmeias, feitas de folhas rígidas; e as aldeias – havia algumas nas cercanias – eram sempre construídas à margem de rios em busca de calor e bem rio acima, na direção das muralhas da *handramit*, onde a água era mais quente. Dormiam no chão.

Davam a impressão de não possuir nenhuma arte, salvo um tipo de poesia e música que era ensaiado quase todas as noites por um grupo ou trupe de quatro *hrossa*. Um recitava como se entoasse uma longa cantilena, enquanto os outros três, às vezes individualmente e às vezes em coro, interrompiam-no de quando em quando com alguma melodia. Ransom não conseguiu descobrir se essas interrupções eram simples interlúdios líricos ou um diálogo dramático propiciado pela narrativa do líder. Da música não conseguia entender nada. As vozes não

eram desagradáveis, e a escala parecia adequada aos ouvidos humanos, mas o tempo não fazia sentido para a noção de ritmo de Ransom. As ocupações da tribo ou da família eram de início misteriosas. Sempre alguém desaparecia por alguns dias para depois reaparecer. Pescava-se pouco e viajava-se muito de barco, viagens cujo objetivo jamais descobrira. Um dia, então, viu uma espécie de caravana de *hrossa* partindo por terra, cada um com uma carga de hortaliças na cabeça. Aparentemente, havia em Malacandra algum tipo de comércio.

Na primeira semana, descobriu a agricultura deles. Cerca de um quilômetro e meio mais abaixo na *handramit*, chegava-se a uma região aberta, sem florestas, recoberta por muitos quilômetros com uma vegetação baixa e carnuda na qual predominavam o amarelo, o laranja e o azul. Mais adiante, havia plantas semelhantes a alfaces mais ou menos com a altura de uma bétula na Terra. Nos locais em que uma dessas plantas se debruçava sobre o calor da água, era possível entrar numa das folhas inferiores e experimentar o prazer de ficar deitado ali, como numa rede perfumada, num movimento delicado. Em outros lugares, não fazia calor suficiente para alguém poder ficar sentado muito tempo ao ar livre. A temperatura normal da *handramit* era a de uma manhã ensolarada de inverno na Terra. O trabalho nessas áreas produtoras de alimentos era da responsabilidade comum das aldeias circunvizinhas, e a divisão das tarefas tinha atingido um nível mais alto do que calculava. Cortar, secar, armazenar, transportar e alguma coisa semelhante a adubar eram todas atividades realizadas ali, e suspeitava que pelo menos alguns dos canais de água fossem artificiais.

Contudo, a verdadeira revolução em sua compreensão dos *hrossa* começou quando aprendeu a língua deles suficiente para tentar satisfazer em parte a curiosidade que eles sentiam a seu respeito. Em resposta às perguntas deles, Ransom começou dizendo que veio do céu. Hnohra de imediato perguntou de que planeta ou terra (*handra*). Ransom, que propositadamente tinha dado uma versão infantil da verdade para adaptá-la à suposta ignorância da plateia, ficou um pouco irritado ao ver que Hnohra lhe explicava a duras penas que não se podia viver no céu porque lá não havia ar; que podia ter vindo pelo céu, mas que devia ser proveniente de uma *handra*. Ransom foi simplesmente incapaz de indicar para eles a Terra no céu noturno. Eles pareceram surpresos com sua incapacidade e repetidamente chamaram sua atenção para um planeta brilhante, bem baixo, no horizonte a oeste – um pouco ao sul de onde o Sol tinha se posto. Ransom ficou surpreso por eles escolherem um planeta em vez de uma mera estrela e por insistirem na escolha. Seria possível que eles entendessem de astronomia? Infelizmente, sabia muito pouco da língua deles para investigar seus conhecimentos. Então, mudou o rumo da conversa perguntando-lhes o nome do luminoso planeta ao sul, e foi informado de que se tratava de Thulcandra – o mundo ou planeta silencioso.

– Por que vocês o chamam de *Thulc*? – perguntou. – Por que silencioso? – Ninguém soube responder.

– Os *séroni* sabem – disse Hnohra. – Esse é o tipo de coisa que eles sabem.

Perguntaram-lhe então de que modo tinha vindo, e Ransom respondeu com uma tentativa muito insatisfatória de descrever a espaçonave. E novamente:

– Os *séroni* devem saber.

Ele veio sozinho? Não, veio com mais dois da sua espécie – homens maus (homens "tortos" foi o equivalente mais próximo na língua *hrossiana*), que tentaram matá-lo, mas tinha conseguido fugir deles. Os *hrossa* acharam tudo isso muito difícil, mas por fim todos

concordaram que ele deveria ir ver Oyarsa. Oyarsa o protegeria. Ransom perguntou quem era Oyarsa. Devagar e com muitos erros de interpretação, ele extraiu a informação de que Oyarsa (1) morava em Meldilorn; (2) sabia tudo e governava todos; (3) sempre existiu; e (4) não era um *hross*, nem era um dos *séroni*. E então Ransom, seguindo um palpite seu, perguntou se Oyarsa tinha criado o mundo. Os *hrossa* quase latiram com o fervor da negativa que deram. Os habitantes de Thulcandra não sabiam que Maleldil, o Jovem, criara e ainda governava o mundo? Até uma criança sabia isso.

Ransom perguntou onde Maleldil morava.

– Com o Velho – foi a resposta que deram.

E quem era o Velho? Ransom não entendeu. Resolveu tentar novamente:

– Onde está o Velho?

– Ele não é do tipo que precise morar em algum lugar – disse Hnohra, passando a uma longa fala que Ransom não conseguiu acompanhar. Mas entendeu suficientemente para mais uma vez sentir certa irritação. Desde que descobrira a racionalidade dos *hrossa*, ele vinha sendo atormentado por uma dúvida escrupulosa quanto a ser ou não ser seu dever empreender a instrução religiosa deles. Agora, em consequência dos seus esforços hesitantes, descobria-se sendo tratado como se *ele* fosse o selvagem, a quem era oferecido um primeiro esboço da religião civilizada – uma espécie de equivalente *hrossiano* de catecismo. Ficou claro que Maleldil era um espírito desprovido de corpo, de órgãos ou de paixões.

– Ele não é um *hnau* – disseram os *hrossa*.

– O que é *hnau*? – perguntou Ransom.

– Você é *hnau*. Eu sou *hnau*. Os *séroni* são *hnau*. Os *pfifltriggi* são *hnau*.

– *Pfifltriggi*? – estranhou Ransom.

– A mais de dez dias de viagem daqui, mais para o oeste – disse Hnohra. – A *harandra* vai descendo não para se transformar na *handramit*, mas num lugar largo, um lugar aberto, que se estende para todos os lados. São cinco dias de viagem de norte a sul; e dez dias de leste a oeste. Lá as florestas são de cores diferentes das daqui. São azuis e verdes. Lá é muito fundo; vai até as raízes do mundo. Lá existe tudo o que de melhor pode ser extraído da terra. Os *pfifltriggi* moram lá. Eles adoram cavar. O que cavam eles amolecem com fogo e fazem coisas. São um povo pequeno, menor que você, de focinho comprido, pálidos, trabalhadores. Seus membros dianteiros são compridos. Nenhum *hnau* chega a se comparar com eles na moldagem e na confecção de objetos, da mesma forma que nenhum consegue se comparar a nós com relação à música. Mas que o *hhōmem* veja.

Hnohra voltou-se e falou com um dos *hrossa* mais jovens. Dali a pouco tempo, passada de mão em mão, chegou a ele uma pequena cumbuca. Ele a segurou perto da luz do fogo e a examinou bem. Sem a menor dúvida, era de ouro; e Ransom compreendeu o significado do interesse de Devine por Malacandra.

– Existe muito desse material aqui? – perguntou.

Disseram-lhe que sim. Descia na água da maioria dos rios; mas o de melhor qualidade e em maior abundância estava entre os *pfifltriggi*. E eles eram os mais hábeis em lidar com esse material. Chamavam-no de *arbol hru* – o sangue do sol. Ransom olhou novamente para a cumbuca e viu que ela tinha gravações primorosas, com imagens de *hrossa* e de animais menores, ligeiramente parecidos com rãs, e depois de *sorns*. Para esses, ele apontou com ar

de interrogação.

– *Séroni* – disseram os *hrossa*, confirmando suas suspeitas. – Eles moram no alto, quase na *harandra*. Nas grandes cavernas.

Os animais semelhantes a rãs – ou animais de cabeça de tapir e corpo de rã – eram *pfifltriggi*. Ransom ponderou sobre o assunto. Em Malacandra, três espécies distintas pareciam ter atingido a racionalidade, e por enquanto nenhuma delas tinha exterminado as outras duas. Era de seu profundo interesse descobrir qual das espécies realmente dominava as outras.

– Qual dos *hnau* governa? – perguntou.

– Oyarsa governa – foi a resposta.

– Ele é *hnau*?

Isso os deixou meio intrigados. Achavam que os *séroni* seriam mais aptos a responder a esse tipo de pergunta. Talvez Oyarsa fosse *hnau*, mas um *hnau* muito diferente. Ele não morria e não tinha prole.

– Esses *séroni* sabem mais que os *hrossa*? – perguntou Ransom.

Isso produziu mais um debate do que uma resposta. O que surgiu, por fim, foi a conclusão de que os *séroni* ou *sorns* eram de uma total incompetência num barco e não saberiam pescar nem que disso dependesse a vida deles; mal conseguiam nadar; não sabiam fazer poesia; e, mesmo quando os *hrossa* a faziam para eles, eles conseguiam entender apenas as de qualidade inferior. No entanto, os *séroni* eram reconhecidamente bons para descobrir coisas a respeito das estrelas, para compreender os pronunciamentos mais obscuros de Oyarsa e contar o que tinha em Malacandra muito tempo atrás – num passado mais remoto do que qualquer um pudesse se lembrar.

"Ah… a *intelligentsia"*, pensou Ransom. "Devem ser os verdadeiros governantes, por mais que disfarcem."

Ele tentou perguntar o que aconteceria se os *sorns* usassem a sabedoria deles para forçar os *hrossa* a fazer coisas – conseguindo o máximo de seu malacandriano capenga. Com esse enunciado, a pergunta não pareceu nem de longe tão importante quanto se tivesse podido dizer "usassem seus recursos científicos para explorar seus vizinhos pouco civilizados". Mas ele poderia ter poupado seus esforços. A menção da apreciação insuficiente dos *sorns* pela poesia desviara toda a conversa para o aspecto literário. Da discussão acalorada, e aparentemente técnica, que se seguiu ele não compreendeu uma sílaba.

Naturalmente, suas conversas com os *hrossa* não giravam exclusivamente sobre Malacandra. Precisava retribuir com informações sobre a Terra. Nisso ele era prejudicado tanto pelas descobertas humilhantes que fazia constantemente da sua própria ignorância sobre seu planeta natal, quanto em parte por sua determinação de ocultar alguns aspectos da verdade. Não queria falar demais sobre nossas guerras e industrialismos humanos. Lembrava-se de como Cavor de H. G. Wells tinha encontrado, na Lua, seu fim. Além disso, ele se sentia embaraçado. Uma sensação semelhante à da nudez física o dominava sempre que lhe faziam perguntas muito específicas sobre os homens – os *hhōmena*, como os chamavam. Além disso, estava determinado a não deixar que eles soubessem que ele tinha sido trazido até ali para ser entregue aos *sorns*, pois a cada dia tinha mais certeza de que essa era a espécie dominante. O que ele contou inspirou-lhes a imaginação: todos começaram a fazer poemas sobre a estranha

handra onde as plantas eram duras como pedra, as ervas do chão verdes como rochas, as águas frias e salgadas, e os *hhōmena* viviam no alto, na *harandra*.

Ficaram ainda mais interessados no que ele tinha a dizer a respeito do animal aquático que tentara abocanhá-lo, do qual tinha fugido ali, no próprio mundo deles, e até mesmo na sua própria *handramit*. Era um *hnakra*, concordaram todos, com forte empolgação. Não aparecia um *hnakra* no vale havia muitos anos. Os jovens dos *hrossa* foram apanhar suas armas – arpões primitivos com pontas de osso –, e até os filhotes começaram a brincar de caçar *hnakra* nas águas rasas. Algumas mães manifestaram a preocupação delas, querendo que os filhotes fossem mantidos fora da água; mas, de forma geral, a notícia a respeito do *hnakra* foi um grande sucesso. Hyoi partiu de imediato para fazer alguma coisa no seu barco, e Ransom foi com ele. Queria ser útil e já estava começando a desenvolver alguma competência com as primitivas ferramentas *hrossianas*. Foram andando juntos até o córrego de Hyoi, a pequena distância dali, através da floresta.

No caminho, onde a trilha era estreita e Ransom ia atrás de Hyoi, eles passaram por uma *hross* pequena, não muito mais do que um filhote. Quando passaram, ela falou, mas não com eles. Seus olhos estavam voltados para um ponto a cerca de cinco metros dali.

– Com quem você está falando, Hrikki? – disse Ransom.

– Com o *eldil*.

– Onde?

– Você não viu?

– Não vi nada.

– Ali! Ali! – exclamou ela de repente. – Ah! Ele foi embora. Você não viu?

– Não vi ninguém.

– Hyoi – disse a filhote –, o *hhōmem* não consegue ver o *eldil*!

Entretanto, Hyoi, avançando firme pelo caminho, já estava longe para ouvi-la e parecia não ter percebido nada. Ransom concluiu que Hrikki estava brincando de faz de conta, como os pequenos da espécie humana. Daí a alguns instantes, ele já estava junto ao companheiro.

12

Eles trabalharam muito no barco de Hyoi até o meio-dia. Esticaram-se, então, na relva, perto do calor do córrego, e começaram a refeição deles. A natureza bélica dos preparativos sugeriu muitas perguntas a Ransom. Ele não conhecia nenhuma palavra para "guerra", mas conseguiu fazer que Hyoi entendesse o que queria saber. Os *séroni*, os *hrossa* e os *pfifltriggi* saíam em expedições daquele tipo, com armas, uns contra os outros?

– Para quê? – perguntou Hyoi.

Foi difícil explicar.

– Se duas espécies quisessem a mesma coisa, e nenhuma cedesse – disse Ransom –, uma delas não acabaria recorrendo à força, dizendo "tratem de nos dar ou nós matamos vocês"?

– Que tipo de coisa?

– Bem, comida, talvez.

– Se o outro *hnau* quisesse comida, por que nós não a daríamos? Com frequência é o que fazemos.

– Mas e se não tivéssemos suficiente para nós mesmos?

– Mas Maleldil não para de fazer crescer as plantas.

– Hyoi, se vocês cada vez tivessem mais filhotes, Maleldil aumentaria a *handramit* para criar espaço para plantas em quantidade suficiente para todos?

– Os *séroni* sabem esse tipo de coisa. Mas por que haveríamos de ter mais filhotes?

Ransom considerou essa pergunta difícil. Por fim, falou:

– A procriação não é um prazer entre os *hrossa*?

– Um enorme prazer, *Hhōmem*. É o que chamamos de amor.

– Se uma coisa é um prazer, um *hhōmem* quer repeti-la. Um *hross* poderia, também, querer o prazer mais vezes do que o número de filhotes que pudessem ser alimentados.

Hyoi levou muito tempo para entender o sentido da pergunta.

– Você está querendo dizer – falou, devagar – que um *hross* poderia querer procriar outras vezes, e não somente em um ou dois anos da vida?

– Isso.

– Mas por quê? Haveria ele de querer jantar o dia inteiro ou dormir depois de ter acordado? Não compreendo.

– Ora, jantar, janta-se todos os dias. Esse amor, pelo que você diz, acontece somente uma vez na vida do *hross*?

– Mas ocupa sua vida inteira. Quando jovem, ele precisa procurar a parceira. Depois precisa cortejá-la. Em seguida, gera filhotes e os cria. Por fim, lembra-se de tudo isso, reduz à sua essência e transforma em poemas e sabedoria.

– Mas ele precisa se contentar com o prazer que está somente em sua lembrança?

– Isso é o mesmo que dizer: "Minha comida, eu preciso contentar-me só em comer."

– Não estou entendendo.

– Um prazer atinge sua plenitude somente quando é relembrado. *Hhōmem*, você está

falando como se o prazer fosse uma coisa, e a lembrança, outra. Tudo é uma coisa só. Os *séroni* poderiam explicar melhor isso do que eu. Mas não melhor do que eu poderia dizer num poema. O que você chama de lembrança é a última parte do prazer, como o *crah* é a última parte do poema. Quando você e eu nos conhecemos, o encontro terminou bem rápido: não foi nada. Agora, ele está crescendo à medida que nos lembramos dele. Mesmo assim, sabemos muito pouco a respeito dele. O que ele vier a ser quando eu me lembrar dele na hora da minha morte, o que ele operar em mim em todos os meus dias até aquela hora… esse é o verdadeiro encontro. O outro é só o início. Você diz que há poetas no seu mundo. Eles não lhes ensinam isso?

– Pode ser que alguns ensinem – respondeu Ransom. – Mas, mesmo num poema, um *hross* não sente vontade de ouvir um verso esplêndido mais de uma vez?

Infelizmente, a resposta de Hyoi girou em torno de um daqueles detalhes da língua deles que Ransom ainda não dominava. Havia dois verbos que, até onde ele conseguia entender, significavam *ansiar* ou *desejar ardentemente*. Os *hrossa* faziam uma distinção nítida entre eles, até mesmo uma oposição. Hyoi parecia simplesmente dizer que todos ansiariam pelo verso (*wondelone*), mas que ninguém em pleno juízo poderia ansiar por ele (*hluntheline*).

– Na realidade – prosseguiu –, o poema é um bom exemplo. O verso mais esplêndido atinge seu completo esplendor somente por intermédio de todos os versos que o acompanham. Se você voltasse a ele, haveria de considerá-lo menos esplêndido do que imaginava. Você o mataria. Isso num bom poema.

– E num poema torto, Hyoi?

– Ninguém presta atenção num poema torto, *Hhōmem*.

– E o que dizer do amor numa vida torta?

– Como a vida de um *hnau* poderia ser torta?

– Você está dizendo, Hyoi, que não existem *hrossa* tortos? Hyoi refletiu. E acabou respondendo:

– Ouvi falar de alguma coisa parecida com o que você está querendo dizer. Sabe-se que às vezes, num lugar ou outro, um filhote de certa idade apresenta umas esquisitices. Ouvi falar de um que tinha vontade de comer terra. Talvez, da mesma forma, possa haver em algum lugar um *hross* que queira prolongar os anos do amor. Disso não ouvi falar, mas poderia ser. Já soube de algo mais estranho. Há um poema sobre um *hross* que viveu há muito tempo, em outra *handramit*, que via as coisas em duplicidade: dois sóis no céu, duas cabeças num pescoço. No final, dizem que caiu numa aflição tal que desejou duas parceiras. Não estou pedindo que você acredite, mas essa é a história: ele amava duas *hressni*.

Ransom refletiu a respeito. Aqui, a menos que Hyoi o estivesse enganando, estava uma espécie comedida por natureza, monógama por natureza. E, no entanto, isso era assim tão estranho? Alguns animais, ele sabia, tinham estações regulares para a procriação. E se a natureza podia realizar o milagre de tornar manifesto o impulso sexual, por que ela não poderia ir mais adiante e, não em termos morais, mas por instinto, fixá-lo num único objeto? Até mesmo se lembrou vagamente de ter ouvido que alguns animais terrestres, alguns dos animais "inferiores", eram naturalmente monógamos. Fosse como fosse, entre os *hrossa* era óbvio que a procriação desenfreada e a promiscuidade eram tão raras quanto as perversões mais insólitas. Por fim, começou a lhe ocorrer que não eram eles, os *hrossa*, que eram um

enigma, mas sua própria espécie. Que os *hrossa* tivessem esse tipo de instinto era ligeiramente surpreendente; mas como era possível que os instintos dos *hrossa* se assemelhassem tanto aos ideais não atingidos daquela espécie tão remota, o Homem, cujos instintos eram diferentes em termos tão deploráveis? Qual era a história do Homem? Mas Hyoi voltou a falar:

– Não resta dúvida de que Maleldil nos fez assim. Como seria possível haver alimento suficiente se cada um tivesse vinte filhotes? E como poderíamos suportar viver e deixar o tempo passar se estivéssemos sempre chorando pela volta de um dia ou de um ano, se não soubéssemos que cada dia numa vida preenche a vida inteira com expectativas e lembranças, as quais, na verdade, são aquele dia?

– Mesmo assim – disse Ransom, sem perceber que estava irritado por causa do seu próprio mundo –, Maleldil permitiu a existência do *hnakra*.

– Ah, mas é tão diferente. Anseio por matar esse *hnakra* como ele também anseia por me matar. Tenho esperança de meu barco ser o primeiro e de eu ser o primeiro no meu barco, com meu arpão certeiro quando a boca negra tentar abocanhar. E, se ele me matar, meu povo há de chorar minha morte, e meus irmãos terão um desejo ainda maior de matá-lo. Mas eles não desejarão que não existam *hnéraki*. Nem eu tenho esse desejo. Como posso fazer que você entenda, se você não entende os poetas? O *hnakra* é nosso inimigo, mas também é nosso amado. Sentimos no coração sua alegria quando ele olha do alto da montanha de água, no norte, onde nasceu. Saltamos com ele quando ele transpõe as cataratas. E, quando vem o inverno, e o lago fumega mais alto que nossa cabeça, é com os seus olhos que vemos a paisagem e sabemos que seu tempo de caça teve início. Penduramos imagens dele na nossa casa, e o símbolo de todos os *hrossa* é um *hnakra*. Nele vive o espírito do vale; e nossos pequenos fazem de conta que são *hnéraki* assim que conseguem chapinhar nos baixios.

– E então ele os mata?

– Os filhotes, não com muita frequência. Os *hrossa* seriam *hrossa* tortos se o deixassem chegar tão perto. Muito antes que ele se aproximasse tanto assim, já o teríamos perseguido. Não, *Hhōmem*, não são algumas mortes perambulando pelo mundo ao redor que tornam um *hnau* infeliz. Seria um *hnau* torto que escureceria o mundo. E ainda digo o seguinte: acho que a floresta não seria tão brilhante, nem o calor da água tão agradável, nem o amor tão doce, se não houvesse perigo nos lagos. Vou lhe falar de um dia que foi determinante na minha vida, um dia como acontece só uma vez, como o amor, ou servir Oyarsa em Meldilorn. Na época eu era jovem, não muito mais do que um filhote, quando fui longe, muito longe, pela *handramit*, até a terra onde as estrelas brilham ao meio-dia e até mesmo a água é fria. Escalei uma imensa queda-d'água. Postei-me à margem de Balki, o lago, que é o lugar de maior reverência em todos os mundos. Suas paredes sobem sem parar, e imagens santas e enormes estão entalhadas nelas, obra de tempos passados. Lá está a cascata chamada de Montanha de Água. Como me postei lá sozinho, Maleldil e eu, pois nem mesmo Oyarsa me disse palavra nenhuma, meu coração ficou mais elevado, minha música mais profunda, todos os dias da minha vida. Mas você acha que teria sido assim se eu não tivesse conhecimento de que em Balki moravam *hnéraki*? Lá eu bebi a vida porque a morte estava no lago. Essa foi a melhor coisa que eu poderia beber, com exceção de uma.

– E qual seria essa exceção?

– A própria morte no dia em que eu a beber e for para Maleldil.

Pouco depois, eles se levantaram e retomaram o trabalho. O sol já estava se pondo quando atravessaram a floresta de volta. Ocorreu a Ransom fazer uma pergunta a Hyoi:

– Hyoi, acabou de me ocorrer que, quando o vi pela primeira vez e antes que você me visse, você já estava falando. Foi assim que eu soube que você era *hnau*, porque, de outro modo, eu teria pensado que era um animal, e teria fugido. Mas com quem você estava falando?

– Com um *eldil*.

– E o que é isso? Não vi ninguém.

– Não existem *eldila* no seu mundo, *Hhōmem*? Deve ser estranho.

– Mas o que são eles?

– Eles vêm de Oyarsa. Suponho que sejam um tipo de *hnau*.

– Quando estávamos saindo hoje, passei por uma criança que disse que estava conversando com um *eldil*, mas não vi nada.

– Olhando nos seus olhos, *Hhōmem*, dá para perceber que eles são diferentes dos nossos. Mas é difícil ver os *eldila*. Eles não são como nós. A luz passa através deles. É preciso que se esteja olhando para o lugar certo na hora certa. E não é provável que isso aconteça, a menos que o *eldil* queira ser visto. Às vezes, eles podem ser confundidos com um raio de sol ou mesmo com um movimento da folhagem; no entanto, quando se olha de novo, percebe-se que era um *eldil* e que ele foi embora. Mas, se seus olhos vão poder um dia ver um *eldil*, não sei dizer. Os *séroni* devem saber.

13

Era grande a agitação na aldeia inteira na manhã seguinte, antes mesmo de a luz do sol – já visível na *harandra* – penetrar na floresta. À luz das fogueiras, Ransom via *hrossa* em atividade incessante. As fêmeas despejavam comida fumegante de panelas desajeitadas. Hnohra organizava o transporte de pilhas de arpões para os barcos. Hyoi, no meio de um ajuntamento de caçadores mais experientes, falava rápido demais e usava termos muito técnicos para Ransom conseguir acompanhar. Grupos chegavam de aldeias vizinhas, e os filhotes, guinchando de empolgação, corriam para cá e para lá entre os mais velhos.

Descobriu que sua participação na caçada era considerada líquida e certa. Deveria ir no barco de Hyoi, com ele e com Whin. Os dois *hrossa* iam se revezar nos remos, enquanto Ransom e o *hross* que não estivesse remando ficariam na proa. Compreendia os *hrossa* suficientemente bem para saber que eles lhe estavam fazendo a oferta mais nobre ao seu alcance; e que Hyoi e Whin estavam ambos atormentados pelo medo de estar remando quando o *hnakra* aparecesse. Não muito tempo atrás, na Inglaterra, nada teria parecido mais impossível a Ransom do que aceitar o posto de honra e perigo num ataque contra um monstro aquático desconhecido, mas certamente mortal. Até em ocasião mais recente, quando fugiu pela primeira vez dos *sorns*, ou quando passou a noite na floresta sentindo pena de si mesmo, dificilmente teria estado ao alcance da sua capacidade fazer o que pretendia fazer hoje. Pois sua intenção era clara. Não importava o que acontecesse, devia demonstrar que a espécie humana também era *hnau*. Infelizmente, também tinha perfeita noção de que resoluções desse tipo poderiam parecer bem diferentes quando o momento se apresentasse; mas sentia uma confiança inusitada de que, de uma forma ou de outra, conseguiria ir até o fim. Era necessário, e o necessário sempre era possível. Mas talvez houvesse algo no ar que ele agora respirava que estava começando a operar uma mudança nele ou então fosse por causa da companhia dos *hrossa*.

O lago apenas começava a refletir os primeiros raios do sol quando se descobriu ajoelhado ao lado de Whin, de acordo com as instruções recebidas, na proa do barco de Hyoi, com uma pequena pilha de arpões entre os joelhos e um na mão direita, enrijecendo o corpo em resistência ao movimento enquanto Hyoi saía remando para seu lugar designado. No mínimo, uns cem barcos estavam participando da caçada. Estavam organizados em três grupos. O do centro, e de longe o menor, deveria subir contra a corrente pela qual Hyoi e Ransom tinham descido depois que se conheceram. Para isso, eram usadas embarcações de oito remos, mais compridas do que as que já tinha visto. O hábito do *hnakra* era vir boiando na corrente sempre que podia. Ao deparar com os barcos, presumia-se que ele fugisse veloz para as águas paradas à esquerda ou à direita. Por isso, enquanto o grupo central subia devagar pela corrente, os barcos mais leves, remando muito mais rápido, poderiam movimentar-se à vontade, para cima e para baixo, de ambos os lados, para receber a presa assim que ela saísse do que poderia ser chamado de "abrigo". Nesse jogo, a vantagem dos números e da inteligência estava com os *hrossa*. O *hnakra* tinha a velocidade a seu favor, e também a invisibilidade, já que podia nadar por baixo da água. Era quase invulnerável, a não ser pela

boca aberta. Se os dois caçadores na proa do barco que ele enfrentasse errassem o alvo, geralmente isso representaria o fim deles e do seu barco.

Nos grupos leves de atiradores, havia duas coisas que um caçador podia almejar. Podia se manter bem para trás, perto dos barcos longos, onde era mais provável que o *hnakra* aparecesse, ou podia avançar o máximo possível na esperança de dar com o *hnakra* quando estivesse vindo a toda velocidade, ainda sem ter sido perturbado pela caçada, para induzi-lo por meio de um arpão bem posicionado a deixar a corrente naquele ponto mesmo. Desse modo, era possível antecipar-se aos batedores e matar a fera – se fosse assim que a questão terminasse – sozinho. Era esse o desejo de Hyoi e Whin; e quase era o de Ransom – tão contagiante era a atitude dos *hrossa*. Por isso as pesadas embarcações dos batedores mal tinham começado a avançar devagar contra a corrente em meio a uma muralha de espuma, quando Ransom descobriu que seu próprio barco arrancava rumo ao norte, à máxima velocidade que Hyoi conseguia lhe imprimir, já ultrapassando um barco após o outro e abrindo caminho para águas menos congestionadas. A velocidade era inebriante. Com o frio da manhã, não era desagradável o calor da vastidão azul que estavam transpondo. Atrás deles, reverberando dos remotos cumes rochosos de cada lado do vale, subiam as vozes profundas, semelhantes a bramidos, de mais de duzentos *hrossa*, mais melodiosas que o ladrar de cães de caça, mas muito parecidas tanto na qualidade quanto no propósito. Alguma coisa adormecida havia muito tempo no sangue de Ransom despertou. Nesse momento, não parecia impossível que até mesmo ele pudesse ser o matador do *hnakra*; que a fama do *Hhōmem hnakrapunt* fosse transmitida para a posteridade nesse mundo que não conhecia outro homem. Mas já tivera antes esse tipo de sonho e sabia como terminava. Impondo humildade ao tumulto recém-inflamado de seus sentimentos, voltou os olhos para a água agitada da corrente ao longo da qual seguiam, sem nela entrar, e vigiou atento.

Por um bom tempo, nada aconteceu. Ransom deu-se conta da rigidez de sua atitude e relaxou deliberadamente os músculos. Logo, com relutância, Whin foi para a popa remar, e Hyoi avançou para ocupar seu lugar. Quase no instante em que a troca se efetuara, Hyoi falou baixinho com Ransom, sem tirar os olhos da corrente:

– Um *eldil* está vindo na nossa direção por cima da água.

Ransom não via nada – ou nada que pudesse distinguir de alguma imaginação sua e da dança dos raios do sol no lago. Daí a um momento, Hyoi voltou a falar, mas não com ele:

– O que foi, nascido nos céus?

O que aconteceu depois foi a experiência mais fantástica que Ransom tinha tido até então em Malacandra. Ele ouviu a voz. Ela parecia sair do ar, cerca de um metro acima da sua cabeça, e era quase uma oitava mais alta que a do *hross* – mais alta mesmo que sua própria voz. Percebeu que uma ínfima diferença no seu ouvido teria tornado o *eldil* tão inaudível quanto era invisível para ele.

– É o Homem que está com você, Hyoi – disse a voz. – Ele não devia estar aí. Deveria estar a caminho para ver Oyarsa. *Hnau* tortos da sua própria espécie, vindos de Thulcandra, estão atrás dele. Ele deveria ir ao encontro de Oyarsa. Se eles o encontrarem em qualquer outro lugar, acontecerá o pior.

– Ele o está ouvindo, nascido nos céus – disse Hyoi. – E você não tem nenhuma mensagem para minha mulher? Você sabe o que ela deseja ouvir.

– Tenho uma mensagem para Hleri – disse o *eldil*. – Mas você não terá como transmiti-la.

Agora vou eu mesmo falar com ela. Tudo está bem. Só deixe o Homem ir até Oyarsa.

Houve um momento de silêncio.

– Ele se foi – disse Whin. – E nós perdemos nossa participação na caçada.

– É – disse Hyoi, com um suspiro. – Precisamos levar *Hhōmem* para a margem e ensinar o caminho para Meldilorn.

Ransom não estava tão certo da sua coragem, mas uma parte sua sentiu um alívio imediato com a ideia de qualquer afastamento da atividade em que estavam engajados. No entanto, a outra parte dele insistia para que se agarrasse à sua masculinidade recém-encontrada. Agora ou nunca – com companheiros como aqueles, ou com ninguém –, ele deveria deixar na sua memória um feito, em lugar de mais um sonho desfeito. Foi obedecendo a alguma coisa semelhante à consciência que exclamou:

– Não, não. Haverá tempo para isso depois da caçada. Primeiro, precisamos matar o *hnakra*.

– Uma vez que um *eldil* tenha falado – ia começando Hyoi, quando de repente Whin deu um grito fortíssimo (três semanas antes, Ransom teria chamado isso de "latido") e apontou. Naquela direção, a menos de duzentos metros, havia um rastro de espuma, parecido com o de um torpedo. E agora, visível através de uma cortina de espuma, eles avistaram o brilho metálico dos flancos do monstro. Whin remava furiosamente. Hyoi atirou e errou o alvo. Quando o primeiro arpão atingiu a água, o segundo já estava no ar. Dessa vez, deve ter tocado no *hnakra*, que fez uma curva, saindo direto da corrente. Ransom viu o grande buraco negro da boca do monstro abrir duas vezes e fechar duas vezes com o estalido dos dentes semelhantes aos de um tubarão. Agora ele mesmo já lançara um arpão – apressado, nervoso, com a mão destreinada.

– Para trás – gritou Hyoi para Whin, que já estava recuando com toda a energia da sua força descomunal. E então tudo ficou confuso. – Terra! – ouviu Whin gritar. Veio um choque que o atirou para a frente, quase dentro da boca do *hnakra*, e ao mesmo tempo ele se viu com água pela cintura. Era a ele que os dentes estavam tentando abocanhar. E então, enquanto lançava um arpão atrás do outro na caverna da bocarra arreganhada da fera, Ransom viu que Hyoi estava inacreditavelmente empoleirado nas costas da fera – no seu focinho –, curvando-se para a frente e atirando dali. Quase no mesmo instante, o *hross* foi deslocado de onde estava e caiu a quase dez metros dali, espalhando muita água. Mas o *hnakra* estava morto. Estava chafurdando de lado, com sua vida negra se esvaindo em borbulhas. A água em torno estava escura e cheirava mal.

Quando Ransom se refez, os três já estavam na margem, molhados, fumegantes, trêmulos de exaustão e se abraçando. Agora não lhe parecia estranho estar agarrado a um tórax coberto de pelo molhado. O hálito dos *hrossa*, que, embora suave, não era humano, não lhe era desagradável. Estava em harmonia com eles. Agora estava superada aquela dificuldade que eles, acostumados a mais de uma espécie racional, talvez nunca tivessem sentido. Todos eram *hnau*. Postaram-se ombro a ombro diante de um inimigo, e o formato da cabeça deles não fazia mais diferença. E até mesmo ele, Ransom, tinha vivido a aventura sem se sentir desonrado. Tinha amadurecido.

Estavam numa pequena península nua de árvores, onde encalharam na confusão da luta. Na água ao lado deles, uma mistura dos destroços do barco e do cadáver do monstro. Não se ouvia som nenhum do grupo de caçadores. Quando eles se depararam com o *hnakra*, estavam

mais de um quilômetro e meio adiante dos outros. Os três se sentaram para recuperar o fôlego.

– Quer dizer que somos *hnakrapunti* – disse Hyoi. – Foi o que eu quis a vida inteira.

Nesse instante, Ransom foi atingido por um som ensurdecedor – um som perfeitamente conhecido e que era a última coisa que queria ouvir. Era um som terrestre, humano e civilizado. Era até mesmo europeu. O estrondo de um rifle inglês. E aos seus pés Hyoi, arquejante, estava se esforçando para se levantar. Havia sangue na relva branca ali onde ele se debatia. Ransom deixou-se cair de joelhos ao seu lado. O corpo enorme do *hross* era pesado demais para ele virar. Whin o ajudou.

– Hyoi, você está me ouvindo? – disse Ransom, com o rosto próximo da cabeça redonda de foca. – Hyoi, foi por minha causa que isso aconteceu. Foram os outros *hhōmena* que o atingiram, os dois tortos que me trouxeram para Malacandra. Eles conseguem jogar a morte de longe com uma coisa que eles criaram. Eu devia ter lhe dito. Nós todos somos uma espécie torta. Viemos aqui para trazer o mal a Malacandra. Somos *hnau* só pela metade. Hyoi… – Sua fala foi sumindo em sons incoerentes. Ele desconhecia as palavras que significavam "perdoar", "vergonha" ou "culpa"; mal sabia pedir desculpas. Só conseguia ficar olhando, com uma culpa muda, para o rosto contorcido do *hross*. Pareceu, porém, que o *hross* entendeu. Estava tentando dizer alguma coisa, e Ransom pôs a orelha bem perto da boca em movimento. Os olhos de Hyoi, que já se embaçavam, estavam fixos nos seus, mas a expressão de um *hross* nem mesmo agora lhe era perfeitamente inteligível.

– *Hha… hho* – murmurou e, por fim: – *Hhōmem hnakrapunt*. – Veio, então, uma contorção do corpo inteiro, da boca saiu um jato de sangue e saliva; os braços cederam sob o peso morto da cabeça que já não se sustentava, e o rosto de Hyoi tornou-se tão distante e animal quanto parecera no seu primeiro encontro. Os olhos vidrados e o pelo molhado, que ia enrijecendo aos poucos, eram iguais aos de qualquer animal morto encontrado num bosque na Terra.

Ransom resistiu a um impulso infantil de explodir em maldições contra Weston e Devine. Em vez disso, ergueu os olhos para encontrar os de Whin, que estava agachado – os *hrossa* não se ajoelham – do outro lado do cadáver.

– Estou nas mãos do seu povo, Whin – disse. – Eles devem agir como quiserem. Mas, se forem sábios, hão de me matar e decerto matarão os outros dois.

– Não se mata *hnau* – disse Whin. – Somente Oyarsa mata. Mas esses outros, onde estão?

Ransom olhou ao redor. Na península, tudo estava à vista, mas uma floresta fechada descia até o local onde ela se unia à terra, talvez a duzentos metros dali.

– Em algum lugar na floresta – disse. – Deite-se, Whin, aqui onde o terreno é mais baixo. Eles podem atirar com aquela coisa de novo.

Foi um pouco difícil convencer Whin a fazer o que sugeria. Quando os dois estavam esticados no chão, com os pés quase na água, o *hross* voltou a falar:

– Por que eles mataram Hyoi?

– Eles não teriam como saber que ele era *hnau* – disse Ransom. – Já lhes disse que existe apenas um tipo de *hnau* no nosso mundo. Eles iam pensar que era um animal. Se achassem isso, eles o matariam por prazer, por medo ou – (hesitou) – por estarem com fome. Mas é preciso que eu lhe diga a verdade, Whin. Eles matariam até mesmo um *hnau*, sabendo que era *hnau*, se achassem que essa morte seria do seu interesse.

Houve um breve silêncio.

– O que me pergunto – prosseguiu Ransom – é se eles me viram. É a mim que estão procurando. Talvez, se eu fosse até eles, eles se contentassem e não penetrassem mais no seu território. Mas por que não saem da floresta para ver o que mataram?

– Nossa gente está vindo – disse Whin, virando a cabeça. Ransom olhou para trás e viu o lago coalhado de barcos. O grupo principal dos caçadores estaria com eles em alguns minutos.

– Estão com medo dos *hrossa* – disse Ransom. – É por isso que não saem da mata. Vou até eles, Whin.

– Não – disse Whin. – Estive pensando. Tudo isso veio por não obedecermos ao *eldil*. Ele disse que você devia ir até Oyarsa. Você já deveria estar a caminho. Precisa partir agora.

– Mas isso vai deixar aqui os *hhōmena* tortos. Eles podem causar mais desgraças.

– Eles não atacarão os *hrossa*. Você disse que estão com medo. É mais provável que nós os ataquemos. Não se preocupe: eles não vão nos ver nem nos ouvir. Nós os levaremos a Oyarsa. Mas você precisa partir agora, como o *eldil* disse.

– Seu povo vai pensar que fugi por estar com medo de olhar nos seus olhos, depois da morte de Hyoi.

– Não é uma questão de pensar, mas do que um *eldil* diz. Essa conversa não leva a nada. Agora escute que eu vou lhe ensinar o caminho.

O *hross* explicou-lhe que, a cinco dias de viagem no rumo sul, a *handramit* se unia a outra *handramit*; e três dias depois, seguindo por essa *handramit* a norte e a oeste, estavam Meldilorn e o trono de Oyarsa. Mas havia um caminho mais curto, uma estrada de montanha, que atravessava o canto da *harandra* entre dois *canyons*, e o levaria a Meldilorn no segundo dia. Ele devia entrar no bosque em frente deles e seguir por ali até chegar à muralha montanhosa da *handramit*; deveria, então, ir para o sul, ao longo dos sopés das montanhas, até chegar a uma estrada aberta entre elas. Deveria subir por essa estrada e, em algum ponto para além do topo das montanhas, chegaria à torre de Augray. Augray o ajudaria. Ele podia cortar relva para se alimentar antes de sair da floresta e entrar na região rochosa. Whin tinha consciência de que Ransom talvez deparasse com os dois *hhōmena* assim que entrasse na floresta.

– Se eles o apanharem – disse Whin –, vai ser como você diz: eles não entrarão mais na nossa terra. Mas é melhor ser apanhado a caminho de Oyarsa do que ficar aqui. E, uma vez que você esteja a caminho, creio que Oyarsa não permitirá que os tortos o impeçam de prosseguir.

Ransom não estava de modo algum convencido de que esse fosse o melhor plano para ele mesmo ou para os *hrossa*. No entanto, o estupor de humilhação em que se encontrava desde a morte de Hyoi o proibia de criticar. Estava ansioso apenas por fazer não importava o que quisessem que fizesse, causar-lhes a menor perturbação possível e, acima de tudo, ir embora. Era impossível descobrir os sentimentos de Whin. E Ransom reprimiu com severidade um impulso insistente, lamurioso, de renovar afirmações solenes e remorsos, autoacusações que pudessem suscitar alguma palavra de perdão. Hyoi, com seu último alento, o chamara de matador de *hnakra*: esse era um perdão suficientemente generoso, e com isso Ransom precisava se contentar. Assim que aprendeu os detalhes do percurso, ele se despediu de Whin e avançou sozinho na direção da floresta.

14

Até chegar à floresta, Ransom achou difícil pensar em qualquer coisa que não fosse a possibilidade de mais uma bala de rifle de Weston ou Devine. Acreditava ser provável que eles ainda o quisessem vivo, ao invés de morto; e isso, associado ao conhecimento de que um *hross* o estava observando, permitiu que avançasse pelo menos com alguma compostura aparente. Mesmo depois de ter entrado na floresta, ainda sentia estar correndo um risco considerável. Os caules longos e desprovidos de ramos serviam de "cobertura" somente se você estivesse muito longe do inimigo. E nesse caso o inimigo podia estar muito perto. Deu-se conta de um forte impulso de chamar Weston e Devine aos gritos para se entregar. A explicação racional para o impulso assumia a forma de que isso os retiraria da região, já que era provável que os dois o levassem aos *sorns* e deixassem os *hrossa* em paz. Mas Ransom conhecia um pouco de psicologia e tinha ouvido falar do instinto irracional que o homem caçado tinha de se entregar. Na realidade, ele próprio já sentira isso em sonhos. Achou que era alguma peça semelhante que seus nervos estavam pregando nele. Fosse como fosse, estava determinado daquele momento em diante a obedecer aos *hrossa* ou *eldila*. Seus esforços para confiar em seu próprio discernimento em Malacandra tinham acabado até então de modo bastante trágico. Tomou a firme resolução, desafiando antecipadamente todas as mudanças de estado de espírito, de que cumpriria fielmente a viagem a Meldilorn, se ela fosse possível.

Pareceu-lhe que essa resolução estava ainda mais acertada porque encarava aquela viagem com profunda apreensão. Entendia que a *harandra* que deveria atravessar era o território dos *sorns*. Na realidade, estava entrando por sua própria vontade exatamente na armadilha que vinha tentando evitar desde sua chegada a Malacandra. (Aqui a primeira mudança de estado de espírito fez menção de se manifestar. Reprimiu-a com violência.) E, mesmo que conseguisse atravessar ileso a região dos *sorns* e chegar a Meldilorn, quem ou o que poderia ser Oyarsa? Whin fizera a observação agourenta de que Oyarsa não compartilhava da objeção que os *hrossa* faziam ao derramamento de sangue de um *hnau*. E, além disso, Oyarsa governava os *sorns*, bem como os *hrossa* e os *pfifltriggi*. Talvez fosse simplesmente o arqui-*sorn*. E agora vinha a segunda mudança de estado de espírito. Aqueles antigos temores terrestres de alguma inteligência alienígena, fria, sobre-humana em poderes, subumana em crueldade, que em meio aos *hrossa* tinham desaparecido totalmente do seu pensamento, agora se erguiam, clamando para ser readmitidos. Mas continuou a avançar. Estava indo a Meldilorn, sim. Era impossível, disse a si mesmo, que os *hrossa* obedecessem a alguma criatura monstruosa ou maléfica. E lhe disseram – ou não disseram?, não tinha certeza – que Oyarsa não era um *sorn*. Seria Oyarsa um deus? – talvez aquele mesmo ídolo ao qual os *sorns* queriam sacrificá-lo. Mas os *hrossa*, apesar de dizerem coisas estranhas a respeito dele, negaram categoricamente que ele fosse um deus. Segundo eles, havia um Deus, Maleldil, o Jovem. Tampouco era possível imaginar Hyoi ou Hnohra cultuando um ídolo sanguinolento. A menos que, naturalmente, os *hrossa* estivessem afinal sob o domínio dos *sorns*, superiores aos seus senhores em todas as qualidades que os seres humanos valorizam, mas intelectualmente inferiores a eles e dependentes deles. Seria um mundo estranho, mas não inconcebível: o heroísmo e a poesia na base, o frio intelecto científico acima e no alto de tudo alguma

superstição sinistra que o intelecto científico, indefeso diante da vingança das profundezas emocionais que tinha deixado de lado, não tinha nem vontade nem capacidade para extirpar. Uma mistificação… mas Ransom tratou de se controlar. Agora sabia demais para falar desse jeito. Ele e toda a sua classe teriam chamado os *eldila* de superstição caso tivessem recebido uma descrição deles. Mas agora ele mesmo ouvira a voz. Não, Oyarsa era uma pessoa de verdade, se é que era uma pessoa.

Agora estava andando havia cerca de uma hora, e já era quase meio-dia. Não tinha surgido nenhuma dificuldade no seu caminho. Bastava continuar subindo que, com certeza, mais cedo ou mais tarde, ele sairia da floresta e chegaria à muralha da montanha. Ao mesmo tempo que se sentia extraordinariamente bem, estava bastante vexado mentalmente. A penumbra roxa e silenciosa da floresta o cercava por todos os lados como no primeiro dia que passara em Malacandra, mas tudo o mais estava mudado. Lançava o olhar de volta para aquele tempo passado como se fosse um pesadelo; via sua própria disposição de ânimo naquela época como uma espécie de doença. Naquela ocasião, tudo tinha sido uma consternação lamuriosa, irrefletida, que se autoalimentava e se autoconsumia. Agora, à luz clara de um dever aceito, é verdade que sentia medo, mas com isso vinha uma noção sóbria de confiança em si mesmo e no mundo, e sentia até mesmo certo prazer. Era a diferença entre um homem da terra num navio que afunda e um cavaleiro montado num cavalo desenfreado. Qualquer um dos dois pode acabar morrendo, mas o cavaleiro é agente tanto quanto paciente.

Cerca de uma hora depois do meio-dia, ele, de repente, saiu da floresta para um lugar ensolarado. Estava a apenas vinte metros das bases quase perpendiculares dos picos das montanhas, perto demais para ver o cume. Uma espécie de vale subia na reentrância entre dois desses picos no ponto de onde tinha saído da floresta: um vale inescalável, constituído de um único lanço côncavo de pedra, que nas partes inferiores subia inclinado como o telhado de uma casa e mais acima parecia ser quase vertical. No topo, até dava a impressão de se curvar para fora, como uma onda de pedra prestes a arrebentar. Mas isso, pensou, podia ser uma ilusão. Perguntava-se qual poderia ser a noção dos *hrossa* de uma estrada.

Começou, então, a seguir o caminho para o sul, ao longo da faixa estreita e acidentada entre a floresta e a montanha. Era preciso atravessar de poucos em poucos instantes grandes contrafortes, e mesmo naquele mundo de peso leve o esforço era intenso. Depois de cerca de meia hora, ele chegou a um córrego. Nesse lugar, seguiu alguns passos floresta adentro, cortou para si uma boa provisão da erva que cobria o chão e sentou à beira da água para comer. Quando terminou, encheu os bolsos com o que não tinha consumido e seguiu adiante.

Logo começou a sentir uma ansiedade com relação à estrada, pois, se conseguisse chegar ao topo, teria de ser com a luz do dia, e o meio da tarde já se aproximava. Seus temores foram, porém, desnecessários. Quando a estrada chegou, era inconfundível. À sua esquerda apareceu uma trilha que vinha pela floresta – devia estar em algum ponto por trás da aldeia dos *hrossa* –, e à direita viu a estrada, uma simples saliência, ou em alguns lugares uma trincheira, cortada na lateral e acompanhando a subida de um vale semelhante ao que havia visto antes. Ransom ficou pasmo – a escadaria sem degraus, terrivelmente estreita, insensatamente íngreme, que subia sem parar, a partir do local onde ele se encontrava até onde se tornava um fio quase invisível na superfície verde-clara da rocha. Mas não havia tempo para ficar parado olhando para a escadaria. Ele não era muito bom para avaliar alturas, mas não tinha dúvida de que o ponto mais alto da estrada estava afastado dele por uma distância

mais do que alpina. No mínimo levaria até o pôr do sol para alcançá-lo. No mesmo instante, começou a subida.

Um percurso daqueles teria sido impossível na Terra. Os primeiros quinze minutos teriam reduzido à exaustão um homem da idade e da compleição de Ransom. Aqui, de início, ficou encantado com a facilidade dos movimentos e, depois, desnorteado com a inclinação e a extensão da subida, que, mesmo sob as condições malacandrianas, logo encurvou suas costas e lhe causou dor no peito e tremor nos joelhos. Mas isso não era o pior. Estava ouvindo um zumbido e percebia que, apesar do grande esforço, não havia suor em sua testa. O frio, que aumentava a cada passo, parecia esgotar sua vitalidade muito mais do que qualquer calor. Seus lábios já estavam rachados; sua respiração, quando arquejava, aparecia como uma nuvem; seus dedos estavam dormentes. O atalho cortava caminho subindo por um silencioso mundo ártico, e ele já tinha passado de um inverno inglês para um da Lapônia. Isso o assustou, e ele decidiu que precisava descansar ali ou não descansar de modo algum. Bastava dar mais cem passos e, se se sentasse, ficaria sentado para sempre. Agachou-se na estrada por alguns minutos, dando vigorosos tapas no corpo. A paisagem era aterradora. A *handramit*, que tinha sido seu mundo por tantas semanas, já não passava de uma fina fenda roxa riscada fundo em meio à interminável desolação plana da *harandra*, que agora, na parte mais distante, aparecia com nitidez por entre os picos das montanhas e acima deles. Contudo, muito antes de se sentir descansado, soube que devia prosseguir ou morrer.

O mundo foi ficando mais estranho. Em meio aos *hrossa*, quase tinha perdido o sentimento de estar num planeta desconhecido. Aqui, porém, o sentimento voltava a se abater sobre ele com força desalentadora. Já não se tratava "do mundo", dificilmente mesmo "de um mundo". Era um planeta, um astro, um lugar deserto no universo, a milhões de quilômetros do mundo dos homens. Era impossível recordar seus sentimentos para com Hyoi, Whin, os *eldila* ou Oyarsa. Parecia fantástico ter imaginado possuir deveres para com monstrengos desse tipo – se é que não eram alucinações –, encontrados nos ermos do espaço. Não tinha nada a ver com eles: era um homem. Por que Weston e Devine o tinham deixado sozinho assim?

Mas o tempo todo a velha resolução, tomada quando ainda conseguia raciocinar, o estava empurrando pela estrada acima. Com frequência, ele se esquecia do lugar para onde se dirigia e do motivo para ir lá. O movimento adquiriu um ritmo mecânico – do cansaço para a imobilidade, da imobilidade para um frio insuportável, do frio de volta para o movimento. Percebeu que a *handramit* – agora uma parte insignificante da paisagem – estava repleta de uma espécie de névoa. Enquanto morou por lá, nunca tinha visto um nevoeiro. Talvez fosse essa a aparência do ar da *handramit* para quem olhasse do alto. Era sem dúvida um ar diferente do que agora respirava. Estava tendo um problema maior com os pulmões e o coração do que o frio e o esforço físico justificariam. E, se bem que não houvesse neve, a claridade era extraordinária. A luz estava ficando mais forte, mais penetrante e mais branca; e o céu era de um azul muito mais escuro do que já tinha visto em Malacandra. Na verdade, era mais escuro do que azul; era quase preto, e os agressivos espigões rochosos que se destacavam em contraste com esse céu eram como uma imagem mental de uma paisagem lunar. Algumas estrelas estavam visíveis.

De repente, Ransom se deu conta do significado desses fenômenos. Havia muito pouco ar mais acima. Estava chegando ao final dele. A atmosfera malacandriana ficava principalmente nas *handramits*; a verdadeira superfície do planeta era nua ou com uma cobertura vegetal rala.

A luz do sol lancinante e o céu negro lá no alto eram aqueles "céus" de onde tinha caído no mundo malacandriano, já se revelando através do último fino véu de ar. Se o topo ficasse a mais de trinta metros de onde estava, seria num lugar em que nenhum homem conseguiria respirar. Perguntou-se se os *hrossa* tinham pulmões diferentes e se o tinham despachado por uma estrada que significava a morte certa para um homem. Mas, exatamente enquanto pensava isso, percebeu que aqueles picos pontiagudos que refulgiam ao sol contra o pano de fundo de um céu quase negro estavam no mesmo nível que ele. Já não estava subindo. A estrada seguia à frente dele numa espécie de desfiladeiro raso, limitado à esquerda pelos cumes dos picos rochosos mais altos e à direita por um trecho de pedra em aclive suave que levava à verdadeira *harandra*. E, onde estava, ainda conseguia respirar, embora ofegante, sentindo tonturas e dor. Pior era a claridade ofuscante nos olhos. O sol estava se pondo. Os *hrossa* deviam ter previsto isso. Da mesma forma que Ransom, eles não conseguiriam viver na *harandra* à noite. Ainda avançando trôpego, olhava ao redor em busca de algum sinal da torre de Augray, quem quer que Augray pudesse ser.

Sem dúvida ele exagerou o tempo que passou perambulando desse modo, observando as sombras das rochas que se alongavam na direção dele. Na realidade, não poderia ter demorado muito até avistar uma luz mais adiante – uma luz que demonstrava como tinha se tornado escura a paisagem que o cercava. Tentou correr, mas seu corpo não respondeu. Tropeçando com a pressa e a fraqueza, ele se encaminhou para a luz. Achou que a havia alcançado e descobriu que ela estava mais distante do que imaginara. Quase se desesperou. Prosseguiu cambaleando e, por fim, chegou ao que parecia ser a entrada de uma caverna. A luz ali dentro não era firme, e uma deliciosa onda de calor atingiu seu rosto. Era uma fogueira. Entrou na caverna e, depois, com um equilíbrio precário, circundou a fogueira para chegar mais para dentro. Ficou ali parado, piscando com a luz. Quando finalmente conseguiu enxergar, discerniu uma câmara lisa de rocha verde, muito alta. Nela havia duas coisas. Uma, dançando na parede e no teto, era a sombra enorme e angulosa de um *sorn*; a outra, agachada mais abaixo, era o próprio *sorn*.

15

– Entre, Pequenino – disse o *sorn*, com a voz retumbante. – Entre e deixe que eu olhe para você.

Agora que estava frente a frente com a figura assustadora que o atormentava desde que pôs os pés em Malacandra, Ransom sentiu uma indiferença surpreendente. Não fazia a menor ideia do que viria depois, mas estava determinado a cumprir o programado. E enquanto isso o calor e o ar mais respirável eram em si uma bênção. Entrou, avançando bem além da fogueira, e se dirigiu para o *sorn*.

– Os *hrossa* me mandaram vir procurar Oyarsa – disse, enquanto o *sorn* o examinava atentamente.

– Você não é deste mundo – disse de repente o *sorn*.

– Não sou – respondeu Ransom e se sentou. Estava cansado demais para explicar.

– Acho que você é de Thulcandra, Pequenino – disse o *sorn*.

– Por quê?

– Você é pequeno e atarracado; e é assim que os animais deveriam ser num mundo mais pesado. Não tem como você ser de Glundandra, porque o planeta lá é tão pesado que, se algum animal conseguisse viver lá, seria achatado como uma chapa. Até mesmo você, Pequenino, haveria de se quebrar se ficasse em pé naquele mundo. Também acho que você não é de Perelandra, porque lá deve fazer muito calor. Se alguém viesse de lá, quando chegasse aqui, não conseguiria sobreviver. Por isso, concluo que você vem de Thulcandra.

– O mundo de onde venho é chamado de Terra pelos que lá vivem – disse Ransom. – E lá é muito mais quente do que este lugar aqui. Antes de entrar na sua caverna, eu estava quase morrendo com o frio e o ar rarefeito.

O *sorn* fez um movimento súbito com um dos seus longos membros dianteiros. Ransom enrijeceu-se (embora não se permitisse recuar), pois a criatura talvez estivesse vindo agarrá-lo. Na realidade, suas intenções eram boas. Estendendo-se para trás para o interior da caverna, ela tirou da parede o que parecia ser uma xícara. Ransom viu então que ela estava presa a um pedaço de tubo flexível. O *sorn* pôs o aparelho nas suas mãos.

– Cheire isso – disse o *sorn*. – Os *hrossa* também precisam quando passam por aqui.

Ransom aspirou e se sentiu revigorado no mesmo instante. A respiração, antes arfante e dolorosa, ficou mais fácil, e houve um relaxamento da tensão no seu tórax e nas têmporas. O *sorn* e a caverna iluminada, que até então lhe pareciam pouco nítidos e oníricos, adquiriram uma nova realidade.

– Oxigênio? – perguntou. Mas naturalmente a palavra em inglês não significava nada para o *sorn*. – Você se chama Augray?

– Isso mesmo – disse o *sorn*. – E você, como se chama?

– O animal que eu sou chama-se Homem, e por isso os *hrossa* me chamam de *Hhōmem*. Mas meu nome mesmo é Ransom.

– Homem, Rensum – disse o *sorn*. Ransom percebeu que ele falava de forma diferente da

dos *hrossa*, sem o persistente H inicial deles.

A criatura estava sentada no traseiro comprido, em forma de cunha, com os pés puxados bem para perto do corpo. Um homem na mesma postura teria descansado o queixo nos joelhos, mas as pernas do *sorn* eram compridas demais para isso. Seus joelhos se erguiam acima dos ombros de cada lado da cabeça – numa sugestão grotesca de orelhas enormes – e a cabeça, afundada entre eles, pousava o queixo no tórax saliente. A criatura parecia ter queixo duplo ou talvez barba; Ransom não conseguia discernir à luz da fogueira. Sua cor era predominantemente branca ou creme, e ela parecia estar vestida até os tornozelos com alguma substância macia que refletia a luz. Nas canelas compridas e frágeis, a parte da criatura que estava mais perto dele, viu que aquilo era algum tipo de revestimento natural. Era mais como penas do que como pelo. Na realidade, era quase exatamente como penas. O animal inteiro, visto de perto, era menos apavorante do que havia calculado, e até mesmo um pouco menor. Era verdade que o rosto exigia um bom esforço para a pessoa se acostumar – era comprido demais, solene demais e descorado demais. E o mais desagradável era sua semelhança com um rosto humano: muito maior do que a que seria aceitável em qualquer rosto não humano. Os olhos, como os de todas as criaturas muito grandes, pareciam pequenos demais para seu tamanho. No entanto, a criatura era mais grotesca que horrível. Uma nova concepção dos *sorns* começou a surgir na mente de Ransom: as ideias de "gigante" e de "fantasmagórico" cederam lugar às de "mostrengo" e "desajeitado".

– Pode ser que você esteja com fome, Pequenino – disse o *sorn*.

Ransom estava. O *sorn* se levantou com estranhos movimentos de aranha e começou a andar de um lado para outro na caverna, seguido por sua sombra fina de mostrengo. Trouxe-lhe os habituais alimentos vegetais de Malacandra e uma bebida forte, com o acréscimo muito bem-vindo de uma substância marrom e lisa que, em desafio a todas as probabilidades, se revelou ao olfato, à visão e ao paladar como queijo. Ransom perguntou o que era.

O *sorn* começou a explicar com esforço que a fêmea de certos animais secretava um fluido para a nutrição das suas crias e teria passado para a descrição de todo o processo de ordenha e da fabricação de queijo, se Ransom não o tivesse interrompido.

– É isso – disse Ransom. – Fazemos o mesmo na Terra. Qual é o animal que vocês usam?

– É um bicho amarelo de pescoço comprido. Alimenta-se das florestas que crescem na *handramit*. Os jovens da nossa gente que ainda não estão aptos para muitas outras atividades levam os animais para a floresta de manhã e os acompanham enquanto se alimentam; depois, antes que anoiteça, os animais são conduzidos de volta e guardados nas cavernas.

Por um instante, Ransom achou algo de tranquilizador na ideia de que os *sorns* fossem pastores. Depois, lembrou-se de que os ciclopes em Homero se dedicavam a essa mesma atividade.

– Acho que vi um indivíduo do seu povo nesse trabalho. Mas os *hrossa*... eles permitem que vocês destruam as florestas deles?

– Por que não deixariam?

– Vocês governam os *hrossa*?

– É Oyarsa que os governa.

– E quem governa vocês?

– Oyarsa.

– Mas vocês sabem mais que os *hrossa*, não sabem?

– Os *hrossa* não sabem nada além de poemas, de peixes e de fazer que coisas cresçam do chão.

– E Oyarsa… ele é um *sorn*?

– Não, não, Pequenino. Já lhe disse que ele governa todos os *nau* (era assim que pronunciava *hnau*) e tudo o mais em Malacandra.

– Não entendo esse Oyarsa – disse Ransom. – Fale-me mais dele.

– Oyarsa não morre – disse o *sorn*. – E não procria. Ele é o indivíduo da sua espécie que foi posto em Malacandra para governá-la quando foi criada. O corpo dele não é como o nosso, nem como o seu. É difícil de ver e a luz o atravessa.

– Como um *eldil*?

– É. Ele é o maior dos *eldila* que um dia chegam a uma *handra*.

– O que são esses *eldila*?

– Você está me dizendo, Pequenino, que não existem *eldila* no seu mundo?

– Não que eu saiba. Mas o que são *eldila*, e por que eu não consigo vê-los? Eles não têm corpo?

– É claro que têm corpo. Existe uma infinidade de corpos que você não consegue ver. Os olhos de todos os animais veem algumas coisas mas não outras. Você não conhece os tipos de corpos que há em Thulcandra?

Ransom tentou transmitir ao *sorn* alguma noção da terminologia terrestre dos sólidos, dos líquidos e dos gasosos. Escutou com grande atenção.

– Não é assim que se diz – respondeu o *sorn*. – O corpo é movimento. Se estiver a uma velocidade, dá para sentir um cheiro. Se a outra velocidade, ouve-se um som. A outra velocidade ainda, vê-se uma imagem. E a uma última velocidade, não se vê, nem se ouve, nem se sente o cheiro, nem se conhece o corpo de modo algum. Mas preste atenção, Pequenino, as duas extremidades convergem.

– Como assim?

– Se o movimento for mais veloz, o que se move estará mais próximo de estar em dois lugares ao mesmo tempo.

– É verdade.

– Mas se o movimento fosse ainda mais rápido… é difícil explicar porque você não conhece muitas palavras… você percebe que, se você acelerasse cada vez mais, no final o objeto em movimento estaria em todos os lugares ao mesmo tempo, Pequenino.

– Acho que percebo isso.

– Bem, então, é isso o que está em primeiro lugar em relação a todos os corpos: tão veloz que está em repouso, tão verdadeiramente corpo que deixou totalmente de ser corpo. Mas não vamos falar nisso. Vamos começar por onde estamos, Pequenino. A coisa mais veloz que toca nossos sentidos é a luz. Na realidade, não vemos a luz, apenas vemos coisas mais lentas iluminadas por ela, de tal modo que para nós a luz está no limite: é a última coisa que sabemos antes que as coisas fiquem velozes demais para nós. Mas o corpo de um *eldil* é um movimento rápido como a luz. Pode-se dizer que seu corpo é feito de luz, mas não do que é luz para o *eldil*. A "luz" dele é um movimento mais veloz, que para nós não seria absolutamente nada. E o que chamamos de luz é para ele algo como a água, visível, que ele pode tocar e no

qual pode se banhar; até mesmo uma coisa escura quando não está iluminada pela luz mais veloz. E o que chamamos de coisas firmes, a carne, a terra, parecem a ele mais rarefeitas e mais difíceis de ver do que nossa luz, mais semelhantes a nuvens, quase nada. Para nós, o *eldil* é um corpo rarefeito, semirreal, que pode atravessar paredes e rochas; para ele mesmo, ele as atravessa porque é sólido e firme enquanto elas são como nuvens. E o que para ele é a verdadeira luz que enche o firmamento, tanto que mergulha nos raios do sol para dela se refrescar, para nós é o negrume do nada no céu à noite. Essas coisas não são estranhas, Pequenino, embora estejam fora do alcance dos nossos sentidos. Mas é estranho que os *eldila* nunca visitem Thulcandra.

– Disso não tenho certeza – disse Ransom. Começava a se dar conta de que a recorrente tradição humana a respeito dos seres brilhantes e esquivos que às vezes apareciam na Terra (*elfos, devas* e assemelhados) pudesse afinal de contas ter uma explicação diferente daquela até então proposta pelos antropólogos. É verdade que isso deixaria o universo estranhamente desorganizado; mas suas experiências na espaçonave o prepararam para algo desse tipo. – Por que Oyarsa mandou me chamar? – perguntou.

– Oyarsa não me disse – respondeu o *sorn*. – Mas sem dúvida ele haveria de querer ver qualquer forasteiro de outra *handra*.

– Não temos Oyarsa no meu mundo – disse Ransom.

– Mais uma prova de que você veio de Thulcandra, o planeta silencioso.

– O que uma coisa tem a ver com a outra?

O *sorn* pareceu surpreso.

– Se vocês tivessem um Oyarsa, não é muito provável que ele nunca tenha falado com o nosso.

– Tenha falado com o de vocês? Mas como ele conseguiria? São milhões de quilômetros de distância.

– Oyarsa não ia encarar dessa forma.

– Quer dizer que ele normalmente recebe mensagens de outros planetas?

– Mais uma vez, ele não falaria dessa forma. Oyarsa não diria que mora em Malacandra e que outro Oyarsa mora em outra terra. Para ele, Malacandra é apenas um lugar nos céus. É nos céus que ele e os outros vivem. É claro que conversam…

A mente de Ransom recuou diante do problema. Estava ficando sonolento e achou que estava entendendo mal o *sorn*.

– Acho que preciso dormir, Augray – disse, por fim. – E eu não sei o que você está dizendo. Pode ser também que eu não tenha vindo desse lugar que você chama de Thulcandra.

– Daqui a pouco, nós dois vamos dormir – disse o *sorn*. – Mas antes eu vou lhe mostrar Thulcandra.

O *sorn* se levantou e Ransom o acompanhou, seguindo para os fundos da caverna, onde havia um pequeno nicho, dentro do qual subia uma escada em caracol. Os degraus, feitos para *sorns*, eram altos demais para um homem subir sem desconforto, mas, recorrendo às mãos e aos joelhos, Ransom conseguiu galgá-los, a duras penas. O *sorn* ia na frente dele. Ransom não entendia a luz que parecia emanar de algum pequeno objeto redondo que a criatura segurava na mão. Passaram muito tempo subindo, quase como se estivessem escalando o interior de uma montanha oca. Por fim, sem fôlego, viu-se numa câmara de pedra escura, porém aquecida,

e ouviu as palavras do *sorn*:

– Ela ainda está bem acima do horizonte, ao sul. – Dirigiu a atenção de Ransom para alguma coisa semelhante a uma janela pequena. Fosse lá o que fosse, não parecia funcionar como um telescópio da Terra, pensou Ransom, embora no dia seguinte uma tentativa sua de explicar os princípios do telescópio ao *sorn* lançasse sérias dúvidas sobre sua própria capacidade para discernir a diferença. Debruçou-se, apoiando os cotovelos no peitoril da abertura, e olhou. Viu um negrume perfeito; e, flutuando no centro, aparentemente ao alcance de um braço estendido, um disco brilhante mais ou menos do tamanho de uma moeda. A maior parte da superfície era prateada, brilhante e lisa. Mais para baixo, apareciam manchas; e abaixo delas, uma calota branca, exatamente como tinha visto as calotas polares em fotografias astronômicas de Marte. Ransom perguntou-se por um instante se era Marte que estava contemplando. E então, à medida que seus olhos foram captando melhor as manchas, reconheceu o que eram: o Norte da Europa e um pedaço da América do Norte. Estavam de cabeça para baixo, com o polo Norte na parte inferior da imagem; nem sabia por que isso o chocou tanto. Mas era a Terra que ele estava vendo. Até mesmo, talvez, a Inglaterra, apesar de a imagem estar um pouco tremida e ele não poder ter certeza de não estar imaginando coisas. Estava tudo lá, naquele pequeno disco – Londres, Atenas, Jerusalém, Shakespeare. Onde todos viveram e onde tudo tinha acontecido. E lá, presumivelmente, sua mochila ainda estava jogada no alpendre de uma casa vazia perto de Sterk.

– É – disse, entorpecido, ao *sorn*. – Aquele é meu mundo. – Foi o momento mais desolador em todas as suas viagens.

16

Ransom despertou na manhã do dia seguinte com a vaga impressão de que um enorme peso tinha sido retirado da sua cabeça. Lembrou-se, então, de que era hóspede de um *sorn* e de que a criatura que vinha evitando desde o instante do pouso tinha se revelado tão amistosa quanto os *hrossa*, se bem que Ransom estivesse longe de sentir por ela o mesmo afeto. Portanto, nada restava a temer em Malacandra, exceto Oyarsa… "O último obstáculo", pensou.

Augray ofereceu-lhe comida e bebida.

– E agora – disse Ransom –, como vou encontrar o caminho para ir a Oyarsa?

– Eu o carrego – respondeu o *sorn*. – Você é muito pequeno para fazer a viagem sozinho e para mim é um prazer ir a Meldilorn. Os *hrossa* não deveriam tê-lo mandado por este caminho. Parece que eles não sabem, só de olhar para um animal, que tipo de pulmão ele possui e o que pode ou não pode fazer. É típico de um *hross*. Se você morresse na *harandra*, eles teriam composto um poema sobre o bravo *hhōmem*, sobre como os céus enegreceram e as estrelas frias brilharam, e sobre como o homem seguiu em frente sem parar. E eles também teriam incluído uma bela fala para você dizer no momento da morte… e para eles tudo isso pareceria tão bom quanto se tivessem sido um pouco previdentes e salvado sua vida mandando-o pelo caminho mais longo, porém mais fácil.

– Gosto dos *hrossa* – disse Ransom, um pouco obstinado. – E acho que o jeito deles de falar sobre a morte é o jeito certo.

– Eles estão certos em não temê-la, Rensum, mas parece que não a encaram racionalmente como parte da própria natureza do seu corpo; e, portanto, muitas vezes a morte seria evitável em ocasiões nas quais eles jamais perceberiam como evitá-la. Por exemplo, isso aqui já salvou a vida de muitos *hrossa*, mas um *hross* não teria tido essa ideia.

O *sorn* mostrou a Ransom um frasco com um tubo preso, e, na extremidade do tubo, uma máscara, obviamente um aparelho para administração de oxigênio a uma pessoa.

– Respire aqui quando tiver necessidade, Pequenino – disse o *sorn*. – E deixe bem fechado quando não precisar.

Augray amarrou o aparelho nas costas de Ransom e entregou o tubo na sua mão. Ransom não conseguiu reprimir um tremor ao sentir o toque das mãos do *sorn* no seu corpo. Elas tinham a forma de leque, com sete dedos, nada mais do que pele sobre osso, como a perna de uma ave, e eram totalmente frias. Para disfarçar a reação que teve, perguntou onde era fabricado o aparelho, pois até aquele momento não tinha visto nada que fosse remotamente semelhante a uma fábrica ou a um laboratório.

– A concepção é nossa – disse o *sorn* – e os *pfifltriggi* o fabricaram.

– Por que eles fabricam esses objetos? – disse Ransom, tentando mais uma vez, com seu vocabulário insuficiente, descobrir a estrutura política e econômica da vida malacandriana.

– Eles gostam de fabricar objetos – disse Augray. – É verdade que preferem fazer coisas que são só bonitas de olhar e sem utilidade alguma. Mas às vezes, quando se cansam disso, eles se dispõem a fazer coisas para nós, coisas que nós projetamos, desde que sejam suficientemente difíceis. Eles não têm paciência para fazer coisas fáceis por mais úteis que

sejam. Mas vamos começar nossa viagem. Você deve se sentar no meu ombro.

A proposta foi inesperada e alarmante; mas, como o *sorn* já tinha se agachado, Ransom sentiu-se obrigado a montar na superfície plúmea do ombro da criatura, sentar-se ao lado do rosto comprido e descorado, lançando o braço direito até onde conseguiu alcançar em torno do pescoço enorme, e se preparar da melhor forma possível para a precariedade desse modo de viajar. O gigante se ergueu com cuidado até ficar em pé, e Ransom descobriu que estava olhando para a paisagem de uma altura de mais de cinco metros.

– Está tudo bem, Pequenino?

– Muito bem – respondeu Ransom, e a jornada começou.

O jeito de andar da criatura talvez fosse o que de menos humano ela possuía: levantava muito os pés, elevando-os bem, e em seguida os colocava no chão com bastante delicadeza. Em momentos alternados, fazia Ransom pensar ora num gato sorrateiro, ora numa empertigada ave de terreiro, ora num altivo cavalo de tiro; mas o movimento, de fato, não era parecido com o de nenhum animal da Terra. Para o passageiro, era surpreendentemente confortável. Em alguns minutos, Ransom tinha perdido toda a noção do que era vertiginoso ou pouco natural na sua posição. Em vez disso, começaram a se acumular na sua mente associações ridículas e até mesmo ternas. Era como andar montado num elefante no zoológico na sua infância. Ou como estar nos ombros do pai numa idade ainda menor. Era bom. Parecia que estavam cobrindo de dez a doze quilômetros por hora. O frio, embora intenso, era tolerável. E, graças ao oxigênio, Ransom não tinha dificuldade para respirar.

Era imponente a paisagem que via daquele seu posto de observação alto e oscilante. Não se via a *handramit* em parte nenhuma. De cada lado da garganta rasa pela qual seguiam, estendia-se até o horizonte um mundo de rocha nua, ligeiramente esverdeada, interrompida por largos trechos de vermelho. O céu, de um azul-escuríssimo onde se encontrava com a rocha, era quase negro no zênite; e, se olhasse para qualquer direção em que o sol não o ofuscasse, Ransom conseguia ver as estrelas. Com o *sorn* ele aprendeu que tinha razão em pensar que estavam perto dos limites do respirável. Já no limiar das montanhas que cercam a *harandra* e emparedam a *handramit*, ou na depressão estreita ao longo da qual a estrada os conduzia, o ar é rarefeito como no Himalaia, permitindo uma respiração insuficiente a um *hross*; e algumas dezenas de metros mais acima, na própria *harandra*, a verdadeira superfície do planeta, o ar não admite a vida. Por isso, a luminosidade pela qual eles caminhavam era quase a dos céus – luz celestial praticamente sem ser amenizada por um véu atmosférico.

A sombra do *sorn*, com a sombra de Ransom no ombro, seguia pela rocha irregular, com uma nitidez artificial, como a sombra de uma árvore diante dos faróis de um automóvel. E a rocha para além da sombra feria os olhos. O horizonte longínquo parecia estar à distância de um braço dali. As fissuras e os contornos de encostas distantes eram nítidos como o pano de fundo de um quadro primitivo pintado antes que os homens aprendessem a perspectiva. Ransom estava exatamente no limiar daquele céu que tinha conhecido na espaçonave; e raios que as palavras envoltas em ar não têm como saborear estavam mais uma vez atuando sobre seu corpo. Ele sentia a velha exaltação do coração, a solenidade sublime, a sensação, ao mesmo tempo sóbria e enlevada, da vida e do poder oferecidos numa abundância não solicitada e desmesurada. Se em seus pulmões o ar tivesse sido suficiente, ele teria dado uma sonora risada. E agora, na paisagem imediata, a beleza estava se aproximando. Por cima da borda do vale, como se tivesse transbordado espumando da *harandra* verdadeira, surgiam

enormes curvas daquele material rosado, semelhante a nuvens, que ele tantas vezes tinha visto de longe. Agora, de mais perto, elas pareciam duras como pedra em sua substância, mas infladas no alto e providas de talos por baixo, como vegetação. Sua comparação inicial com couves-flores gigantescas revelou-se surpreendentemente correta – couves-flores de pedra do tamanho de catedrais e de um rosa forte esmaecido. Ransom perguntou ao *sorn* o que era aquilo.

– São as antigas florestas de Malacandra – disse Augray. – No passado havia ar na *harandra* e fazia calor. Nos dias de hoje, se você pudesse subir lá e sobreviver, veria que o chão está coberto com os ossos de criaturas antigas. A região era cheia de vida e de barulho. Foi nessa época que cresceram as florestas. E em meio a seus talos ia e vinha um povo que desapareceu do mundo há muitos milênios. Eles não eram cobertos de pelos, mas possuíam plumagem, como eu. Não entravam na água nadando, nem andavam no chão, mas planavam no ar graças a membros largos e achatados que os sustentavam no alto. Dizem que eram grandes cantores, e naquela época as florestas vermelhas ecoavam com a música deles. Agora as florestas viraram pedra, e somente os *eldila* conseguem perambular nelas.

– Ainda temos criaturas desse tipo no nosso mundo – disse Ransom. – Nós as chamamos de aves. Onde estava Oyarsa quando tudo isso aconteceu com a *harandra*?

– No lugar onde está agora.

– E ele não conseguiu impedir?

– Não sei. Mas nenhum mundo é feito para durar para sempre, muito menos uma raça. Não é assim que Maleldil age.

À medida que eles avançavam, as florestas petrificadas se tornaram mais numerosas. E com frequência, por meia hora sem interrupção, todo o horizonte daquele deserto sem vida e quase sem ar florescia como um jardim inglês no verão. Os dois passaram por muitas cavernas onde, segundo Augray, moravam *sorns*. Por vezes, um penhasco alto estava perfurado com buracos sem conta até o topo, e ruídos não identificáveis reverberavam ocos, vindos dali de dentro. Algum "trabalho" estava em andamento, dizia o *sorn*; mas que tipo de trabalho ele não conseguiu fazer Ransom entender. Seu vocabulário era muito diferente do usado pelos *hrossa*. Em parte alguma, ele viu qualquer coisa que se assemelhasse a um povoado ou cidade de *sorns*, que aparentavam ser criaturas solitárias, não sociais. Uma vez ou duas, um rosto longo e descorado apareceu à entrada de uma caverna para trocar com os viajantes um cumprimento parecido com o som de uma trombeta; mas na maior parte do tempo o vale comprido, a rua de pedra do povo silencioso estava tranquila e deserta como a própria *harandra*.

Somente mais para a tarde, quando estavam prestes a descer uma ladeira, num local em que a estrada afundava para depois voltar ao nível anterior, eles encontraram três *sorns* juntos que vinham na direção deles descendo pela ladeira à frente. A Ransom pareceu que eles estavam mais patinando do que andando. A leveza do seu mundo e a perfeita postura do corpo permitiam que se inclinassem para a frente formando um ângulo reto com a ladeira, e eles desciam velozes como barcos a vela empurrados por ventos favoráveis. A graça do seu movimento, sua estatura imponente e o relance suavizado do sol nos flancos emplumados promoveram uma transformação final nos sentimentos de Ransom para com aquela espécie. Quando seus olhos deram pela primeira vez com essas criaturas, Ransom as chamara de "ogros", enquanto se debatia nas mãos de Weston e Devine. "Titãs" ou "anjos" teriam sido melhor, pensava agora. Parecia-lhe que nem mesmo o rosto das criaturas ele tinha visto

corretamente. Tinha os considerado espectrais quando eram apenas veneráveis, e sua primeira reação humana àquela alongada severidade de linhas e profunda imobilidade de expressão agora lhe parecia não covarde, mas vulgar. Do mesmo modo Parmênides ou Confúcio poderiam parecer aos olhos de um pirralho inculto! As enormes criaturas brancas vieram majestosas na direção de Augray e Ransom, inclinaram-se como árvores e passaram.

Apesar do frio – que o fazia saltar com frequência para andar um trecho a pé –, ele não ansiava pelo fim da viagem; mas Augray tinha seus próprios planos e muito antes do pôr do sol parou para passar a noite na casa de um *sorn* mais velho. Deu para Ransom perceber que foi trazido ali para ser mostrado a um grande cientista. A caverna ou, para ser mais preciso, o sistema de escavações, era amplo e provido de muitos aposentos, além de conter uma infinidade de coisas que não compreendia. Ransom sentiu um interesse especial por uma coleção de rolos, aparentemente de couro, cobertos com caracteres, que eram obviamente livros; mas ele depreendeu que os livros eram poucos em Malacandra.

– Lembrar é melhor – disseram os *sorns*.

Quando Ransom perguntou se desse modo não poderiam ser perdidos segredos valiosos, eles responderam que Oyarsa sempre os lembrava e os trazia de volta se achasse conveniente.

– Os *hrossa* tinham muitos livros de poesia – acrescentaram. – Mas agora têm menos. Eles dizem que escrever livros destrói a poesia.

Seu anfitrião nessas cavernas tinha a companhia de uma série de outros *sorns* que pareciam de algum modo ser seus subordinados. De início, Ransom pensou que fossem criados, mas concluiu mais tarde que eram alunos ou assistentes.

A conversa da noite não foi de uma natureza que pudesse interessar a um terráqueo, pois os *sorns* tinham decidido que Ransom não faria perguntas, mas responderia às que lhe fossem feitas. O interrogatório dos *sorns* foi muito diferente das indagações imaginativas e desconexas dos *hrossa*. Eles fizeram abordagens sistemáticas a respeito da geologia da Terra e de sua geografia atual. E daí passaram para a flora e a fauna, para a história humana e as línguas, para a política e as artes. Quando descobriam que Ransom não conseguia dar-lhes mais nenhuma informação sobre determinado assunto – e isso ocorria na maior parte das averiguações –, abandonavam de imediato o assunto em pauta e passavam para o seguinte. Muitas vezes extraíam de Ransom de forma indireta conhecimentos muito maiores do que ele tinha consciência de possuir, trabalhando aparentemente por meio de uma vasta experiência de ciência geral. Um comentário solto a respeito de árvores, feito quando Ransom estava tentando explicar a fabricação do papel, preencheria para eles uma lacuna nas respostas superficiais que ele dera às perguntas sobre botânica. Seu relato sobre a navegação na Terra poderia elucidar algum ponto de mineralogia. E sua descrição do motor a vapor forneceu-lhes um conhecimento maior do ar e da água da Terra do que Ransom tinha conseguido até então. Desde o início, Ransom tinha decidido que seria totalmente franco, pois agora achava que agir de outro modo não seria *hnau*, além de ser infrutífero. Eles ficaram espantados com o que Ransom tinha para lhes contar sobre a história humana – guerra, escravidão e prostituição.

– É porque eles não têm Oyarsa – disse um dos alunos.

– É porque cada um deles quer ser um pequeno Oyarsa – disse Augray.

– Eles não podem deixar de agir assim – disse o velho *sorn*. – É preciso que haja governo. No entanto, como podem as criaturas se governar? Os animais devem ser governados por *hnau*; os *hnau*, por *eldila*; e os *eldila*, por Maleldil. Essas criaturas não têm *eldila*. São como

quem tentasse se levantar puxando os próprios cabelos. Ou quem tentasse observar toda uma região estando no mesmo nível dela. Como uma fêmea tentando procriar sozinha.

Duas coisas a respeito do nosso mundo ficaram gravadas em especial na mente deles. Uma era o extraordinário grau de nossa energia que os problemas de erguer e carregar coisas absorviam. O outro era o fato de termos apenas uma espécie de *hnau*: para eles, isso devia ter amplas consequências no estreitamento da nossa solidariedade e até mesmo no pensamento.

– Seu pensamento deve estar à mercê do seu sangue – disse o velho *sorn*. – Porque vocês não têm como compará-lo com o pensamento que corre num sangue diferente.

Foi uma conversa cansativa e muito desagradável para Ransom. Mas, quando se deitou para dormir, não foi na nudez humana nem na própria ignorância que pensou. Pensou apenas nas antigas florestas de Malacandra e no que poderia significar crescer vendo sempre a alguns quilômetros de distância uma terra cheia de cor que jamais poderia ser alcançada e que um dia tinha sido habitada.

17

No dia seguinte cedo, Ransom voltou a ocupar seu lugar no ombro de Augray. Por mais de uma hora, eles seguiram pela mesma região brilhante e vazia. Ao longe, mais para o norte, o céu estava luminoso com uma massa semelhante a uma nuvem de um vermelho esmaecido ou ocre. Era muito grande e seguia furiosa para o oeste cerca de uns quinze quilômetros acima do descampado. Ransom, que ainda não tinha visto nuvem no céu de Malacandra, perguntou o que era. O *sorn* disse-lhe que era areia levantada dos enormes desertos do norte pelos ventos daquela região terrível. Com frequência a areia era carregada desse modo, às vezes a uma altura de quase trinta quilômetros, para voltar a cair, talvez numa *handramit*, como uma tempestade de poeira cegante e sufocante. A visão desse movimento ameaçador no céu nu serviu para fazer Ransom lembrar-se de que de fato estavam do *lado de fora* de Malacandra – não mais habitantes de um mundo, mas criaturas que se arrastavam na superfície de um planeta estranho. Por fim, a nuvem pareceu cair e explodir ao longe, no horizonte a oeste dali, onde um fulgor, não muito diferente de um incêndio, permaneceu visível até que uma curva do vale escondeu toda aquela região da sua visão.

A mesma curva abriu uma nova perspectiva aos olhos de Ransom. O que se estendia diante dele de início era estranhamente parecido com uma paisagem terrestre – uma paisagem de cristas cinzentas de colinas que se assemelhavam a ondas no mar. Muito ao longe, penhascos e torres da conhecida rocha verde assomavam em contraste com o céu azul-escuro. Daí a um momento, ele viu que o que tinha suposto serem colinas não era mais do que a superfície enrugada e sulcada de um nevoeiro cinza azulado que cobria o vale – um nevoeiro que não se pareceria em nada com um nevoeiro quando eles descessem pela *handramit* adentro. E, à medida que a estrada ia descendo, o nevoeiro já estava menos visível, e o desenho multicor da baixada aparecia meio indefinido através dele. Rapidamente o declive ficou mais acentuado. Como os dentes pontiagudos de um gigante – um gigante com dentes muito ruins –, os picos mais altos da muralha montanhosa pela qual precisavam passar erguiam-se acima da beira da sua ravina. A aparência do céu e a qualidade da luz apresentaram uma mudança infinitesimal. Um instante depois, eles estavam parados na borda de uma encosta que, pelos padrões da Terra, seria chamada de precipício. Descendo direto por essa escarpa, até onde desaparecia numa mancha roxa de vegetação, seguia a estrada. Ransom se recusou categoricamente a descer no ombro de Augray. O *sorn*, apesar de não entender a objeção, abaixou-se para ele desmontar e avançou, com o mesmo movimento de patinar e se inclinar, descendo à frente dele. Ransom acompanhou-o, usando com prazer, embora com certa rigidez, as pernas dormentes.

A beleza dessa nova *handramit*, quando se abriu diante de Ransom, tirou-lhe o fôlego. Era mais larga do que aquela em que ele tinha morado até então, e logo ali abaixo dele havia um lago quase circular – uma safira de uns vinte quilômetros de diâmetro, engastada em margens de floresta roxa. No meio do lago, como uma pirâmide baixa e de inclinação suave, ou como o seio de uma mulher, erguia-se uma ilha de um vermelho claro, lisa até o topo. E no topo havia um bosque de árvores como homem algum jamais viu. Seus troncos lisos tinham a espessura

delicada das faias mais nobres; mas eram mais altos que o campanário de uma catedral na Terra, e no alto abriam-se em flor, em vez de em folhagem; em flores douradas, de cor vibrante como tulipas, imóveis como pedras e imensas como nuvens de verão. Flores elas eram de fato, não árvores. E muito lá embaixo, entre suas raízes, ele avistou um vago sinal de arquitetura funcional. Antes que seu guia o informasse, ele já sabia que estava diante de Meldilorn. Não sabia o que tinha esperado ver. Os velhos sonhos, trazidos da Terra, de algum tipo de complexidade de escritórios mais do que americana ou de algum paraíso da engenharia repleto de máquinas enormes já tinham sido deixados de lado havia muito tempo. Mas ele não tinha previsto nada tão clássico, tão virginal, quanto esse bosque brilhante – tão parado, tão secreto, no seu vale colorido, erguendo-se com elegância inimitável tantas centenas de metros para o sol de inverno. A cada passo da descida, o relativo calor do vale parecia-lhe mais delicioso ao atingi-lo. Ransom olhou para o alto – o céu estava ficando de um azul mais claro. Olhou para baixo e, doce e delicada, a fina fragrância das flores gigantescas subiu até ele. Penhascos distantes estavam adquirindo um contorno menos agressivo, e as superfícies estavam ficando menos brilhantes. A paisagem voltava a apresentar profundidade, penumbra, suavidade e perspectiva. A saliência ou beira de rocha a partir da qual tinham iniciado a descida já estava muito longe, lá no alto. Parecia difícil que eles realmente tivessem vindo de lá. Ransom respirava sem esforço. Seus dedos dos pés, que tinham passado tanto tempo dormentes, conseguiam se movimentar com prazer dentro das botas. Ele levantou as orelheiras do boné e descobriu que seus ouvidos se enchiam instantaneamente com o som de água caindo. E agora estava pisando na relva macia que cobria o chão plano, e o dossel da floresta estava lá em cima. Tinham transposto a *harandra* e estavam no limiar de Meldilorn.

A pequena distância dali, chegaram a um tipo de "passeio" na floresta: uma larga avenida que atravessava reta como uma flecha a região dos caules roxos até seu fim, onde o azul rígido do lago dançava. Ali encontraram um gongo e uma baqueta pendurados numa coluna de pedra. Esses objetos apresentavam uma decoração profusa. O gongo e a baqueta eram de um metal azul-esverdeado que Ransom não reconheceu. Augray fez soar o gongo. Na mente de Ransom crescia uma empolgação que quase o impedia de examinar com a neutralidade desejada a ornamentação da pedra. Em parte era figurativa, em parte simplesmente decorativa. O que lhe causou maior impacto foi um equilíbrio entre superfícies ocupadas e superfícies vazias. Puros desenhos lineares, sem adornos, como as figuras pré-históricas de renas na Terra, alternavam-se com trechos de padrão tão cheio e intrincado como o das joias nórdicas ou celtas. E, então, à medida que se olhava a peça, essas áreas vazias e cheias revelavam que elas mesmas estavam organizadas em desenhos maiores. Ransom ficou impressionado com o fato de que o trabalho figurativo não se confinasse aos espaços vazios. Com muita frequência, grandes arabescos incluíam imagens complexas com detalhes subordinados. Em outro lugar, seguira-se o plano oposto. E também essa alternância tinha em si um elemento rítmico ou padronizado. Ele mal começava a descobrir que as figuras, embora estilizadas, tinham a óbvia intenção de contar uma história, quando Augray o interrompeu. Uma embarcação tinha partido da margem da ilha de Meldilorn.

Enquanto se aproximava, o coração de Ransom enterneceu-se ao ver que um *hross* vinha remando. A criatura trouxe a balsa até a praia onde eles esperavam e olhou para Ransom com espanto e para Augray com ar de indagação.

– Você pode mesmo estranhar esse *nau*, Hrinha – disse o *sorn* –, pois nunca viu nada

parecido. Ele se chama Rensum e veio de Thulcandra, pelos céus.

– Que ele seja bem-vindo, Augray – disse o *hross*, educadamente. – Ele veio ver Oyarsa?

– Oyarsa mandou chamá-lo.

– E a você também, Augray?

– Oyarsa não me chamou. Se você levar Rensum na travessia, voltarei para minha torre.

O *hross* fez um gesto para que Ransom entrasse no barco. Ransom tentou manifestar sua gratidão ao *sorn* e, depois de pensar um pouco, soltou o relógio do pulso e o ofereceu a ele. Era a única coisa que possuía que parecia ser um presente adequado para um *sorn*. Não teve nenhuma dificuldade para fazer Augray compreender sua intenção. No entanto, depois de examinar o objeto, o gigante o devolveu a Ransom, relutando um pouco e dizendo:

– Esse presente deveria ser dado a um *pfifltrigg*. Ele alegra meu coração, mas eles tirariam mais proveito dele. É provável que você encontre algumas dessas pessoas diligentes em Meldilorn: pode dá-lo para elas. Quanto à sua utilidade, sua gente só sabe dizer quanto do dia já se passou quando olha para esse objeto?

– Acredito que haja animais que têm algum conhecimento desse tipo – respondeu Ransom –, mas nossos *hnau* perderam essa capacidade.

Depois dessa conversa, Ransom e o *sorn* despediram-se, e ele embarcou. Estar novamente num barco e com um *hross*, sentir no rosto o calor da água e ver um céu azul lá no alto foi quase como uma volta ao lar. Ele tirou o boné e recostou-se confortavelmente na proa, dirigindo perguntas a seu acompanhante. Descobriu que os *hrossa* não tinham um envolvimento especial com o serviço a Oyarsa, como Ransom tinha suposto ao ver um *hross* encarregado daquele transporte. Todas as três espécies de *hnau* serviam a Oyarsa em suas diversas especialidades, e era natural que a travessia fosse confiada àqueles que entendiam de barcos. Ransom foi informado de que seu próprio procedimento ao chegar a Meldilorn deveria ser ir aonde quisesse e fazer o que bem entendesse até Oyarsa convocá-lo. Poderia ter se passado uma hora, ou vários dias, antes que isso acontecesse. Perto do atracadouro, ele encontraria cabanas onde poderia dormir se fosse necessário, e onde lhe forneceriam comida. Em troca, ele relatou o máximo que conseguiu tornar inteligível sobre seu próprio mundo e sua viagem. Avisou também o *hross* sobre os dois homens tortos e perigosos que o haviam trazido e que ainda estavam à solta em Malacandra. Enquanto fazia isso, ocorreu-lhe que não havia deixado esse ponto suficientemente claro para Augray. Consolou-se, porém, com a noção de que Weston e Devine pareciam já ter alguma ligação com os *sorns* e não seria provável que tentassem molestar criaturas tão grandes e comparativamente tão semelhantes a seres humanos. Fosse como fosse, pelo menos não por enquanto. Quanto aos propósitos finais de Devine, Ransom não tinha ilusões. Tudo o que podia fazer era ser totalmente franco a respeito deles com Oyarsa. E agora a embarcação tocava em terra.

Ransom se levantou, enquanto o *hross* atracava, e olhou ao redor. Perto da pequena enseada onde entraram, à esquerda, havia prédios baixos de pedra – os primeiros que ele via em Malacandra – e fogueiras acesas. Lá, disse-lhe o *hross*, ele poderia encontrar alimento e abrigo. No mais, a ilha parecia erma, e suas encostas lisas estavam vazias até o arvoredo que as encimava, onde, mais uma vez, ele viu obras de pedra. Mas essas não aparentavam ser nem templos nem casas no sentido humano, mas uma larga avenida de monólitos – uma Stonehenge muito maior, majestosa, vazia e que desaparecia por sobre o cume do monte à sombra pálida dos troncos das flores. Tudo era solidão; mas, enquanto contemplava a paisagem, ele teve a

impressão de ouvir, em contraste com o pano de fundo do silêncio matinal, uma agitação fraca, constante, de um som argênteo – que dificilmente poderia ser um som, caso se prestasse atenção, e que no entanto era impossível desconsiderar.

– A ilha está toda cheia de *eldila* – disse o *hross*, com a voz abafada.

Ele pisou em terra. Mais ou menos como se estivesse esperando algum obstáculo, deu alguns passos hesitantes à frente e parou, para então prosseguir de novo do mesmo jeito.

Embora a relva fosse extraordinariamente macia e abundante, e seus pés não fizessem barulho ao pisar, Ransom sentiu um impulso de andar na ponta dos pés. Todos os seus movimentos se tornaram delicados e tranquilos. A extensão de água em torno dessa ilha aquecia o ar mais do que qualquer outro que ele já tivesse respirado em Malacandra. O clima era quase o de um dia de calor na Terra no início do outono – um dia que é quente mas com um toque do frio que está por vir. A sensação de reverência que se abatia cada vez mais sobre ele o impedia de se aproximar do topo do monte, do arvoredo e da avenida de pedras verticais.

Por volta da metade do caminho, Ransom parou de subir e começou a andar para a direita, mantendo uma distância constante da costa. Disse a si mesmo que estava dando uma olhada na ilha, mas sua sensação era, sim, a de que a ilha estava dando uma olhada nele. Essa sensação foi extremamente acentuada por uma descoberta que fez depois de estar andando havia cerca de uma hora, e que mais tarde teve enorme dificuldade para descrever. Nos termos mais abstratos, a sensação poderia ser resumida pela constatação de que a superfície da ilha era sujeita a variações ínfimas de luz e sombra que não podiam ser explicadas por nenhuma alteração no céu. Se o ar não estivesse parado e a relva não fosse baixa e firme demais para se movimentar com o vento, teria dito que uma leve brisa brincava com a relva e operava aquelas ligeiras alterações de tom que provoca num trigal na Terra. Como os sons argênteos no ar, essas pegadas de luz se esquivavam à observação. Onde ele olhasse mais fixamente era onde menos as via. Nas bordas do seu campo visual, elas se aglomeravam como se ali estivesse ocorrendo um complexo agrupamento delas. Dar atenção a qualquer uma delas era o mesmo que torná-la invisível; e o brilho ínfimo muitas vezes parecia ter acabado de deixar o ponto em que seus olhos pousavam. Ransom não tinha dúvidas de que estava "vendo" os *eldila* – tanto quanto conseguiria ver um dia. A sensação que isso despertou nele era estranha. Não era exatamente assustadora, nem como se estivesse cercado de fantasmas. Não era nem mesmo como se estivesse sendo vigiado. Ransom tinha, sim, a sensação de estar sendo observado por coisas que tinham o direito de observá-lo. Seu sentimento era menos que medo, e havia algo de embaraço, algo de timidez, algo de submissão, e era profundamente inquietante.

Estava cansado e achou que, nessa terra abençoada, o calor seria suficiente para poder descansar ao ar livre. Sentou-se no chão. A maciez da relva, o calor e a fragrância agradável que permeavam a ilha inteira faziam que se lembrasse da Terra e de jardins no verão. Ele fechou os olhos por um instante. Abriu-os de novo e, então, viu construções abaixo dele. Pelo lago vinha chegando um barco. O reconhecimento de repente o atingiu. Aquela era a balsa da travessia, e essas construções eram a hospedaria junto do cais. Ele tinha dado a volta na ilha inteira. Certa decepção acompanhou essa descoberta. Estava começando a sentir fome. Talvez fosse bom descer e pedir alguma comida. Fosse como fosse, ajudaria a passar o tempo.

Mas não foi o que Ransom fez. Quando se levantou e olhou mais detidamente para a

hospedaria, viu um movimento considerável de criaturas por ali. E, enquanto observava, viu que uma lotação completa da balsa estava desembarcando. No lago, viu alguns objetos em movimento que de início não conseguiu identificar, mas que se revelaram ser *sorns* com a água pela cintura, obviamente vadeando para Meldilorn pela terra firme. Eram uns dez. Por algum motivo, a ilha estava recebendo uma grande afluência de visitantes. Ele já não supunha que algum mal fosse atingi-lo se descesse e se misturasse com a multidão, mas relutava em fazer isso. A situação trouxe-lhe lembranças vívidas da sua experiência como novo aluno na escola – os novos alunos chegavam um dia antes –, parado, espiando a chegada dos veteranos. Por fim, decidiu não descer. Ele cortou um pouco da relva para comer e cochilou um instante.

De tarde, quando esfriou, retomou a caminhada. A essa hora, outros *hnau* estavam perambulando pela ilha. Ele viu principalmente *sorns*, mas isso porque a altura deles os tornava muito visíveis. Praticamente não havia barulho. A relutância de Ransom em encontrar esses outros caminhantes, que pareciam se confinar à costa da ilha, fez que, meio inconscientemente, se afastasse mais para o alto e mais para o centro. Por fim, descobriu-se nas bordas do arvoredo, olhando direto pela avenida de monólitos. Por nenhuma razão muito clara tinha pretendido não entrar nela, mas calhou de começar a examinar a pedra mais próxima, que era profusamente esculpida em todos os seus quatro lados, e depois disso a curiosidade levou-o de uma pedra para outra.

As imagens eram muito estranhas. De lado a lado apresentavam representações de *sorns* e de *hrossa* e do que ele supunha serem *pfifltriggi*, ocorrendo repetidamente uma figura ondulante, ereta, com apenas a sugestão de um rosto e com asas. As asas eram perfeitamente reconhecíveis, e isso o deixou muito intrigado. Seria possível que as tradições da arte malacandriana remontassem àquela era geológica e biológica anterior em que, como Augray lhe dissera, existia vida, aí incluída a vida de aves, na *harandra*? A resposta das pedras parecia ser "sim". Ele viu imagens das antigas florestas vermelhas com pássaros inconfundíveis voando entre elas, e muitas outras criaturas que ele não conhecia. Em outra pedra, muitas dessas criaturas estavam representadas caídas, mortas, e uma fantástica figura parecida com um *hnakra*, presumivelmente simbolizando o frio, aparecia no céu mais acima disparando dardos contra elas. As criaturas que ainda estavam vivas estavam se reunindo em torno da figura alada, ondulante, que ele supôs ser Oyarsa, retratado como uma chama provida de asas. Na pedra seguinte, Oyarsa aparecia acompanhado por muitas criaturas e aparentemente fazendo um sulco com algum instrumento pontiagudo. Outra cena mostrava o sulco sendo aumentado pelos *pfifltriggi* com ferramentas de cavar. *Sorns* estavam empilhando a terra em montes pontiagudos de cada lado, e *hrossa* pareciam estar fazendo canais de água. Ransom se perguntou se esse era um relato mítico da criação das *handramits* ou se era concebível que elas fossem realmente artificiais.

Muitas das imagens ele não conseguia compreender. Uma que o deixou especialmente intrigado mostrava na parte inferior um segmento de um círculo, por trás e acima do qual se erguiam três quartos de um disco dividido em anéis concêntricos. Achou que era uma representação do sol nascendo por trás de um monte. De fato, o segmento inferior estava cheio de cenas malacandrianas – Oyarsa em Meldilorn, *sorns* na borda montanhosa da *harandra* e muitas outras coisas tanto conhecidas dele como desconhecidas. Deixou essa parte de lado para examinar o disco que se erguia por trás dela. Não era o Sol. O Sol estava lá, inconfundível, no centro do disco. Ao redor dele, giravam os círculos concêntricos. No

primeiro e menor desses havia uma pequena bola, na qual seguia uma figura alada, algo semelhante a Oyarsa, mas segurando o que parecia ser uma trombeta. No seguinte, uma bola semelhante portava outra das figuras chamejantes. Essa, em vez da sugestão de um rosto, apresentava duas protuberâncias, que, após longa inspeção, Ransom concluiu que deviam ser os úberes ou seios de uma fêmea de mamífero. A essa altura, ele já tinha certeza de que estava contemplando um desenho do Sistema Solar. A primeira bola era Mercúrio; a segunda, Vênus. "E que coincidência extraordinária", pensou Ransom, "que a mitologia deles, como a nossa, associe alguma noção do feminino a Vênus." A questão teria ocupado sua mente por mais tempo se uma curiosidade natural não tivesse atraído seus olhos para a bola seguinte, que devia representar a Terra. Quando a viu, teve a mente paralisada por um instante. A bola estava ali, mas no lugar em que deveria estar a figura semelhante a uma chama, uma reentrância profunda de formato irregular tinha sido aberta na pedra, como que para apagar a figura. "Um dia, portanto…", mas suas especulações tropeçaram e se calaram diante de uma série de incógnitas. Ele olhou para o círculo seguinte. Ali não havia bola alguma. Em vez disso, a parte inferior desse círculo tocava o topo do grande segmento repleto de cenas malacandrianas, de modo que naquele ponto Malacandra tocava no Sistema Solar e saía dele em perspectiva na direção do espectador. Agora que sua mente tinha captado o desenho, Ransom estava espantado com o vigor de tudo aquilo. Deu um passo atrás e respirou fundo, preparando-se para lidar com alguns dos mistérios em que estava imerso. Malacandra era, portanto, Marte. A Terra – mas a essa altura um som de batidas ou marteladas, que vinha ocorrendo havia algum tempo sem que ele tivesse consciência, tornou-se insistente demais para ser ignorado. Alguma criatura, e decerto não um *eldil*, estava trabalhando perto dele. Um pouco assustado – pois estava mergulhado em seus pensamentos –, deu meia-volta. Não viu nada. Deu um grito idiota, em inglês.

– Tem alguém aí?

As batidas cessaram no mesmo instante, e uma cara notável apareceu por trás de um monólito vizinho.

Era desprovida de pelos, como a de um homem ou a de um *sorn*. Era comprida e pontuda como a de um musaranho, amarela e de aspecto desmazelado. E tinha a testa tão curta que, se não fosse a pesada extensão da cabeça para trás e por trás das orelhas (como um coque postiço), não poderia ter sido a de uma criatura inteligente. Daí a um instante, com um salto espantoso, a criatura apareceu por inteiro. Ransom adivinhou que se tratava de um *pfifltrigg* – e ficou feliz por não ter encontrado um indivíduo dessa terceira espécie quando de sua chegada a Malacandra. Era um ser muito mais semelhante a um inseto ou a um réptil do que a qualquer outro ser que já tivesse visto. Sua compleição era nitidamente a de uma rã, e de início Ransom achou que, como uma rã, o ser estivesse apoiado nas "mãos". Depois se deu conta de que aquela parte dos membros dianteiros na qual se apoiava era realmente, em termos humanos, antes um cotovelo que uma mão. Era largo, com almofada, destinado nitidamente para apoio ao andar; mas, a partir dele, num ângulo de uns 45 graus, subiam os verdadeiros antebraços – antebraços finos, fortes, que terminavam em mãos enormes, sensíveis, providas de muitos dedos. Ransom percebeu que, para todo trabalho braçal, desde a mineração até a escultura em relevo em pedras, essa criatura tinha a vantagem de ser capaz de trabalhar com toda a sua força tendo apenas um cotovelo apoiado. A semelhança com um inseto decorria da velocidade e do aspecto espasmódico dos seus movimentos, bem como do

fato de ele conseguir girar a cabeça quase totalmente, como um louva-a-deus. Tudo isso era acentuado por um tipo de ruído seco, irritante, tilintante quando ele se mexia. Era bastante parecido tanto com um gafanhoto quanto com os anões de Arthur Rackham, com uma rã e com um velhote taxidermista que Ransom conhecia em Londres.

– Venho de outro mundo – começou Ransom.

– Eu sei, eu sei – disse a criatura numa voz rápida, picotada, bastante impaciente. – Venha cá, para trás da pedra. Por aqui, por aqui. Ordens de Oyarsa. Estou muito ocupado. Preciso começar imediatamente. Fique parado aí.

Ransom descobriu-se no outro lado do monólito, olhando com espanto para uma imagem que ainda não estava pronta. O chão estava profusamente salpicado com lascas, e o ar, tomado pela poeira.

– Aí – disse a criatura. – Fique parado. Não olhe para mim. Olhe para aquele lado.

Por um instante, Ransom não entendeu bem o que se esperava dele. Depois, à medida que viu o *pfifltrigg* olhando para ele e para a pedra, num vaivém, com o inconfundível olhar do artista indo do modelo para a obra e da obra para o modelo, que é o mesmo em todos os mundos, compreendeu o que estava acontecendo e quase riu. Estava posando para seu retrato! Da posição em que estava, podia ver que a criatura talhava a pedra como se fosse queijo, e tão rápidos eram os movimentos que seu olhar quase não conseguia captá-los. Embora Ransom pudesse ver perfeitamente o *pfifltrigg*, não podia ter nenhuma ideia do trabalho em andamento. Então percebeu que o ruído metálico e tilintante provinha da série de pequenos instrumentos que a criatura carregava em volta do corpo. Às vezes, com uma exclamação de irritação, o *pfifltrigg* jogava no chão a ferramenta com que estava trabalhando e escolhia outra; mas a maioria das que estavam em uso imediato ele mantinha presa na boca. Ransom também percebeu que era um animal trajado artificialmente como ele, com algum tipo de substância brilhante e escamosa que parecia ricamente decorada, se bem que por baixo havia uma camada de poeira. No pescoço, trazia algumas voltas de algum material peludo, como um cachecol. Tinha os olhos protegidos por óculos de segurança escuros e salientes. Anéis e correntes de um metal brilhante – não de ouro, pensou Ransom – adornavam seus braços e o pescoço. Todo o tempo em que esteve trabalhando, não parou de murmurar chiando consigo mesmo. E, quando se empolgava – o que era comum –, a ponta do seu focinho se franzia como a de um coelho. Por fim, deu um salto espantoso, foi parar a mais ou menos dez metros da obra e disse:

– É, é. Não tão bom quanto eu esperava. Sairá melhor da próxima vez. Agora vamos deixar assim. Venha ver.

Ransom obedeceu. Viu um quadro dos planetas, agora não dispostos na forma do mapa do Sistema Solar, mas avançando em fila indiana na direção do espectador; e todos, com exceção de um, portando seu cocheiro flamejante. Na parte inferior estava Malacandra e lá, para surpresa de Ransom, aparecia uma representação bastante aceitável da espaçonave. Ao lado dela, três figuras estavam paradas, para todas as quais Ransom aparentemente servira de modelo. Ele se encolheu com repulsa. Mesmo descontando-se a estranheza do tema do ponto de vista malacandriano e a estilização da sua arte, ainda assim, pensou, a criatura poderia ter experimentado retratar melhor a forma humana do que com aqueles bonecos duros como troncos de árvore, quase tão largos quanto altos, e com uma brotação em torno da cabeça e do pescoço semelhante a algum tipo de fungo.

– Calculo que seja essa a aparência que tenho aos olhos do seu povo – disse, tentando evitar uma ofensa. – Mas não é como me desenhariam no nosso mundo.

– Não – disse o *pfifltrigg*. – Minha intenção é que não seja parecido demais. Se for parecido demais, eles não vão acreditar… os que nascerem no futuro. – Ele acrescentou muitos outros argumentos difíceis para Ransom compreender; mas, enquanto falava, acabou ocorrendo a Ransom que as figuras odiosas pretendiam ser uma *idealização* da humanidade. A conversa foi perdendo um pouco a animação. Para mudar de assunto, Ransom fez uma pergunta que estava na cabeça havia algum tempo:

– Não consigo compreender como vocês, os *sorns* e os *hrossa*, todos vieram a falar o mesmo idioma. É que a língua, os dentes e a garganta de cada espécie devem ser muito diferentes.

– Você tem razão – disse a criatura. – No passado todos nós tínhamos falas diferentes e ainda as mantemos em casa. Mas todos aprendemos a fala dos *hrossa.*

– Por que isso aconteceu? – perguntou Ransom, ainda pensando em termos da história terrestre. – No passado os *hrossa* governavam os outros?

– Não estou entendendo. Eles são nossos maiores oradores e cantores. Conhecem mais palavras e palavras melhores. Ninguém aprende a fala do meu povo porque o que temos a dizer dizemos em pedra, sangue do Sol e leite das estrelas, e todos podem ver. Ninguém aprende a fala dos *sorns*, porque é possível transformar o conhecimento deles em quaisquer palavras, e o conhecimento continua o mesmo. Não se pode fazer isso com as canções dos *hrossa.* A língua deles cobre toda a Malacandra. Eu a estou falando com você porque você é um desconhecido. Eu a falaria com um *sorn.* Mas em casa temos nossas línguas antigas. Dá para ver isso nos nomes. Os *sorns* têm nomes imponentes como Augray, Arkal, Belmo e Falmay. Os *hrossa* têm nomes saburrentos com Hnoh, Hhihi, Hyoi e Hlithnahi.

– Então a melhor poesia vem na fala mais áspera?

– Pode ser – disse o *pfifltrigg.* – Como as melhores imagens são feitas da pedra mais dura. Mas meu povo tem nomes como Kalakaperi, Parakataru e Tafalakeruf. Eu me chamo Kanakaberaka.

Ransom disse-lhe como se chamava.

– Na nossa terra, não é assim – disse Kanakaberaka. – Não ficamos espremidos numa *handramit* estreita. Há as florestas de verdade, as sombras verdes, as minas profundas. E faz calor. A luz não é ofuscante como essa, e lá não existe um silêncio como esse. Eu podia deixá-lo em alguma das florestas onde você poderia ver cem fogueiras acesas ao mesmo tempo e ouvir cem martelos. Quem dera você tivesse ido a nossa região. Nós não moramos em buracos como os *sorns*, nem em trouxas de relva como os *hrossa.* Eu poderia mostrar-lhe casas com cem colunas, uma de sangue do Sol, a outra de leite das estrelas, até terminar… e com o mundo inteiro pintado nas paredes.

– Como vocês se governam? – perguntou Ransom. – Os que estão cavando nas minas… eles gostam da atividade tanto quanto os que pintam as paredes?

– Todos mantêm as minas abertas. É um trabalho a ser compartilhado. Mas cada um cava para si o que quer para seu trabalho. Que outra coisa ele haveria de fazer?

– Conosco não é assim.

– Então, o trabalho de vocês deve ser muito torto. Como um criador compreenderia o que é

trabalhar com sangue do Sol se ele não entrasse na casa do próprio sangue do Sol, aprendesse a distinguir um tipo de outro e convivesse com ele dias a fio sem a luz do céu até que o metal estivesse no seu sangue e no seu coração, como se ele pensasse o metal, o comesse e o cuspisse?

– Conosco ele fica muito fundo e é difícil de obter. E os que cavam precisam passar a vida inteira nessa atividade.

– E eles gostam?

– Acho que não… Não sei. São forçados a prosseguir porque não ganharão comida se pararem.

Kanakaberaka franziu o nariz.

– Quer dizer que não existe comida em abundância no seu mundo?

– Não sei – disse Ransom. – Muitas vezes senti vontade de saber a resposta para essa pergunta, mas ninguém soube me dizer. Ninguém mantém seu povo trabalhando, Kanakaberaka?

– Nossas fêmeas – disse o *pfifltrigg*, com um ruído agudo que parecia ser o que para ele equivaleria a uma risada.

– Suas fêmeas têm mais importância para vocês do que as dos outros *hnau* para eles?

– Uma importância enorme. Os *sorns* são os que menos se importam com as fêmeas, e os que mais se importam somos nós.

18

Nessa noite Ransom dormiu na casa de hóspedes, que era uma casa de verdade construída por *pfifltriggi* e ricamente decorada. O prazer dele de se encontrar, sob esse aspecto, em condições mais humanas era prejudicado pelo desconforto que, apesar do que lhe dizia a razão, não podia deixar de sentir na proximidade de tantas criaturas malacandrianas. Todas as três espécies estavam representadas. Elas não pareciam ter nenhum constrangimento umas para com as outras, embora houvesse algumas diferenças do tipo que ocorre num vagão de trem na Terra – com os *sorns* achando a casa quente demais e os *pfifltriggi* achando-a fria demais. Ele aprendeu mais sobre o humor malacandriano e sobre os ruídos que expressavam esse humor nessa única noite do que tinha aprendido durante toda a sua estada no planeta desconhecido. Na realidade, todas as conversas malacandrianas das quais tinha participado foram sérias. Parecia que o espírito cômico brotava principalmente do encontro das diferentes espécies de *hnau.* As piadas de todas as três eram igualmente incompreensíveis para Ransom. Ele achou que conseguisse perceber as diferenças no tipo do humor – por exemplo, os *sorns* raramente iam além da ironia, enquanto os *hrossa* eram extravagantes e fantásticos, e os *pfifltriggi* eram cortantes e se superavam nas palavras ofensivas –, mas, mesmo quando entendia todas as palavras, não conseguia captar o sentido da piada. Ransom foi dormir cedo.

No dia seguinte, foi bem cedo, na hora em que os homens na Terra saem para ordenhar as vacas, que Ransom foi despertado. De início, não soube o que o acordara. O aposento em que estava deitado se encontrava em silêncio, vazio e quase escuro. Ele ia se preparando para voltar a dormir quando uma voz aguda ao seu lado disse "Oyarsa manda chamá-lo". Ele se sentou, olhando espantado ao redor. Não havia ninguém ali, e a voz repetiu "Oyarsa manda chamá-lo". Agora a confusão do sono estava se dissipando na cabeça dele, e ele reconheceu que havia um *eldil* no quarto. Não sentiu nenhum medo consciente, mas, enquanto se levantava obediente e vestia as roupas que tinha deixado preparadas, descobriu que seu coração batia bastante rápido. Pensava menos na criatura invisível no quarto do que na entrevista que tinha pela frente. Seus antigos terrores de deparar com algum monstro ou ídolo já o tinham abandonado totalmente. Seu nervosismo era como o que se lembrava de ter sentido na manhã de uma prova quando estava na faculdade. Mais do que qualquer coisa no mundo, sentiu vontade de tomar uma boa xícara de chá.

A casa de hóspedes estava vazia. Ele saiu. A fumaça azulada subia do lago, e o céu estava claro por trás da muralha pontiaguda a leste do *canyon.* Faltavam alguns minutos para o nascer do sol. O ar ainda estava muito frio; a relva, ensopada de orvalho; e havia alguma coisa enigmática em toda aquela cena que ele logo identificou com o silêncio. As vozes de *eldil* no ar tinham cessado, da mesma forma que a trama inconstante de pequenas luzes e sombras. Sem que lhe dessem ordens, ele soube que deveria subir até o alto da ilha e ao arvoredo. À medida que se aproximava, Ransom viu, com certo desânimo, que a avenida de monólitos estava repleta de criaturas malacandrianas, todas em silêncio. Formavam duas linhas, uma de cada lado, e todos estavam agachados ou sentados nos diversos estilos adequados à anatomia de cada um. Ele avançou devagar e hesitante, sem ousar parar, exposto às duas fileiras de olhos

não humanos, que não piscavam. Quando chegou ao topo, ao meio da avenida, onde se erguiam as pedras maiores, parou. Posteriormente, jamais conseguiu se lembrar se uma voz de *eldil* lhe dera essa ordem ou se foi por sua própria intuição. Não se sentou, pois a terra estava fria e úmida, e não sabia ao certo se seria uma atitude aceitável. Ficou simplesmente em pé – imóvel como um homem em posição de sentido. Todas as criaturas olhavam para ele, e não havia ruído em parte nenhuma.

Aos poucos, percebeu que o lugar estava cheio de *eldila.* As luzes, ou sugestões de luz, que no dia anterior se encontravam espalhadas pela ilha inteira, agora se congregavam nesse único lugar e estavam todas imóveis ou com movimentos levíssimos. A essa altura, o sol já tinha nascido; e ainda assim ninguém falava. Quando ergueu os olhos para ver os primeiros raios fracos do sol sobre os monólitos, Ransom tomou consciência de que o ar acima dele estava repleto de uma complexidade de luz muito maior do que poderia ser explicada pelo sol nascente, uma luz de um tipo diferente, luz de *eldila*. O céu, não menos que a terra, estava cheio deles. Os malacandrianos visíveis eram não mais do que uma parte insignificante do silencioso consistório que o cercava. Quando chegasse a hora, talvez defendesse sua causa diante de milhares ou de milhões: fileiras atrás de fileiras ao seu redor e fileiras atrás de fileiras acima da sua cabeça, as criaturas que ainda não tinham visto o ser humano, e que o ser humano não conseguia ver, aguardavam que seu julgamento começasse. Ele umedeceu os lábios, que estavam totalmente secos, e se perguntou se seria capaz de falar quando lhe fosse exigido que falasse. E, então, ocorreu-lhe que talvez isso – essa espera e essa exposição à observação – *fosse* o julgamento. Talvez naquele exato momento, ele estivesse inconscientemente dizendo-lhes tudo o que desejavam saber. Mas depois – muito tempo depois – houve um ruído de movimento. Todas as criaturas visíveis no arvoredo tinham se levantado e estavam em pé, mais caladas do que nunca, com a cabeça baixa. E Ransom viu (se fosse possível dizer que isso era ver) que Oyarsa estava vindo entre as longas fileiras de pedras esculpidas. Em parte soube pela expressão dos malacandrianos quando seu senhor passava por eles; em parte, viu – não poderia negar que tivesse visto – o próprio Oyarsa. Ransom jamais conseguiu descrever sua aparência. O mais simples sussurro de luz – não, menos que isso, a mais ínfima diminuição de sombra – vinha percorrendo a superfície irregular da relva; ou melhor dizendo, alguma diferença na aparência do chão, leve demais para ser descrita na linguagem dos cinco sentidos, vinha se movimentando lentamente na direção dele. Como um silêncio que se espalha por um salão cheio de gente, como um frescor infinitesimal num dia abafado, como uma lembrança passageira de algum som ou perfume há muito esquecido, como tudo o que é mais imóvel, menor e mais difícil de segurar na natureza, Oyarsa passou entre seus súditos, aproximou-se e veio parar, a nem dez metros de distância de Ransom, no centro de Meldilorn. Ransom sentiu um formigamento em todo o corpo e umas picadas nos dedos como se houvesse algum raio perto dele. E teve a impressão de que seu coração e seu corpo eram feitos de água.

Oyarsa falou – com uma voz menos humana que qualquer outra que Ransom já tivesse ouvido, mansa e aparentemente remota; uma voz inabalável; uma voz, como um dos *hrossa* mais tarde disse a Ransom, "sem nenhum sangue. Para eles, é a luz em vez do sangue". As palavras não eram alarmantes.

– Do que você tem tanto medo, Ransom de Thulcandra? – perguntou Oyarsa.

– De você, Oyarsa, porque você é diferente de mim e não consigo vê-lo.

– Não são boas razões – disse a voz. – Você também é diferente de mim; e, embora eu o veja, você me aparece muito de leve. Mas não pense que somos totalmente diferentes. Nós dois somos cópias de Maleldil. Essas não são as razões verdadeiras.

Ransom nada disse.

– Você começou a ter medo de mim antes de pisar no meu mundo. E desde então passou todo o seu tempo fugindo de mim. Meus subordinados viram seu medo quando você estava na nave nos céus. Viram que sua própria gente o tratava mal, apesar de não conseguirem entender o que diziam. Então, para livrá-lo das mãos daqueles dois, instiguei um *hnakra* para ver se você viria me procurar por sua própria vontade. Mas você foi se esconder entre os *hrossa*; e, apesar de eles lhe dizerem que viesse a mim, você não quis obedecer. Depois, mandei meu *eldil* buscá-lo, mas ainda assim você se recusou a vir. E, no final, sua própria gente, com sua perseguição, trouxe-o a mim, e sangue de *hnau* foi derramado.

– Não entendo, Oyarsa. Quer dizer que foi você que mandou me buscar em Thulcandra?

– Fui eu. Os outros dois não lhe disseram isso? E por que você veio com eles se não pretendia obedecer ao meu chamado? Meus subordinados não entendiam a conversa deles com você quando sua nave estava nos céus.

– Seus subordinados… Não estou entendendo – disse Ransom.

– Pergunte o que quiser – disse a voz.

– Você tem subordinados lá nos céus?

– Em que outro lugar? Não existe outro lugar.

– Mas você, Oyarsa, está aqui em Malacandra, como eu estou.

– Mas Malacandra, como todos os mundos, flutua nos céus. E eu não estou "aqui" totalmente como você está, Ransom de Thulcandra. Criaturas da sua natureza precisam cair dos céus para entrar num mundo; para nós, os mundos são lugares nos céus. Mas não tente entender isso agora. Basta você saber que eu e meus subordinados estamos neste exato momento nos céus. Eles estavam ao seu redor na espaçonave não menos do que estão ao seu redor aqui.

– Quer dizer que vocês sabiam da nossa viagem antes que deixássemos Thulcandra?

– Não. Thulcandra é o mundo que não conhecemos. Somente ela está fora dos céus, e nenhuma mensagem provém dela.

Ransom calou-se, mas Oyarsa respondeu às suas perguntas mudas.

– Nem sempre foi assim. No passado, nós conhecíamos o Oyarsa do seu mundo… ele era mais brilhante e maior do que eu… e naquela época não a chamávamos de Thulcandra. É a história mais longa e mais amarga de todas. Ele se tornou torto. Isso ocorreu antes que qualquer tipo de vida surgisse no seu mundo. Aqueles foram os Anos Tortos, dos quais ainda falamos nos céus, quando ele ainda não estava preso a Thulcandra, mas livre como nós. Sua intenção era estragar outros mundos além do seu. Ele atingiu sua lua com a mão esquerda e, com a direita, trouxe a morte pelo frio à minha *harandra* antes do tempo. Se por meu braço Maleldil não tivesse aberto as *handramits* e deixado fluir as fontes termais, meu mundo teria sido despovoado. Não o deixamos à solta por muito tempo. Houve uma guerra tremenda, e nós o expulsamos dos céus e o prendemos no ar do seu próprio mundo, como Maleldil nos ensinou. Lá ele sem dúvida permanece até agora, e nada mais nós sabemos daquele planeta: ele é silencioso. Acreditamos que Maleldil não o entregaria totalmente ao Torto, e existem

entre nós histórias de que ele teria tomado decisões estranhas e ousado coisas terríveis, na luta com o Torto em Thulcandra. Mas disso nós sabemos menos que você. É uma questão que gostaríamos de examinar.

Passou-se algum tempo antes que Ransom voltasse a falar, e Oyarsa respeitou seu silêncio. Então ele se recompôs e disse:

– Depois dessa história, Oyarsa, posso dizer-lhe que nosso mundo é muito torto. Os dois que me trouxeram não tinham conhecimento da sua existência. Sabiam apenas que os *sorns* tinham pedido minha presença. Eles acharam que você era um *eldil* falso, creio eu. Nas regiões selvagens do nosso mundo, existem *eldila* falsos. Homens matam outros homens diante deles, imaginando que o *eldil* beba sangue. Os dois pensaram que os *sorns* me queriam para isso ou para alguma outra perversidade. Eles me trouxeram à força. Meu medo era terrível. Os contadores de histórias no nosso mundo nos fazem pensar que, se existir vida além do nosso próprio ar, ela será do mal.

– Entendi – disse a voz. – E isso explica coisas que me deixaram assombrado. Assim que sua expedição deixou seu próprio ar e entrou nos céus, meus subordinados me informaram que você parecia vir a contragosto e que os outros escondiam segredos de você. Eu não imaginava que alguma criatura pudesse ser tão torta a ponto de trazer outra da sua espécie aqui à força.

– Eles não sabiam para que vocês me queriam, Oyarsa. Nem eu sei.

– Vou lhe dizer. Há dois anos, e isso equivale mais ou menos a quatro anos dos nossos, uma nave entrou nos céus, proveniente do seu mundo. Nós acompanhamos seu percurso até aqui, e *eldila* estavam com ela quando passava por cima da *harandra*; e, quando por fim pousou na *handramit*, mais da metade dos meus subordinados estava parada em volta para ver o surgimento dos desconhecidos. Mantivemos todos os animais longe do lugar, e por algum tempo nenhum *hnau* soube da sua existência. Quando os desconhecidos tinham andado para cá e para lá em Malacandra, já haviam construído uma cabana e o medo de um novo mundo parecia ter se dissipado, mandei determinados *sorns* aparecerem para eles e lhes ensinar nossa língua. Escolhi *sorns* porque eles são na forma os mais parecidos com seu povo. Os thulcandrianos temiam os *sorns* e se demonstraram muito refratários a aprender. Os *sorns* foram procurá-los muitas vezes e puderam dar-lhes alguns ensinamentos. Os *sorns* me informaram que os thulcandrianos estavam pegando sangue do Sol onde quer que o encontrassem nos riachos. Não conseguindo obter uma noção deles por meio de relatos, pedi aos *sorns* que os trouxessem a mim, não pela força, mas com gentileza. Os thulcandrianos se recusaram a vir. Pedi que apenas um deles viesse, mas nem assim. Teria sido fácil apanhá-los, mas, embora víssemos que eram obtusos, ainda não sabíamos até que ponto eram tortos; e eu não queria estender minha autoridade além das criaturas do meu próprio mundo. Eu disse então aos *sorns* que os tratassem como filhotes, que lhes dissessem que não teriam mais permissão para pegar sangue do Sol enquanto um indivíduo da sua espécie não viesse a mim. Quando ouviram isso, levaram daqui o máximo que puderam e voltaram para seu próprio mundo. Estranhamos essa atitude, mas agora está claro. Eles acharam que eu queria alguém da sua espécie para comer, e assim foram buscar você. Se tivessem percorrido alguns quilômetros para ver-me, eu os teria recebido com honrarias. Agora vejo que fizeram duas vezes um percurso de milhões de quilômetros por nada e vão ter de comparecer diante de mim de qualquer forma. E você, também, Ransom de Thulcandra, você muito se esforçou em vão para evitar se encontrar onde está agora.

– É verdade, Oyarsa. As criaturas tortas são cheias de medos. Mas estou aqui agora e pronto para saber sua decisão a meu respeito.

– Duas coisas eu quero perguntar sobre sua espécie. Primeiro, preciso saber por que vocês vêm aqui… esse é meu dever para com meu mundo. E em segundo lugar, gostaria de saber de Thulcandra e das estranhas guerras de Maleldil por lá com o Torto, pois isso, como já disse, é um assunto que desejamos examinar.

– Para a primeira pergunta, Oyarsa, eu vim até este mundo porque me trouxeram. Dos outros dois, um se importa apenas com o sangue do Sol, porque no nosso mundo ele pode trocá-lo por muitos prazeres e poderes. Mas o outro quer seu mal. Creio que ele gostaria de exterminar seu povo para abrir espaço para o nosso. E então ele faria o mesmo de novo com outros mundos. Ele quer que nossa espécie perdure para sempre, acho eu. E ele tem esperança de que ela salte de um mundo para outro… sempre indo para um novo Sol quando o velho morrer… ou algo semelhante.

– Ele tem alguma lesão no cérebro?

– Não sei. Pode ser que eu não esteja descrevendo seus pensamentos corretamente. Ele é mais instruído que eu.

– Ele acha que poderia ir aos mundos maiores? Ele acha que Maleldil quer que uma espécie dure para sempre?

– Ele não sabe que existe um Maleldil. Mas o que é certo é que ele quer o mal para seu mundo, Oyarsa. Nossa espécie não pode ter permissão para voltar aqui. Se com a morte de nós três você puder impedir isso, eu concordo plenamente.

– Se vocês pertencessem ao meu povo, eu os mataria agora mesmo, Ransom. Você também morreria em breve. Eles são irremediavelmente tortos, e você, quando se tornasse um pouco mais corajoso, estaria pronto para ir para Maleldil. No entanto, minha autoridade é sobre meu próprio mundo. É um ato terrível matar o *hnau* que não nos pertence. Não será necessário.

– Eles são fortes, Oyarsa. Podem atirar a morte a muitos quilômetros de distância e podem soprar ares mortíferos sobre os inimigos.

– O mais insignificante dos meus subordinados poderia tocar na nave deles antes da chegada a Malacandra, enquanto ela ainda estivesse nos céus, e torná-la um corpo de movimentos diferentes: para vocês, absolutamente nenhum corpo. Certifique-se de que ninguém da sua espécie entre outra vez no meu mundo, a menos que eu o convoque. Mas chega disso. Agora fale-me de Thulcandra. Conte-me tudo. Não sabemos de nada desde o dia em que o Torto se precipitou dos céus para o ar do seu mundo, ferido na própria luz da sua luz. Mas por que você está de novo com medo?

– Sinto medo das extensões do tempo, Oyarsa… ou talvez eu não esteja entendendo. Você não disse que isso aconteceu antes que houvesse vida em Thulcandra?

– Disse.

– E você, Oyarsa? Você vive desde… E aquela imagem na pedra em que o frio está matando os seres na *harandra*? Ela é uma representação de alguma coisa que aconteceu antes que meu mundo começasse?

– Vejo que você é *hnau*, afinal de contas – disse a voz. – Sem dúvida, nenhuma pedra exposta ao ar naquela época continuaria a ser pedra agora. A imagem começou a se esboroar e foi copiada novamente mais vezes do que o número de *eldila* no ar acima de nós. Mas foi

copiada corretamente. Sob esse aspecto, você está vendo uma imagem que foi terminada quando seu mundo ainda estava pela metade. Mas não pense nessas coisas. Meu povo tem uma lei de nunca falar de dimensões ou números com outros, nem mesmo com os *sorns*. Vocês não compreendem, e isso faz que vocês reverenciem nulidades e deixem passar o que é realmente importante. Prefiro que me conte o que Maleldil fez em Thulcandra.

– De acordo com nossas tradições… – Ransom foi começando, quando uma perturbação inesperada rompeu a solene calma da assembleia. Um grupo numeroso, quase uma procissão, proveniente da balsa, vinha se aproximando do arvoredo. Ao que ele pôde ver, era totalmente composto de *hrossa*, e pareciam estar carregando alguma coisa.

19

À medida que o cortejo se aproximava, Ransom viu que os *hrossa* que vinham na frente estavam sustentando três fardos longos e estreitos. Eles os carregavam na cabeça, quatro *hrossa* para cada fardo. Atrás deles, vinha uma série de outros, armados com arpões e aparentemente escoltando duas criaturas que ele não reconheceu. A luz estava por trás deles quando entraram pelos dois monólitos mais distantes. Eram muito mais baixos que qualquer animal que já tivesse visto em Malacandra, e Ransom calculou que fossem bípedes, se bem que os membros inferiores fossem tão grossos e semelhantes a linguiças que hesitou em chamá-los de pernas. O corpo era um pouco mais estreito no alto que na parte inferior, de modo que eles tinham um leve formato de pera; e a cabeça não era nem redonda como a dos *hrossa* nem alongada como a dos *sorns*, mas quase quadrada. Andavam sobre pés estreitos, de aparência pesada, que pareciam forçar contra o chão com uma violência desnecessária. E agora o rosto estava ficando visível, como uma massa de carne com protuberâncias e franzidos, de cores variadas, emoldurada por alguma substância escura e cerdosa… De repente, com uma indescritível mudança de sentimento, Ransom percebeu que estava olhando para homens. Os dois prisioneiros eram Weston e Devine; por um instante privilegiado, ele tinha visto a forma humana com olhos quase malacandrianos.

Os que encabeçavam o cortejo agora tinham avançado até poucos metros de distância de Oyarsa e puseram no chão os fardos que carregavam. Ransom agora via que esses eram três *hrossa* mortos, dispostos em ataúdes feitos de algum metal desconhecido. Jaziam de costas, e seus olhos, que não estavam fechados como olhos humanos, fitavam de modo desconcertante o distante dossel dourado do arvoredo. Um deles Ransom supôs ser Hyoi, e sem dúvida era o irmão de Hyoi, Hyahi, que agora se apresentava, começando a falar depois de uma mesura a Oyarsa.

De início, Ransom não ouviu o que ele dizia, pois estava com a atenção concentrada em Weston e Devine. Estavam sem armas e sob a guarda vigilante e armada dos *hrossa* que os cercavam. Ambos, como o próprio Ransom, tinham deixado crescer a barba desde que pousaram em Malacandra e estavam pálidos e sujos da viagem. Weston estava em pé, de braços cruzados, com o rosto numa expressão fixa, até mesmo exagerada, de desespero. Devine, com as mãos nos bolsos, parecia estar numa crise furiosa de mau humor. Estava claro que os dois achavam ter bons motivos para ter medo, embora de modo nenhum lhes faltasse coragem. Cercados como estavam pelos guardas e atentos à cena diante de seus olhos, eles não tinham percebido a presença de Ransom.

Ransom começou a se dar conta do que o irmão de Hyoi estava dizendo.

– Pela morte desses dois, Oyarsa, não me queixo tanto, pois quando nos abatemos sobre os *hhōmena* de noite, eles ficaram apavorados. Pode-se dizer que foi uma caçada, e que esses dois morreram como poderiam ter sido mortos por um *hnakra*. Mas Hyoi eles atingiram de longe com uma arma de covardes, quando ele não tinha feito nada para assustá-los. E agora ele jaz ali (e não estou dizendo isso porque era meu irmão, mas porque toda a *handramit* sabe); e ele era um *hnakrapunt*, um grande poeta, e perdê-lo pesa no coração.

A voz de Oyarsa falou pela primeira vez aos dois homens.

– Por que vocês mataram meus *hnau*?

Weston e Devine olharam ansiosos ao redor para identificar quem estava falando.

– Meu Deus! – exclamou Devine em inglês. – Não me diga que eles têm um alto-falante.

– Ventriloquia – retrucou Weston, num sussurro rouco. – Bastante comum entre selvagens. O feiticeiro ou curandeiro finge entrar em transe e lança a voz. O que temos a fazer é identificar o curandeiro e dirigir nossos comentários a *ele*, não importa de onde a voz pareça estar vindo. Isso destrói sua coragem e mostra que você detectou a tramoia. Você está vendo algum selvagem em transe? Com mil demônios, já o vi.

É preciso que se dê o devido crédito a Weston por sua capacidade de observação: ele escolheu a única criatura na assembleia que não estava em pé, numa atitude de reverência e atenção. Tratava-se de um *hross* idoso, que estava bem perto, ao lado dele. Estava agachado e de olhos fechados. Dando um passo na sua direção, Weston assumiu uma postura desafiadora e exclamou em voz alta (seu conhecimento da língua era elementar):

– Por que vocês tirar nosso bangue? Nós muito zangado com vocês. Nós sem medo.

De acordo com a hipótese de Weston, esse seu ato deveria ter sido impressionante. Infelizmente para ele, mais ninguém compartilhou da sua teoria quanto ao comportamento do *hross* idoso. O *hross* – que era bem conhecido de todos eles, de Ransom inclusive – não tinha vindo com o cortejo fúnebre. Estava naquele lugar desde o amanhecer. Sem a menor dúvida, o *hross* idoso não pretendia de modo nenhum ser desrespeitoso com Oyarsa. Mas é preciso que se admita que, bem antes de começarem os eventos daquele dia, ele já tinha cedido a uma enfermidade que ataca os *hnau* idosos de todas as espécies e àquela altura estava mergulhado num cochilo profundo e reparador. Um fio do bigode se contorceu um pouco enquanto Weston gritava no seu rosto, mas seus olhos permaneceram fechados.

A voz de Oyarsa voltou a falar:

– Por que você está falando com ele? Sou eu quem lhe pergunta: por que você matou meus *hnau*?

– Primeiro, soltar nós. Depois, nós conversar – berrou Weston para o *hross* adormecido. – Você achar nós sem força, achar poder fazer o que querer. Não poder, não. O chefão no céu mandar nós. Vocês não fazer o que eu dizer, ele vir, estourar vocês tudo. Puf! Bangue!

– Não sei o que quer dizer *bangue* – disse a voz. – Mas por que você matou meus *hnau*?

– Diga que foi um acidente – murmurou Devine para Weston em inglês.

– Eu já lhe disse – respondeu Weston na mesma língua. – Você não entende nada de como lidar com nativos. Basta um sinal de concessão, e tudo estará acabado para nós. A única solução é intimidá-los.

– Está bem! Faça como quiser – rosnou Devine. Era evidente que estava perdendo a confiança no parceiro.

Weston pigarreou e voltou a atacar o *hross* idoso.

– Nós matar ele – gritou Weston. – Mostrar o que nós poder fazer. Todo o mundo que não fazer o que nós dizer, puf! bangue! Nós matar igual. Vocês fazer tudo que nós dizer, e nós dar coisa bonita para vocês. Olhar! Olhar! – Para forte constrangimento de Ransom, a essa altura Weston tirou do bolso um colar de contas muito colorido, peça inconfundivelmente barata, e começou a balançá-lo diante do nariz dos guardas, girando lentamente sem parar e repetindo:

– Bonito, bonito! Olhar! Olhar!

O resultado disso foi mais impressionante do que o próprio Weston tinha previsto. Um som extremamente ensurdecedor, jamais ouvido antes por humanos – o uivar grave de *hrossa*, o estridular de *pfifltriggi*, o retumbar de *sorns* –, irrompeu, destruindo o silêncio daquele local solene, despertando ecos das distantes muralhas das montanhas. Mesmo no ar acima deles, havia um leve retinir das vozes de *eldila*. É preciso reconhecer em Weston o grande mérito de não ter entrado em pânico nessa hora, embora empalidecesse.

– Vocês não rugir para mim – vociferou ele. – Não tentar me assustar. Mim sem medo de vocês.

– Você precisa perdoar meu povo – disse a voz de Oyarsa, e até mesmo essa voz apresentava uma alteração sutil. – Mas eles não estão rugindo para você. Só estão rindo.

Mas Weston não conhecia a palavra malacandriana para "rir". Na realidade, não era uma palavra que ele entendesse bem em qualquer língua. Ransom, mordendo os lábios de tão mortificado, quase rezou pedindo que uma só tentativa com o colar de contas já satisfizesse o cientista e o fizesse parar; mas isso era porque Ransom não conhecia Weston. Weston viu que o clamor se acalmara. Sabia que estava seguindo as normas mais ortodoxas para assustar e depois apaziguar raças primitivas; e não era homem de desistir por causa de um fracasso ou dois. O bramido que se ergueu da garganta de todos os espectadores quando Weston começou a girar como um pião em câmera lenta, de vez em quando enxugando a testa com a mão esquerda e diligentemente sacudindo o colar com a direita, abafou por completo qualquer coisa que pudesse estar tentando dizer. Ransom viu, porém, que seus lábios se movimentavam e teve quase certeza de que ele estava repetindo sem parar "Bonito, bonito!". E então, de repente, o som do riso quase dobrou de volume. Os astros em seus cursos estavam contra Weston. Alguma vaga lembrança de esforços empreendidos muito tempo antes para divertir uma sobrinha, ainda bebê, tinha começado a se infiltrar naquela mente altamente treinada. Ele se abaixava e se erguia a partir dos joelhos, mantendo a cabeça inclinada para um lado. Estava quase dançando; e àquela altura sem dúvida sentia calor. Ao que Ransom pudesse entender, Weston estava dizendo "Bilu-bilu".

Foi a exaustão que encerrou o espetáculo do célebre físico – o mais bem-sucedido do gênero que se apresentou em Malacandra – e com ele os sonoros arroubos da plateia. Quando o silêncio voltou a se instalar, Ransom ouviu a voz de Devine em inglês:

– Pelo amor de Deus, pare de bancar o palhaço, Weston. Não consegue ver que não vai funcionar?

– *Parece* que não está funcionando – admitiu Weston – e eu me sinto inclinado a pensar que eles talvez tenham uma inteligência ainda menor do que imaginávamos. O que você acha de eu fazer mais uma tentativa, quem sabe? Ou será que você não gostaria de experimentar desta vez?

– Droga, eu desisto! – disse Devine, que, dando as costas ao parceiro, sentou-se abruptamente no chão, apanhou um maço de cigarros e começou a fumar.

– Vou dar o colar ao curandeiro – disse Weston, durante o instante de silêncio que a atitude de Devine gerou entre os espectadores perplexos. E, antes que alguém pudesse impedi-lo, deu um passo à frente e tentou deixar cair o colar de contas em torno do pescoço do *hross* idoso. Entretanto, a cabeça do *hross* era grande demais, e o colar simplesmente parou na testa como uma coroa, caída um pouco sobre um olho. O *hross* mexeu de leve com a cabeça, como um

cachorro atormentado por moscas, bufou baixinho e voltou a dormir.

Agora a voz de Oyarsa se dirigiu a Ransom:

– Seus semelhantes têm algum problema no cérebro, Ransom de Thulcandra? Ou será que estão com medo demais para responder a minhas perguntas?

– Acho, Oyarsa, que eles não acreditam que você esteja aí. E acreditam que todos esses *hnau* são… são como filhotes muito pequenos. O *hhōmem* mais gordo está tentando assustá-los e depois agradá-los com presentes.

Ao ouvir a voz de Ransom, os dois prisioneiros deram meia-volta de repente. Weston estava prestes a falar quando Ransom o interrompeu apressadamente em inglês:

– Escute, Weston. Isso aqui não é uma trapaça. Existe realmente uma criatura no centro: ali onde se pode ver um tipo de luz, ou um tipo de alguma coisa, quando se olha com atenção. E ela é no mínimo tão inteligente quanto um homem. Parece que elas vivem por um tempo enorme. Pare de tratá-la como criança e responda a suas perguntas. E, se quer um conselho meu, diga a verdade e não seja arrogante.

– Parece que, seja como for, os selvagens têm inteligência suficiente para enganá-lo – rosnou Weston. Mas foi numa voz até certo ponto modificada que se voltou mais uma vez para o *hross* adormecido (o desejo de despertar o suposto curandeiro estava se tornando uma obsessão) e se dirigiu a ele.

– Desculpar nós matar ele – disse Weston, apontando para Hyoi. – Não ir matar ele. *Sorns* mandar nós trazer homem, dar homem para chefão. Nós voltar para o céu. *Ele* vir – nesse ponto, indicou Ransom – com nós. Ele homem muito torto, fugir, não fazer o que *sorns* dizer, como nós. Nós correr atrás dele, pegar ele de volta para *sorns*, querer fazer o que nós dizer e que *sorns* mandar nós, certo? Ele não deixar. Fugir, fugir, fugir. Nós correr atrás. Ver um grande e preto, achar que ele matar nós. Nós matar ele: puf! bangue! Tudo por causa do homem torto. Ele não fugir, ele ser bom; nós não correr atrás, nós não matar o grande e preto, certo? Vocês estar com homem torto. Homem torto trazer problema. Então vocês ficar com ele, deixar nós ir. Ele com medo de vocês, nós sem medo. Escutar…

Nesse instante, os berros constantes de Weston bem na cara do *hross* idoso por fim produziram o efeito pelo qual vinha se esforçando havia tanto tempo. A criatura abriu os olhos e olhou com ar manso para ele, com certa perplexidade. E então, dando-se conta aos poucos da impropriedade que havia cometido, ergueu-se devagar até ficar em pé, fez uma reverência respeitosa para Oyarsa e por fim saiu do local da assembleia com seu passo bamboleante, ainda levando o colar pendurado sobre a orelha e o olho direito. Weston, com a boca ainda aberta, acompanhou com o olhar a figura que se retirava até ela desaparecer entre os caules do arvoredo.

Foi Oyarsa quem rompeu o silêncio:

– Já nos divertimos bastante, e chegou a hora de ouvir respostas verdadeiras a nossas perguntas. Alguma coisa está errada na sua cabeça, *hnau* de Thulcandra. Há sangue demais nela. Firikitekila está por aqui?

– Estou, Oyarsa – disse um *pfifltrigg*.

– Você tem nas cisternas água que foi resfriada?

– Tenho, Oyarsa.

– Então que esse *hnau* gordo seja levado à casa de hóspedes e que sua cabeça seja banhada

em água fria. Muita água e muitas vezes. Depois, tragam-no de volta. Enquanto isso, cuidarei de meus *hrossa* que foram mortos.

Weston não entendeu nitidamente o que a voz dizia – na realidade, ele ainda estava ocupado demais tentando descobrir de onde ela vinha –, mas o terror se abateu sobre ele quando se viu envolto nos braços fortes dos *hrossa* que o cercavam e que o levavam dali à força. Ransom teria se disposto a gritar para ele alguma mensagem tranquilizadora, mas o próprio Weston gritava alto demais para ouvi-lo. Agora estava misturando inglês e malacandriano, e o último que se ouviu foi um berro cada vez mais alto de "Pagar por isso… puf! bangue! Ransom, pelo amor de Deus… Ransom! Ransom!".

– E agora – disse Oyarsa, quando se restaurou o silêncio – vamos homenagear meus *hnau* mortos.

Com essas palavras, dez *hrossa* se agruparam em torno dos ataúdes. Erguendo a cabeça e sem que nenhum sinal fosse dado até onde Ransom pudesse ver, eles começaram a cantar.

Para todo o homem, ao começar a se familiarizar com uma nova arte, surge um momento em que aquilo que antes não fazia sentido levanta pela primeira vez, por assim dizer, uma ponta da cortina que esconde seu mistério, revelando, numa explosão de prazer que a compreensão posterior e mais plena dificilmente poderia igualar, um vislumbre das possibilidades indefinidas que ali se encontram. Para Ransom, esse momento tinha chegado agora na sua compreensão da música malacandriana. Pela primeira vez, ele via que seus ritmos eram baseados num sangue diferente do nosso, num coração que batia mais rápido e num calor interno mais feroz. Através do conhecimento que possuía agora sobre esses seres e do amor que sentia por eles, Ransom começava, quase infimamente, a ouvir com os ouvidos deles. Uma sensação de massas colossais se movimentando a velocidades fantásticas, de gigantes dançando, de tristezas eternas sendo constantemente consoladas, do que ele não sabia o que era e no entanto sempre soubera, tudo isso despertou nele com os primeiros compassos do comovente canto fúnebre, deixando seu espírito reverente como se os portões do paraíso tivessem se aberto à sua frente.

– Que se vá daqui – cantavam eles. – Que se vá, que se dissolva e não seja mais corpo. Deixe-o, solte-o, solte-o devagar, como uma pedra que se solta de dedos sobre um lago tranquilo. Que desça, afunde, caia. Uma vez que esteja abaixo da superfície, não haverá divisões, nem camadas na água, que tudo aceita até o fundo. Totalmente um e totalmente ileso é esse elemento. Que siga viagem; não há de retornar. Que afunde; o *hnau* surgirá dali. Essa é a segunda vida, o outro começo. Abre-te, ó mundo colorido, sem peso, sem limite. És segundo e melhor; este foi o primeiro e frágil. Outrora, os mundos eram quentes por dentro e geravam vida, mas apenas as plantas sem cor, as plantas escuras. Vemos suas filhas crescerem hoje, longe da luz do sol, nos lugares tristes. Depois, os céus fizeram surgir mundos de outro tipo: as altas trepadeiras, as florestas de cabeleiras vistosas, rostos de flores. No início, vieram as mais escuras; depois as mais brilhantes. No início, veio a prole do mundo; depois a prole do Sol.

Isso foi o máximo que ele conseguiu recordar e traduzir mais tarde. Quando a canção terminou, Oyarsa falou:

– Espalhemos os movimentos que eram esses corpos. Assim Maleldil há de espalhar todos os mundos quando o primeiro e frágil estiver acabado.

Ele fez um sinal para os *pfifltriggi*, que se levantaram imediatamente e se aproximaram dos

cadáveres. Os *hrossa*, agora cantando de novo mas em voz muito baixa, recuaram no mínimo uns dez passos. Os *pfifltriggi* tocaram cada um dos três mortos por sua vez com algum pequeno objeto que parecia feito de vidro ou cristal, e então pularam para longe com um dos seus saltos típicos de rãs. Ransom fechou os olhos para protegê-los de uma luz ofuscante e sentiu como que um vento fortíssimo soprando no seu rosto por uma fração de segundo. E então tudo voltou à calmaria, e os três ataúdes estavam vazios.

– Meu Deus! Valeria a pena saber fazer uma coisa dessas na Terra – disse Devine a Ransom. – Resolve o problema do assassino de como se livrar do corpo, certo?

Mas Ransom, que estava pensando em Hyoi, o ignorou. E, antes que ele voltasse a falar, a atenção de todos foi desviada para o retorno do infeliz Weston, entre os guardas.

20

O *hross* que encabeçava o cortejo era uma criatura conscienciosa, que imediatamente começou a se explicar, com a voz bastante perturbada:

– Espero que tenhamos agido certo, Oyarsa. Mas não sabemos. Mergulhamos a cabeça dele na água fria sete vezes, porém na sétima vez uma coisa caiu dela. Achamos que era o alto da cabeça, mas então vimos que era uma cobertura feita com a pele de alguma outra criatura. Depois alguns disseram que tínhamos cumprido sua vontade com os sete mergulhos, e outros disseram que não. Por fim, mergulhamos a criatura mais sete vezes. Esperamos que tenha sido certo. A criatura falava muito entre um mergulho e outro, mais ainda na segunda vez, porém não conseguimos entender o que dizia.

– Fizeram muito bem, Hnoo – disse Oyarsa. – Afastem-se um pouco para eu poder vê-lo, porque agora vou falar com ele.

Os guardas recuaram para os lados. O rosto geralmente pálido de Weston, sob a influência revigorante da água fria, tinha assumido a cor de um tomate maduro, e o cabelo, que não era cortado desde sua chegada a Malacandra, estava emplastrado, liso e lambido em tiras que atravessavam sua testa. Uma boa quantidade de água ainda lhe pingava do nariz e das orelhas. Sua expressão – infelizmente desperdiçada com uma plateia desconhecedora da fisionomia terrestre – era a de um homem corajoso, em sofrimento por uma grande causa, e mais disposto do que relutante diante da possibilidade de enfrentar o pior ou mesmo de provocá-lo. Como explicação para sua conduta, é razoável lembrar que, naquela manhã, ele já havia suportado todos os terrores de um martírio esperado e todo o anticlímax de catorze duchas frias compulsórias. Devine, que sabia com quem estava lidando, gritou para Weston em inglês:

– Calma, Weston. Esses demônios conhecem a fissão do átomo ou alguma coisa muito parecida. Cuidado com o que vai dizer para eles, e nada dessa sua maldita bobajada.

– Hã! – disse Weston. – Quer dizer que você também passou para o lado dos nativos?

– Cale-se – disse a voz de Oyarsa. – Você, homem gordo, não me disse nada sobre si mesmo. Por isso eu vou lhe dizer. No seu próprio mundo, você atingiu grande sabedoria referente a corpos e por meio dela foi capaz de construir uma nave que pudesse cruzar os céus. Mas, em todos os outros aspectos, você tem a mente de um animal. Quando veio para cá pela primeira vez, mandei procurá-lo apenas com a intenção de homenageá-lo. As trevas na sua mente o encheram de medo. Por acreditar que eu lhe queria mal, você foi, como um animal contra um animal de alguma outra espécie, e capturou esse Ransom. Pretendia entregá-lo ao mal que temia. Hoje, ao vê-lo aqui, para salvar a própria vida você o teria entregado a mim pela segunda vez, ainda achando que eu pretendia lhe fazer algum mal. É assim que você trata sua própria espécie. E eu sei o que pretende fazer com meu povo. Já até matou alguns. E veio aqui para matar a todos. Para você não faz diferença se uma criatura é *hnau* ou não. A princípio, pensei que o motivo para isso fosse você se importar somente com as criaturas que tivessem o corpo semelhante ao seu. Acontece que Ransom tem esse corpo, e você o mataria tão levianamente como mataria qualquer um dos meus *hnau*. Eu não sabia que o Torto tinha feito tanto no seu mundo e ainda não compreendo. Se você me pertencesse, eu o

descorporificaria agora mesmo. Não se iluda. Por minha mão, Maleldil faz coisas maiores que essa. E eu posso desfazer você até mesmo no limiar do ar do seu próprio mundo. Mas ainda não tomei essa decisão. Cabe a você falar. Deixe-me ver se existe alguma coisa na sua mente além de medo, morte e cobiça.

Weston voltou-se para Ransom:

– Vejo que você escolheu a crise mais momentosa na história da espécie humana para traí-la. – Voltou-se então para a voz: – Sei que você matar nós. Mim sem medo. Outros vir, fazer daqui nosso mundo…

Mas Devine, de um salto, se colocara de pé, interrompendo-o:

– Não, não, Oyarsa – gritou. – Não ouvir ele. Ele homem muito bobo. Ter sonhos. Nós, gente pequena, só querer sangue do Sol bonito. Você dar muito sangue do Sol para nós, nós voltar para o céu. Você nunca mais ver nós. Certo?

– Silêncio – disse Oyarsa. Houve uma alteração quase imperceptível na luz, se é que ela poderia ser chamada de luz, de onde a voz provinha. Devine se encolheu todo e caiu. Quando retomou sua posição, sentado, estava branco e ofegante.

– Prossiga – disse Oyarsa a Weston.

– Mim, não… não… – começou Weston em malacandriano e então desistiu de tentar. – Não consigo dizer o que quero nessa língua maldita – disse em inglês.

– Fale com Ransom e ele traduzirá para nossa língua – disse Oyarsa.

Weston aceitou de imediato. Acreditava que tinha chegado a hora da sua morte e estava determinado a pronunciar o que tinha a dizer – quase o único fato fora da sua própria ciência. Ele pigarreou, quase esboçou um gesto e começou:

– Para você, posso parecer um ladrão vulgar, mas carrego nos ombros o destino da espécie humana. Sua vida tribal, com armas da Idade da Pedra e cabanas semelhantes a colmeias, seus barquinhos primitivos e sua estrutura social elementar, não têm nada que se compare com nossa civilização: com nossa ciência, nossa medicina e nosso Direito, nossos exércitos, nossa arquitetura, nosso comércio e nosso sistema de transporte, que está rapidamente ultrapassando os obstáculos de espaço e tempo. Nosso direito de sobrepujá-los é o direito do superior sobre o inferior. A vida…

– Um instante – disse Ransom em inglês. – Isso aí é mais ou menos o máximo que consigo de uma vez só. – Voltando-se então para Oyarsa, começou a traduzir da melhor forma possível. O processo era difícil, e o resultado, que lhe pareceu bastante insatisfatório, era algo como o que se segue. – Entre nós, Oyarsa, existe um tipo de *hnau* que pega a comida e coisas de outros *hnau* quando eles não estão olhando. Ele diz que não pertence a esse tipo de gente. Diz que o que está fazendo agora fará com que coisas muito diferentes aconteçam para aqueles do nosso povo que ainda não nasceram. Diz que, entre vocês, *hnau* de uma família vivem todos juntos; que os *hrossa* têm lanças como as que nós usávamos no passado muito distante; que suas cabanas são pequenas e redondas e seus barcos são pequenos e leves como nossos barcos eram antigamente; e que vocês têm um único governante. Ele diz que é diferente conosco. Diz que temos muito conhecimento. Acontece uma coisa no nosso mundo quando o corpo de um ser vivo sente dor e se enfraquece, e ele diz que às vezes nós conseguimos impedir isso. Ele diz que temos muita gente torta e que as matamos ou as trancamos em cabanas; e que temos pessoas para resolver brigas entre os *hnau* tortos sobre suas cabanas,

seus cônjuges e outros assuntos. Diz que temos muitos modos pelos quais os *hnau* de uma terra podem matar os de outra terra, e que alguns são treinados para isso. Diz que construímos cabanas muito grandes e fortes, feitas de pedras e outras coisas, como os *pfifltriggi*. E ele diz que trocamos muitas coisas entre nós e podemos carregar coisas pesadas a grandes distâncias com muita rapidez. Por causa disso, diz que não seria o ato de um *hnau* torto se nosso povo matasse todo o seu povo.

Assim que Ransom tinha acabado, Weston prosseguiu.

– A vida é maior do que qualquer sistema de moralidade. Suas exigências são absolutas. Não é com tabus tribais e máximas banais que ela seguiu seu curso implacável da ameba ao homem e do homem à civilização.

– Ele diz – começou Ransom – que os seres vivos são mais fortes do que definir se um ato é torto ou bom… não, não pode ser isso… ele diz que é melhor estar vivo e ser torto do que estar morto… não… ele diz, ele diz… Não sei traduzir para a sua língua, Oyarsa, o que ele está dizendo. Mas ele está afirmando que a única coisa boa é que haja muitas criaturas vivas. Diz que havia muitos outros animais antes do primeiro homem e que os mais recentes são melhores que os mais antigos. Diz que os animais não nasceram por causa do que os mais velhos dizem aos jovens a respeito do que são ações boas ou tortas. E diz que esses animais não sentem pena.

– Ela… – começou Weston.

– Desculpe – interrompeu Ransom –, mas me esqueci quem é Ela.

– A vida, é claro – retrucou Weston, irritadiço. – Ela destruiu impiedosamente todos os obstáculos e eliminou todos os fracassos. E hoje, em sua forma mais elevada, o homem civilizado, e em mim como seu representante, ela avança para aquele salto interplanetário que talvez a ponha para sempre fora do alcance da morte.

– Ele diz – retomou Ransom – que esses animais aprenderam a fazer muitas coisas difíceis, exceto os que não conseguiram; e que estes últimos morreram, sem que os outros animais sentissem pena deles. E diz que o melhor animal agora é o tipo de homem que faz as cabanas grandes, transporta os objetos pesados e faz todas as outras coisas de que eu lhe falei. E que ele é um deles, e diz que, se todos os outros soubessem o que ele estava fazendo, ficariam satisfeitos. Diz que, se pudesse matar vocês todos e trazer nosso povo para viver em Malacandra, eles talvez pudessem continuar a viver aqui depois que alguma coisa tivesse dado errado no nosso mundo. E então, se algo desse errado em Malacandra, eles poderiam prosseguir e matar todos os *hnau* em outro mundo. E depois em outro… e assim eles nunca se extinguiriam.

– É com base no direito dela – disse Weston –, no direito ou, digamos, no poderio da própria vida, que estou preparado para fincar, sem titubear, a bandeira do homem no solo de Malacandra: para seguir avançando, passo a passo, sobrepujando, onde for necessário, as formas inferiores de vida que encontrarmos, conquistando um planeta após o outro, um sistema após o outro, até que nossa posteridade… qualquer que seja a forma estranha e a mentalidade ainda não imaginada que ela venha a assumir… habite no universo onde quer que ele seja habitável.

– Ele diz – traduziu Ransom – que, por esse motivo, *não* seria uma ação torta… ou então ele diz que *seria* uma ação possível… que ele matasse vocês todos e nos trouxesse para cá. Diz que não sentiria pena. E está dizendo novamente que talvez eles fossem capazes de

continuar passando de um mundo para outro; e, aonde quer que chegassem, matariam todos os habitantes. Acho que agora ele está falando de mundos que giram em torno de outros sóis. Ele quer que as criaturas nascidas de nós estejam em todos os lugares possíveis. Ele diz que não sabe que tipo de criaturas elas serão.

– Posso cair – disse Weston. – Mas, enquanto viver, não consentirei, com uma chave dessas na mão, em fechar os portões do futuro para os da minha espécie. O que o futuro reserva, para além do nosso conhecimento atual, é inconcebível para a imaginação. Basta para mim que haja um Além.

– Ele está dizendo – traduziu Ransom – que não vai parar de tentar fazer tudo isso, a menos que você o mate. E diz que, apesar de não saber o que acontecerá com as criaturas que nascerem de nós, ele quer muito que aconteça o que quer que seja.

Weston, que agora tinha terminado sua declaração, olhou ao redor instintivamente à procura de uma cadeira na qual pudesse se jogar. Na Terra, ele costumava se afundar numa cadeira quando o aplauso começava. Não encontrando nenhuma, e como não era o tipo de homem que se senta no chão, como Devine, cruzou os braços e olhou firme ao redor, com certa dignidade.

– Foi bom ouvi-lo – disse Oyarsa. – Pois, embora sua mente seja mais fraca, sua vontade é menos torta do que eu pensava. Não é para si mesmo que você faria tudo isso.

– Não – disse Weston, orgulhoso, em malacandriano. – Mim morrer, Homem viver.

– Mesmo assim, você sabe que essas criaturas teriam de se tornar totalmente diferentes de você antes que pudessem viver em outros mundos.

– Sei, sei. Todos novos. Ninguém saber ainda. Estranhos! Grandes!

– Então não é a forma do corpo que você ama?

– Não. Mim não ligar para a forma do corpo.

– Seria de se pensar, então, que é com a mente que você se importa. Mas não pode ser, ou você amaria o *hnau* onde quer que encontrasse um.

– Não ligar para *hnau.* Ligar para homem.

– Mas se não é nem a mente do homem, que é igual à mente de todos os outros *hnau*... (Maleldil não é o criador de todos eles?)…, nem o corpo que vão mudar, se você não se importa com nenhum desses dois, o que você quer dizer com o termo "homem"?

Foi preciso traduzir isso para Weston. Assim que conseguiu compreender, ele respondeu:

– Mim ligar para homem… ligar para nossa espécie… para o que o homem gerar… – Ele precisou perguntar a Ransom as palavras para *espécie* e *gerar*.

– Estranho! – disse Oyarsa. – Você não ama ninguém da sua espécie: teria permitido que eu matasse Ransom. Você não ama a mente da sua espécie, nem o corpo. Qualquer tipo de criatura será do seu agrado se ao menos for descendente da sua espécie no estágio em que se encontra agora. Parece-me, Gordo, que o que você ama de verdade não é nenhuma criatura completa, mas a semente em si. Pois é somente isso que resta.

– Diga-lhe – disse Weston, quando essas palavras lhe foram transmitidas de modo inteligível – que não finjo ser um metafísico. Não vim aqui para debater minúcias. Se ele não consegue entender, como parece que você também não consegue, algo tão fundamental quanto a lealdade de um homem à humanidade, não serei eu quem o fará entender.

Mas Ransom foi incapaz de traduzir isso, e a voz de Oyarsa prosseguiu:

– Agora percebo como o senhor do mundo silencioso entortou vocês. Existem leis que todos os *hnau* conhecem, da compaixão, da lisura, da vergonha e afins; e lei do amor ao semelhante. Ele ensinou-lhes a desrespeitar todas elas, à exceção de uma, que não é das mais importantes. Essa lei ele entortou até torná-la absurda e a instalou, torta desse jeito, para ser um pequeno Oyarsa cego no cérebro de vocês. E agora vocês não podem fazer outra coisa além de obedecer a ela, muito embora, se lhes perguntarmos por que ela é uma lei, vocês não consigam apresentar mais nenhuma outra razão para a existência dela do que para todas as outras leis mais importantes às quais ela os leva a desobedecer. Sabe por que ele fez isso?

– Mim pensar não existir nenhuma pessoa dessas… mim, homem sábio, moderno… não acreditar em toda essa conversa velha.

– Vou lhe dizer. Ele o deixou com essa lei, porque um *hnau* torto pode ser mais maléfico que um quebrado. A você, ele só entortou; mas esse Magro, sentado no chão, esse ele quebrou, pois não lhe deixou nada além da ganância. Ele agora não é mais do que um animal falante, e no meu mundo ele não poderia fazer mal maior do que faria um animal. Se ele fosse meu, eu desfaria seu corpo, pois o *hnau* nele já morreu. Mas, se você fosse meu, eu tentaria curá-lo. Diga-me, Gordo, por que veio aqui?

– Mim dizer. Para fazer o homem viver o tempo todo.

– Mas seus sábios são tão ignorantes a ponto de não saber que Malacandra é mais velha que seu próprio mundo e que está mais perto da morte? Em sua maior parte, ela já está morta. Meu povo vive somente nas *handramits*; o calor e a água já foram mais presentes e vão diminuir. Logo, muito em breve, encerrarei meu mundo e darei meu povo de volta a Maleldil.

– Mim saber tudo isso muito bem. Esta é só a primeira tentativa. Logo eles passar para outro mundo.

– Mas vocês não sabem que todos os mundos morrem?

– Homens pular fora de cada um antes que o mundo morrer, muitas vezes, certo?

– E quando todos estiverem mortos?

Weston calou-se. Daí a algum tempo, Oyarsa voltou a falar:

– Você não vai perguntar por que meu povo, cujo mundo é antigo, não quis ir para o seu mundo a fim de dominá-lo, muito tempo atrás?

– Ha, ha! – disse Weston. – Vocês não saber como ir lá.

– Você está enganado – disse Oyarsa. – Muitos milhares de milhares de anos atrás, quando ainda não havia vida no seu planeta, a morte fria chegou à minha *harandra*. Naquela época, tive graves problemas, não pela morte dos meus *hnau* (Maleldil não lhes dá a capacidade de viver muito), mas principalmente pelas coisas que o senhor do seu mundo, que ainda não estava confinado, pôs na cabeça deles. Ele os teria transformado nisso que seu povo é agora: sábios suficiente para ver a aproximação da morte da espécie, mas não sábios suficiente para suportá-la. Decisões tortas logo teriam surgido entre eles. Eles tinham perfeita capacidade para fabricar espaçonaves. Através de mim, Maleldil os impediu. Alguns eu curei, outros descorporifiquei…

– E ver resultado! – interrompeu Weston. – Agora vocês muito poucos, presos em *handramits*, logo todos morrer.

– É – disse Oyarsa –, mas uma coisa nós deixamos para trás na *harandra*: o medo. E, com o medo, o assassinato e a rebelião. O mais fraco do meu povo não teme a morte. É o Torto, o

senhor do seu mundo, que desperdiça a vida de vocês e a conspurca com essa fuga do que vocês sabem que há de alcançá-los no final. Se vocês fossem súditos de Maleldil, teriam paz.

Weston se contorcia na exasperação resultante do desejo de falar e de seu desconhecimento da língua.

– Bobagem! Bobagem derrotista! – gritou para Oyarsa em inglês. E então, erguendo-se, acrescentou em malacandriano. – Vocês dizer que seu Maleldil deixar tudo morrer. O outro, o Torto, ele lutar, pular, viver. Nada de conversa. Mim não ligar para Maleldil. Gostar mais do Torto. Mim ficar do lado dele.

– Mas você não vê que ele jamais o fará, nem conseguirá – começou Oyarsa, e então se interrompeu, como se estivesse se recompondo. – Mas devo aprender mais sobre seu mundo com Ransom, e para isso tenho até hoje à noite. Não vou matá-los, nem mesmo o Magro, pois vocês não pertencem ao meu mundo. Amanhã vocês vão embora daqui em sua nave.

Devine de repente perdeu o ânimo. Ele começou a falar depressa em inglês:

– Pelo amor de Deus, Weston, faça-o entender. Nós estamos aqui há meses. A Terra não está em oposição agora. Diga que não vai ser possível. Seria o mesmo se ele nos matasse agora de uma vez.

– Quanto tempo dura sua viagem até Thulcandra? – perguntou Oyarsa.

Weston, usando Ransom como intérprete, explicou que a viagem, na posição corrente dos dois planetas, era quase impossível. A distância tinha aumentado em milhões de quilômetros. O ângulo de seu curso em relação aos raios solares seria totalmente diferente daquele com o qual tinha contado. Mesmo que, por uma chance ínfima, eles conseguissem alcançar a Terra, era quase certo que seu suprimento de oxigênio estaria esgotado muito antes que chegassem.

– Diga-lhe que nos mate agora – acrescentou Weston.

– Tudo isso eu sei – disse Oyarsa. – E, se vocês ficarem no meu mundo, precisarei matá-los. Não tolerarei a presença de nenhuma criatura dessas em Malacandra. Sei que é pequena a probabilidade de vocês chegarem a seu mundo. Mas pequena não é o mesmo que nenhuma. Entre este momento e o meio-dia de amanhã escolham o que preferem. Enquanto isso, digam-me o seguinte: se de algum modo for possível que vocês cheguem a Thulcandra, qual é o tempo máximo que seria necessário?

Depois de cálculos prolongados, Weston, com a voz abalada, respondeu que, se não tiverem completado a viagem em noventa dias, jamais conseguiriam completá-la; e além disso morreriam por sufocação.

– Noventa dias vocês terão – disse Oyarsa. – Meus *sorns* e *pfifltriggi* vão dar-lhes ar (nós também conhecemos essa arte) e provisões para noventa dias. Mas eles farão mais uma coisa com sua nave. Minha intenção é que ela não retorne aos céus uma vez que chegue a Thulcandra. Você, Gordo, não estava aqui quando eu desfiz meus *hrossa* mortos por você. O Magro vai contar-lhe. Isso eu posso fazer, como Maleldil me ensinou, através de uma lacuna no tempo ou de uma lacuna no espaço. Antes que sua espaçonave parta, meus *sorns* terão lidado com ela de tal modo que no nonagésimo dia ela perderá seu corpo, tornando-se o que vocês chamam de nada. Se nesse dia vocês se encontrarem nos céus, a morte de vocês não será mais amarga por isso. Mas não se demorem na nave se chegarem a pousar em Thulcandra. Agora levem esses dois daqui; e vocês, meus filhos, podem ir aonde quiserem. Agora preciso conversar com Ransom.

21

A tarde inteira Ransom ficou sozinho com Oyarsa, respondendo às suas perguntas. Não tenho permissão para registrar essa conversa, além de dizer que a voz a concluiu com as seguintes palavras:

– Você me revelou mais coisas assombrosas do que é conhecido em todos os céus.

Depois, eles conversaram sobre o futuro do próprio Ransom. Foi-lhe oferecida total liberdade para ficar em Malacandra ou empreender a viagem sem esperança até a Terra, decisão que foi agonizante para ele. Por fim, decidiu arriscar a sorte com Weston e Devine.

– O amor por nossa própria gente – disse Ransom – não é a lei mais importante, mas você, Oyarsa, disse que é uma lei. Se eu não puder viver em Thulcandra, prefiro simplesmente não viver.

– Sua escolha é acertada – disse Oyarsa. – E vou dizer-lhe duas coisas. Meu povo vai tirar todas as armas estranhas da nave, mas uma será entregue a você. E os *eldila* da imensidão dos céus estarão em torno da nave, e com frequência dentro dela, até que ela chegue ao ar de Thulcandra. Eles não permitirão que os outros dois o matem.

Ainda não tinha ocorrido a Ransom que uma das primeiras providências que passaria pela cabeça de Weston e Devine seria o seu assassinato para economia de alimento e de oxigênio. Ficou pasmo com sua obtusidade e agradeceu a Oyarsa suas medidas de proteção. Então, o grande *eldil* dispensou-o, dizendo o seguinte:

– Você não é culpado de mal nenhum, Ransom de Thulcandra, a não ser de certo temor. Para isso, a viagem que vai fazer será sua dor e talvez sua cura. Pois, antes que ela termine, você estará ou louco ou corajoso. Entretanto, eu também lhe imponho uma ordem: você deverá observar esse Weston e esse Devine em Thulcandra, se é que vocês vão chegar lá. Eles ainda podem causar muito mal no seu mundo e fora dele. Pelo que você me contou, começo a perceber que há *eldila* que descem e entram no seu ar, na própria fortaleza do Torto. Seu mundo não é tão trancado quanto se pensava nestas regiões dos céus. Vigie aqueles dois tortos. Tenha coragem. Lute contra eles. E, quando tiver necessidade, alguns dos nossos o ajudarão. Maleldil há de mostrá-los a você. Pode até ser que você e eu voltemos a nos encontrar enquanto você ainda estiver no corpo. Pois não foi sem a sabedoria de Maleldil que nos encontramos agora e que eu aprendi tanto sobre seu mundo. Parece-me que este é o início de mais idas e vindas entre os céus e os mundos; e entre um mundo e outro, embora nada de parecido com o que o Gordo esperava. Tenho permissão de dizer-lhe o seguinte: há muito tempo está previsto que o ano em que estamos (anos celestiais, não como os de vocês) seria um ano de perturbações e grandes mudanças; e o bloqueio de Thulcandra pode estar perto do fim. Planos importantes estão em andamento. Se Maleldil não me proibir, não me manterei alheio a esses planos. E agora, boa viagem.

Foi passando por enormes multidões de todas as espécies malacandrianas que os três seres humanos embarcaram no dia seguinte em sua terrível viagem. Weston estava pálido e abatido, depois de uma noite de cálculos complexos suficiente para esgotar qualquer matemático, mesmo que sua vida não dependesse deles. Devine estava barulhento, inconsequente e um

pouco histérico. Toda a sua opinião sobre Malacandra mudara do dia para a noite com a descoberta de que os "nativos" tinham uma bebida alcoólica, e ele tinha até mesmo tentado ensiná-los a fumar. Somente os *pfifltriggi* deram importância a isso. Agora, para se consolar de uma forte dor de cabeça e da perspectiva de uma morte lenta, ele estava atormentando Weston. Nenhum dos parceiros ficou satisfeito ao descobrir que todas as armas tinham sido retiradas da espaçonave, mas em outros aspectos tudo estava como desejavam. Por volta de uma hora da tarde, Ransom lançou um último olhar demorado sobre as águas azuis, sobre a floresta roxa e sobre as distantes muralhas verdes da *handramit* conhecida, entrando em seguida pela escotilha, atrás dos outros dois. Antes que ela fosse fechada, Weston avisou-lhes que deviam economizar ar, mantendo uma imobilidade absoluta. Nenhum movimento desnecessário deveria ser feito durante a viagem. Até mesmo conversar devia ser proibido.

– Falarei somente em caso de emergência – disse ele.

– De qualquer modo, graças a Deus – foi a última tirada de Devine. Depois eles aparafusaram a porta.

Ransom foi de imediato para o lado inferior da esfera, entrou no compartimento, que agora estava quase totalmente de cabeça para baixo, e se esticou no lugar que mais tarde viria a ser sua claraboia. Ficou surpreso ao descobrir que já estavam a milhares de pés de altura. A *handramit* era apenas uma linha reta roxa que cruzava a superfície rosa-avermelhada da *harandra*. Estavam acima do ponto de união de duas *handramits*. Uma delas era sem dúvida aquela em que ele tinha morado; a outra, a que continha Meldilorn. A ravina pela qual ele cortara caminho entre as duas, nos ombros de Augray, estava totalmente invisível.

A cada minuto mais *handramits* surgiam – longas linhas retas, algumas paralelas, algumas que se cruzavam, algumas que formavam triângulos. A paisagem estava ficando cada vez mais geométrica. A região inóspita entre as linhas roxas parecia perfeitamente plana. O rosa escuro das florestas petrificadas explicava sua coloração imediatamente abaixo da nave; mas na direção norte e leste os grandes desertos de areia dos quais os *sorns* lhe falaram apareciam agora como áreas incomensuráveis de amarelo e ocre. Para o oeste, uma enorme mancha começava a surgir. Era um trecho irregular de um azul esverdeado que dava a impressão de estar afundado em relação ao nível da *harandra* que o circundava. Ransom concluiu que se tratava da floresta de baixada dos *pfifltriggi* – ou melhor, de uma das florestas de baixada, pois agora trechos semelhantes estavam aparecendo em todas as direções, alguns deles meras manchas na interseção de *handramits*, alguns de enorme extensão. Ele adquiriu nítida consciência de que seu conhecimento de Malacandra era ínfimo, pontual, restrito. Era como se um *sorn* tivesse percorrido mais de sessenta milhões de quilômetros para chegar à Terra e tivesse passado sua estada entre Worthing e Brighton. Considerou que teria muito pouco a mostrar da sua viagem espantosa, caso sobrevivesse a ela: noções esparsas da língua, algumas paisagens, alguma física parcialmente compreendida. Mas onde estavam as estatísticas, a história, a ampla visão das condições extraterrestres que um viajante desse tipo deveria trazer de volta? Aquelas *handramits*, por exemplo. Vistas da altura que a espaçonave tinha atingido agora, em toda a sua inconfundível geometria, desbancavam totalmente sua impressão original de que seriam vales naturais. Lá estavam colossais feitos de engenharia, sobre os quais nada aprendera. Feitos realizados, se tudo fosse verdade, antes que a história humana tivesse tido início… antes que a história animal tivesse começado. Ou seria aquilo apenas mitologia? Ransom tinha consciência de que pareceria mitologia quando chegasse de volta à Terra (se

algum dia chegasse), mas a presença de Oyarsa ainda era uma lembrança muito recente para lhe permitir alguma dúvida. Chegou a lhe ocorrer que a distinção entre história e mitologia poderia não fazer nenhum sentido fora da Terra.

Essa ideia o deixou desconcertado, e ele se voltou novamente para a paisagem lá embaixo – a paisagem que a cada instante se parecia menos com uma paisagem e mais com um diagrama. A essa altura, a leste, uma mancha muito maior e mais escura do que as que ele já tinha visto estava forçando sua entrada no ocre avermelhado do mundo de Malacandra – uma nódoa de forma estranha, com longos braços ou chifres que se estendiam de cada lado e uma espécie de baía entre eles, como o lado côncavo de um quarto crescente. Ela crescia sem parar. Os braços largos e escuros pareciam abertos para envolver o planeta inteiro. De repente, viu um ponto brilhante de luz no meio da mancha negra e percebeu que não era, de modo algum, uma mancha na superfície do planeta, mas o céu negro que aparecia por trás dele. A curva perfeita era a borda do disco. Nesse instante, pela primeira vez desde que tinham embarcado, o medo tomou conta dele. Devagar, mas não devagar demais, de forma que ainda ele pudesse ver, os braços escuros foram se estendendo cada vez mais em torno da superfície iluminada até por fim se encontrarem. O círculo inteiro, emoldurado pelo negrume, estava diante dele. As leves batidas dos meteoritos eram audíveis havia muito tempo; a janela pela qual estava olhando não estava mais abaixo dele. Seus membros, apesar de já estarem bem leves, estavam quase duros demais para qualquer movimento, e ele sentia muita fome. Olhou para o relógio. Tinha ficado ali no seu posto, fascinado, por quase oito horas.

Com dificuldade, seguiu para o lado da nave voltado para o Sol e recuou quase ofuscado com o esplendor da luz. Tateando, encontrou os óculos escuros na sua velha cabine e se serviu de um pouco de água e comida. Weston tinha imposto um racionamento estrito das duas. Ele abriu a porta da cabine de comando e olhou dentro dela. Os dois parceiros, com o rosto contraído de ansiedade, estavam sentados diante de uma espécie de mesa de metal, coberta com instrumentos delicados que vibravam suavemente, cujos materiais predominantes eram o cristal e fios finos. Nenhum dos dois deu atenção à sua presença. Durante o restante da viagem silenciosa, Ransom teria liberdade de acesso à nave inteira.

Quando voltou para o lado escuro, o mundo que estavam deixando pairava no céu estrelado, não muito maior do que a lua terrestre. Suas cores ainda eram visíveis – um disco amarelo-avermelhado com borrões de um verde-azulado e calotas polares brancas. Ele viu as duas luas malacandrianas – com seu movimento bastante perceptível – e pensou que elas estavam entre as milhares de coisas que não tinha observado durante sua estada lá. Ransom dormiu, acordou e viu o disco ainda pairando no céu. Agora estava menor do que a Lua. Suas cores tinham sumido, salvo uma leve coloração vermelha uniforme na sua luz. Mesmo a luz agora não era incomparavelmente mais forte do que a das inúmeras estrelas que o cercavam. Tinha deixado de ser Malacandra; era apenas Marte.

Logo ele caiu na velha rotina de dormir e tomar banho de sol, entremeada com o rascunho de algumas notas para seu dicionário de malacandriano. Sabia que era muito pequena a probabilidade de que fosse capaz de comunicar seus novos conhecimentos à humanidade, que a morte anônima na imensidão do espaço quase com certeza seria o fim da sua aventura. Mas já se tornara impossível pensar no espaço simplesmente como “espaço”. Ransom passou por alguns momentos de medo enregelante, mas que ficavam cada vez menores, transformando-se rapidamente numa sensação de assombro que fazia seu destino pessoal parecer totalmente

insignificante. Ele não conseguia sentir que os três eram uma ilha de vida viajando através de um infinito de morte. Sua sensação era quase a oposta: que a vida estava esperando do lado de fora da pequena casca de ovo de ferro na qual viajavam, pronta para invadir a nave a qualquer momento. E que, se morressem, seria por excesso de vitalidade. Ele nutria a esperança apaixonada de que, se fossem perecer, que perecessem pela "descorporificação" da espaçonave, e não por sufocação dentro dela. Ser solto, ser libertado, dissolver-se no oceano do Sol eterno parecia-lhe em certos momentos um fim mais desejável, e não voltar para a Terra. E, caso houvesse sentido alguma exultação desse tipo quando cruzou os céus pela primeira vez na viagem de saída da Terra, agora sentia essa exultação dez vezes maior, pois estava convencido de que o infinito estava repleto de vida, no sentido mais literal possível, estava repleto de criaturas vivas.

Sua confiança nas palavras de Oyarsa sobre os *eldila* aumentou em vez de se reduzir com o progresso da viagem. Não viu nenhum deles. A intensidade da luz na qual a nave nadava não permitia nenhuma das fugidias variações que teriam denunciado sua presença. Mas ele ouvia, ou achava que ouvia, todos os tipos de sons delicados, ou vibrações semelhantes a som, misturados com o retinir da chuva de meteoritos. E com frequência a sensação de presenças invisíveis, mesmo no interior da espaçonave, tornava-se incontestável. Era isso, mais do que qualquer outra coisa, que fazia suas próprias chances de viver parecer tão sem importância. Ele e toda a sua espécie pareciam pequenos e efêmeros em contraste com um pano de fundo de uma completude tão imensurável. Sua mente estava confusa com a ideia da verdadeira população do universo, da infinitude tridimensional de seu território e das eras sem registro do passado. Mas seu coração ficava cada vez mais sereno, como nunca estivera antes.

Foi bom para Ransom que tivesse atingido esse estado de espírito antes que começassem as verdadeiras agruras da viagem. Desde sua partida de Malacandra, o termômetro vinha subindo com regularidade. Agora a temperatura estava mais alta do que em qualquer momento da viagem inicial. E continuava a subir. A luz também aumentou. Por baixo dos óculos ele mantinha os olhos bem fechados quase o tempo todo, abrindo-os apenas por um tempo curtíssimo para movimentos necessários. Ele sabia que, se chegasse à Terra, seria com a visão permanentemente prejudicada. Mas isso não era nada em comparação com o tormento do calor. Todos os três passavam acordados vinte e quatro horas a cada vinte e quatro horas, suportando a agonia da sede, com globos oculares dilatados, com os lábios enegrecidos e as bochechas sujas de saliva espumante. Seria loucura pedir o aumento de suas parcas rações de água; seria loucura até mesmo consumir ar para discutir essa questão.

Ransom percebia bastante bem o que estava acontecendo. Em sua última tentativa de lutar pela vida, Weston estava se aventurando por dentro da órbita da Terra, levando-os mais para perto do Sol do que qualquer homem, talvez qualquer vida, pudesse ter ido. Supostamente isso era inevitável. Não se podia correr atrás de uma Terra que estava sempre recuando ao longo da borda da sua própria trajetória. Eles deviam tentar ir ao seu encontro – cortar caminho… era uma loucura! Mas a questão não ocupou muito sua mente. Não era possível pensar muito em nada a não ser na sede. Pensava-se primeiro na água, depois na sede. Então, pensava-se em pensar na sede, voltando-se, em seguida, a pensar na água. E o termômetro continuava a subir. As paredes da nave estavam tão quentes que era impossível tocá-las. Era evidente que estava prestes a surgir uma crise. Nas horas seguintes, ou o calor diminuiria ou os mataria.

Foi então que o calor diminuiu. Chegou um momento em que eles jaziam exaustos, tremendo

com o que parecia ser frio, embora ainda estivesse mais quente do que qualquer calor que pudesse haver na Terra. Até aquele ponto, Weston tivera êxito. Houve o risco de a temperatura ficar mais alta do que a vida humana em tese pudesse suportar, e eles sobreviveram. Mas não eram os mesmos homens. Até então, Weston dormira muito pouco, mesmo quando não era seu turno. Depois de cerca de uma hora de descanso inquieto, ele sempre voltava para suas cartas e para seus cálculos intermináveis, quase desesperadores. Dava para vê-lo lutando com o desespero – aplicando repetidamente aos números o cérebro aterrorizado. Agora Weston nunca olhava para eles. Chegava a parecer descuidado na cabine de comando. Devine mexia-se como um sonâmbulo e parecia mesmo ser um. Ransom permanecia cada vez mais no lado escuro e por horas a fio não pensava em nada. Embora o primeiro grande perigo tivesse ficado para trás, nenhum deles, àquela altura, tinha nenhuma esperança séria de um bom final para a viagem. Agora estavam havia cinquenta dias sem falar, naquela carcaça de aço, e o ar já estava bastante viciado.

Weston estava tão diferente de seu eu costumeiro que até permitiu que Ransom contribuísse, participando dos turnos na navegação. Principalmente por sinais, e com a ajuda de algumas palavras sussurradas, ele lhe ensinou tudo o que era necessário naquela etapa da viagem. Aparentemente eles estavam voltando velozes para casa – mas com pouca chance de chegar a tempo –, empurrados por algum tipo de "vento" cósmico favorável. Algumas regras práticas possibilitaram a Ransom manter o astro que Weston lhe mostrava em sua posição no centro da claraboia, mas sempre com a mão esquerda na campainha da cabine de Weston.

Esse astro não era a Terra. Os dias – os "dias" meramente teóricos que tinham um significado prático tão desesperador para os viajantes – somaram cinquenta e oito antes que Weston mudasse o rumo e um astro diferente ficasse no centro. Com sessenta dias, o astro era visivelmente um planeta. Sessenta e seis, e ele era como um planeta visto através de binóculos. Setenta, e ele não era parecido com nada que Ransom tivesse visto um dia – um pequeno disco ofuscante, grande demais para ser um planeta, pequeno demais para ser a Lua. Agora que estava pilotando, seu estado de espírito celestial foi destruído. Uma sede animal, selvagem, pela vida, associada a uma saudade dos ares livres, das vistas, dos cheiros da Terra – de capim, de carne, de cerveja, de chá – e da voz humana, despertou nele. De início, sua principal dificuldade no turno tinha sido resistir à sonolência. Agora, apesar de o ar estar mais viciado, uma empolgação febril o mantinha vigilante. Muitas vezes, quando saía do plantão, descobria que o braço direito estava rígido e dolorido. Tinha passado horas pressionando-o inconscientemente contra o painel de instrumentos como se seu impulso pudesse estimular a espaçonave a alcançar uma velocidade ainda maior.

Agora, faltavam vinte dias. Dezenove, dezoito – e no disco branco da Terra, agora um pouco maior que uma moeda, ele achava que conseguia discernir a Austrália e o extremo sudeste da Ásia. Uma hora atrás da outra, embora as manchas se movessem lentamente de um lado para o outro do disco, com a revolução diurna da Terra, o disco em si se recusava a crescer.

– Vamos! Vamos! – murmurava Ransom para a nave. Agora faltavam dez dias, e o disco estava como a Lua, tão brilhante que eles não conseguiam fixar o olhar nele. O ar na pequena esfera estava ameaçador, mas Ransom e Devine arriscaram um sussurro na troca do plantão:

– Vamos conseguir – disseram. – Ainda vamos conseguir.

No octogésimo sétimo dia, quando foi substituir Devine, Ransom achou que havia algo de

errado com a Terra. Antes que seu turno terminasse, tinha certeza disso. Não era um círculo perfeito, mas estava um pouco inchada de um lado: quase com o formato de uma pera. Quando assumiu o controle, Weston olhou de relance para a claraboia, apertou furiosamente a campainha para chamar Devine, empurrou Ransom dali e ocupou o lugar do piloto. Seu rosto ficou cinzento. Parecia que ele estava prestes a fazer alguma coisa com os instrumentos, mas, quando Devine entrou no compartimento, Weston olhou para ele e deu de ombros com um gesto de desespero. Enterrou então o rosto nas mãos e baixou a cabeça sobre o painel de instrumentos.

Ransom e Devine trocaram olhares. Os dois tiraram Weston da cadeira como se fosse uma trouxa, e ele chorava feito criança. Devine ocupou seu lugar. Por fim, Ransom compreendia agora o mistério da Terra bojuda. O que tinha parecido ser uma protuberância num lado do disco da Terra estava ficando cada vez mais nítido tratar-se de um segundo disco, um disco que aparentava ser quase tão grande quanto o dela, cobrindo mais da metade da Terra. Era a Lua – entre eles e a Terra, e mais de trezentos e oitenta mil quilômetros mais perto. Ransom não sabia que destino isso poderia implicar para a espaçonave. Era óbvio que Devine sabia, e nunca ele pareceu tão admirável. Seu rosto estava pálido como o de Weston, mas seus olhos estavam límpidos e com um brilho sobrenatural. Ele se manteve sentado, debruçado sobre os instrumentos, como um animal pronto para dar um bote, e assoviava baixinho entre os dentes.

Horas depois, Ransom percebeu o que estava acontecendo. O disco da Lua estava agora maior do que o da Terra, e aos poucos ficou aparente que os dois discos estavam diminuindo de tamanho. A espaçonave não estava mais se aproximando nem da Terra nem da Lua. Estava mais distante delas do que meia hora antes, e era essa a intenção da atividade febril de Devine com os instrumentos. Não se tratava apenas de a Lua estar cruzando a trajetória deles e os impedindo de chegar à Terra. Parecia que por algum motivo, talvez gravitacional, era perigoso chegar perto demais da Lua, e Devine estava recuando para o espaço. Com o porto à vista, eles estavam sendo forçados a voltar para o mar aberto. Ele deu uma olhada no cronômetro. Era a manhã do octogésimo oitavo dia. Com dois dias para chegar à Terra, eles estavam se distanciando dela.

– Suponho que isso acabe com a gente – murmurou Ransom.

– Calculo que sim – murmurou Devine, sem olhar para trás. Weston logo se recuperou suficientemente para voltar e se postar ao lado de Devine. Não havia nada para Ransom fazer. Agora tinha certeza de que em breve eles morreriam. Com essa conclusão, a agonia do suspense de repente desapareceu. A morte, viesse agora ou trinta anos mais tarde na Terra, ergueu-se e exigiu sua atenção. Há preparativos que um homem gosta de fazer. Ransom, então, deixou a cabine de comando e voltou para um dos compartimentos voltados para o Sol, entrando na indiferença da luz sem movimento, no calor, no silêncio e nas sombras bem recortadas. Nada estava mais longe da sua intenção do que dormir. Deve ter sido a atmosfera rarefeita que o deixou sonolento. Ele dormiu.

Acordou numa escuridão quase total no meio de um ruído alto e constante que de início não conseguiu identificar. Aquilo lhe lembrava alguma coisa – algo que ouvira numa existência anterior. Era um ruído prolongado, tamborilante, logo acima da sua cabeça. De repente, seu coração deu um salto enorme.

– Ai, meu Deus – disse, soluçando. – Ai, meu Deus! É *chuva*.

Ele estava na Terra. O ar estava pesado e fétido ao seu redor, mas as sensações de

sufocação que vinha sofrendo haviam acabado. Percebeu que ainda estava na espaçonave. Com medo da ameaça de "descorporificação", os outros tinham abandonado a nave no momento em que ela tocou na Terra, deixando-o à sua própria sorte. No escuro e sob o peso esmagador da gravidade terrestre, foi difícil encontrar a saída. Mas ele conseguiu. Encontrou a escotilha e deslizou por ela, aproveitando para respirar fundo, enquanto descia pela parte externa da esfera, escorregava na lama, abençoava o cheiro que sentia e finalmente levantava o peso do próprio corpo, com o qual já não estava acostumado, até estar em pé. Ficou ali parado na noite totalmente escura, debaixo de uma chuva torrencial. Absorveu-a com cada poro do seu corpo. Com todo o desejo do coração, abraçou o cheiro do campo ao redor – um trecho do planeta natal onde o capim crescia, as vacas andavam, onde logo chegaria a sebes e a um portão.

Já andava fazia uma meia hora quando um clarão atrás de si e uma ventania forte e momentânea lhe fizeram saber que a espaçonave não existia mais. Sentiu pouquíssimo interesse. Havia visto luzes fracas à frente, as luzes dos homens. Conseguiu chegar a uma alameda, depois a uma estrada e então entrou numa rua de povoado. Uma porta iluminada estava aberta. Havia vozes lá dentro, e elas falavam inglês. O cheiro era conhecido. Ele abriu caminho para entrar, sem se importar com a surpresa que causaria, e andou até o bar.

– Um caneca de cerveja, por favor – disse.

22

A essa altura, se eu me deixasse guiar por considerações exclusivamente literárias, minha história terminaria; mas é hora de tirar a máscara e familiarizar o leitor com o propósito real e prático com o qual este livro foi escrito. Ao mesmo tempo, ele aprenderá como foi possível escrevê-lo.

O dr. Ransom – e neste estágio já estará evidente que esse não é seu verdadeiro nome – logo abandonou a ideia do dicionário de malacandriano e, na realidade, qualquer ideia de comunicar sua história para o mundo. Ele esteve doente por alguns meses e, quando se recuperou, descobriu que tinha fortes dúvidas quanto a terem ocorrido ou não os acontecimentos de que se lembrava. Era muito grande a impressão de que teria sido uma ilusão provocada por sua enfermidade; e a maior parte de suas supostas aventuras poderia, sabia ele, ser explicada em termos psicanalíticos. Ele próprio não deu grande atenção a esse fato, pois havia muito tempo já observara que boa quantidade de coisas "reais" na fauna e na flora do nosso próprio mundo também poderia ter o mesmo tipo de explicação, caso se partisse do pressuposto de que eram ilusões. No entanto, achava que, se ele mesmo em parte duvidava da sua história, o resto do mundo não acreditaria nela de modo algum. Decidiu, portanto, calar-se; e aí a questão teria morrido, não fosse por uma coincidência muito curiosa.

É aqui que eu entro na história. Eu conhecia o dr. Ransom ligeiramente havia alguns anos e me correspondia com ele acerca de temas literários e filológicos, embora raramente nos encontrássemos. Foi, portanto, perfeitamente normal e aceitável que eu lhe escrevesse uma carta alguns meses atrás, da qual cito abaixo o parágrafo pertinente, que diz o seguinte:

"Estou agora trabalhando com os platônicos do século XII e por sinal descobri que eles escreveram num latim infernalmente difícil. Num deles, Bernardus Silvestris, há uma palavra sobre a qual eu gostaria particularmente de ouvir sua opinião – a palavra *Oyarses*. Ela ocorre na descrição de uma viagem pelos céus; e um *Oyarses* parece ser a inteligência ou espírito tutelar de uma esfera celeste, ou seja, na nossa língua, de um planeta. Perguntei a C. J. e ele diz que deveria ser *Ousiarches*. É claro que esse termo faria sentido, mas não fiquei totalmente satisfeito. Você por acaso algum dia deparou com a palavra *Oyarses*? Ou poderia arriscar algum palpite sobre a língua à qual ela pertence?"

O resultado imediato dessa carta foi um convite para eu passar um fim de semana com o dr. Ransom. Ele me contou toda a sua história, e desde então ele e eu estivemos trabalhando nesse mistério quase constantemente. Uma boa quantidade de fatos, que não tenho a menor intenção de publicar no momento, caiu em nossas mãos: fatos sobre os planetas em geral e sobre Marte em particular, fatos sobre os platônicos medievais e (com a mesma importância) fatos sobre o professor a quem estou dando o nome fictício de Weston. Um relatório sistemático desses fatos poderia naturalmente ser oferecido ao mundo civilizado; mas quase com certeza resultaria em incredulidade generalizada e num processo de difamação por parte de Weston. Ao mesmo tempo, nós dois achamos que não podemos nos calar. Diariamente temos confirmada nossa crença de que o *Oyarses* de Marte estava certo ao afirmar que o "ano celestial" corrente deveria ser um ano revolucionário, que o longo isolamento de nosso

próprio planeta está chegando ao fim, e que grandes feitos estão em andamento. Descobrimos indícios que nos levam a acreditar que os platônicos medievais viveram no mesmo ano celestial em que estamos – na realidade, ele começou no século XII de nossa era – e que a ocorrência do nome Oyarsa (latinizado como *Oyarses*) em Bernardus Silvestris não é um mero acaso. E também dispomos de provas – que aumentam quase diariamente – de que "Weston", ou a força ou forças por trás de "Weston", desempenhará um papel muito importante nos acontecimentos dos próximos séculos; e, a menos que consigamos impedi-lo, esse papel será desastroso. Não queremos dizer que exista a possibilidade de ele invadir Marte – nosso grito não é simplesmente "Não toque em Malacandra". Os perigos a temer não são planetários, mas cósmicos, ou no mínimo solares; e não são temporais, mas eternos. Mais do que isso não seria prudente dizer.

Foi o dr. Ransom quem percebeu antes de todos que nossa única chance era publicar na forma de ficção o que decerto não receberia atenção alguma como fato. Ele chegou a pensar – superestimando enormemente meu talento literário – que essa forma poderia ter a vantagem eventual de atingir um público mais amplo e que, decerto, atingiria muita gente mais rápido do que "Weston". Diante da minha objeção de que, se fosse aceito como ficção, o relato exatamente por esse motivo seria considerado falso, ele respondeu que na narrativa haveria indicações suficientes para os poucos leitores – os pouquíssimos – que *atualmente* estivessem preparados para avançar nessa questão.

– E eles – disse – hão de encontrar com facilidade a você ou a mim, e facilmente identificarão Weston. Seja como for – prosseguiu –, o que precisamos no momento não é tanto de uma compilação de crenças, mas de uma quantidade de pessoas familiarizadas com certas ideias. Se conseguíssemos efetuar, mesmo que em um por cento de nossos leitores, uma transformação da concepção de Espaço para a concepção de Céus, já teríamos dado um primeiro passo.

O que nenhum de nós dois previu foi a rápida marcha de acontecimentos que deixaria o livro antiquado antes da publicação. Esses acontecimentos já o tornaram um prólogo para nossa história em lugar da história em si. Mas precisamos deixar as coisas no pé em que estão. Quanto às etapas posteriores da aventura… bem, muito antes de Kipling, foi Aristóteles quem nos ensinou a fórmula: "Essa é uma outra história."

Pós-escrito

(Trechos extraídos de uma carta escrita pelo "dr. Ransom" original ao autor)

… Acho que você está certo; e depois de duas ou três correções (assinaladas em vermelho), o manuscrito terá de ser mantido. Não negarei que estou decepcionado, mas na realidade qualquer tentativa de contar uma história dessas tende a decepcionar o homem que realmente esteve lá. Agora não estou me referindo aos cortes impiedosos que você aplicou a toda a parte filológica, embora, como ela se apresenta agora, estejamos entregando aos leitores uma mera caricatura da língua malacandriana. Estou falando de algo mais difícil, algo que eu não teria a menor possibilidade de expressar. Como se pode transmitir a noção dos *cheiros* malacandrianos? Em meus sonhos, nada vem à minha mente com tanta nitidez… especialmente o cheiro do início da manhã naqueles bosques roxos; e, nesse caso, a própria menção ao "início da manhã" e a "bosques" induz a erro, porque leva o leitor a pensar em terra, musgo, teias de aranha e no cheiro do nosso próprio planeta, mas estou pensando em algo totalmente diferente. Mais "aromático"… sim, mas sem ser picante, sensual ou exótico, como a palavra sugere. Alguma coisa aromática, condimentada, e ao mesmo tempo muito fria, muito fina, que provoca um formigamento no fundo do nariz. Alguma coisa que fazia ao sentido do olfato o que notas altas e agudas de violino fazem à audição. E associado a isso sempre ouço o som do canto – uma música majestosa, cavernosa, semelhante à voz de cães de caça, vinda de gargantas enormes, mais grave do que a de Chaliapin, um "som escuro e aconchegante". Quando penso nele, sinto saudade do meu velho vale malacandriano. Entretanto, Deus sabe que, quando eu o ouvia lá, sentia bastante saudade da Terra.

É claro que você está certo. Se formos tratar o tema como ficção, é *preciso* encolher o tempo que passei na aldeia, durante o qual "nada aconteceu". Mas faço isso a contragosto. Aquelas semanas tranquilas, o mero fato de morar entre os *hrossa*, são para mim o acontecimento mais importante. Eu os conheço, Lewis. É isso o que você não tem como incluir numa simples história de ficção. Por exemplo, como sempre levo comigo um termômetro quando saio de férias (o que impediu que muitas delas fossem arruinadas), sei que a temperatura normal de um *hross* é 39,4º C. Sei – apesar de não me lembrar como aprendi isso – que eles vivem cerca de 80 anos marcianos, ou 160 anos terrestres; que se casam aos 20 (= 40); que seus excrementos, como os do cavalo, não lhes são repugnantes, nem foram para mim, e são usados na agricultura; que eles não vertem lágrimas, nem piscam os olhos; que chegam a ficar "altos" (como se diria), mas não embriagados, em noites de festa – que são muitas. Mas o que se pode fazer com esses fragmentos de informação? Eu meramente os analiso com base em toda uma lembrança viva que jamais poderá ser posta em palavras, e ninguém neste mundo conseguirá construir por esse tipo de fragmento uma imagem exatamente fiel. Por exemplo, será que consigo fazê-lo ao menos entender como sei, de modo inquestionável, por que motivo os malacandrianos não possuem animais de estimação e, em geral, não têm por seus "animais inferiores" sentimentos parecidos com os que nós temos pelos nossos? Naturalmente esse é o tipo de coisa que eles próprios jamais poderiam ter-me dito. É fácil ver o porquê quando se observam as três espécies juntas. Cada uma delas é para as outras tanto o que um homem é para nós quanto o que um animal é para nós. Eles podem conversar, podem cooperar e

compartilham a mesma ética. Nesse aspecto, um *sorn* e um *hross* encontram-se como dois homens. Mas, a partir daí, cada um considera o outro diferente, engraçado, interessante, assim como é interessante um animal. Algum instinto não saciado em nós, que tentamos aplacar tratando criaturas irracionais quase como se fossem racionais, é exercido de verdade em Malacandra. Eles não precisam de animais de estimação.

Por sinal, enquanto estamos no assunto de espécies, lamento muito que se tenha permitido que as exigências da história simplificassem tanto os aspectos biológicos. Será que dei a impressão de que cada uma das três espécies era perfeitamente homogênea? Se o fiz, essa informação foi enganosa. Tomemos os *hrossa*: meus amigos eram *hrossa* negros, mas há também *hrossa* prateados, e em algumas das *handramits* do oeste há o grande *hross* cristado – de três metros de altura, mais dançarino que cantor; e, depois do homem, o animal mais nobre que jamais vi. Somente os machos têm crista. Também vi um *hross* totalmente branco em Meldilorn, mas, como um tolo, nunca descobri se ele representava uma subespécie ou se era uma mera anomalia como nosso *albino* terrestre. Existe também pelo menos um outro tipo de *sorn* além do que eu vi – o *soroborn* ou *sorn* vermelho do deserto, que mora nas areias do norte. Pelo que todos disseram, é uma criatura fantástica.

Concordo ter sido uma lástima eu nunca ter visto os *pfifltriggi* em sua terra. Sei quase o bastante a respeito deles para "simular" uma visita a eles como um episódio na história, mas acho que não deveríamos incluir nenhuma ficção pura e simples. "Substancialmente verdadeiro" pode parecer muito razoável na Terra, mas não consigo me imaginar explicando isso para Oyarsa; e tenho uma forte suspeita (veja minha última carta) de que ainda hei de ouvi-lo. Seja como for, por que nossos "leitores" (parece que você tem um baita conhecimento sobre eles!), que estão tão determinados a não querer ouvir falar da língua, estariam tão ansiosos por saber mais sobre os *pfifltriggi*? Mas se você conseguir incluir esses dados, é claro que não há mal nenhum em explicar que eles são ovíparos, matriarcais e de vida curta em comparação com as outras espécies. Está bastante claro que as enormes depressões que eles habitam são os antigos leitos oceânicos de Malacandra. *Hrossa*, que os haviam visitado, descreveram uma descida para penetrar em florestas profundas sobre areia, "as pedras de ossos [fósseis] de antigos furadores de ondas acima deles". Sem dúvida, essas são as manchas escuras vistas no disco de Marte a partir da Terra. E isso me faz lembrar que os mapas de Marte que consultei desde minha volta são tão incompatíveis entre si que desisti da tentativa de identificar minha *handramit*. Se você quiser tentar, o que procuro é "um 'canal' mais ou menos de nordeste a sudoeste que cruza um 'canal' de norte a sul, a pouco mais de trinta quilômetros do equador". Mas os astrônomos divergem muito quanto ao que veem.

Agora, vamos à sua pergunta mais irritante: "Ao descrever os *eldila*, Augray confundiu as ideias de um corpo mais sutil e de um ser superior?" Não. A confusão é totalmente sua. Ele disse duas coisas: que o corpo dos *eldila* era diferente do corpo de animais planetários; e que eles eram superiores em inteligência. Nem ele nem mais ninguém em Malacandra jamais confundiu uma afirmação com a outra, ou deduziu uma a partir da outra. Na realidade, tenho minhas razões para acreditar que também existam animais irracionais com o tipo de corpo do *eldil* (está lembrado dos "animais etéreos" de Chaucer?).

Eu me pergunto se é prudente de sua parte nada dizer sobre o problema da fala dos *eldila*. Concordo que prejudicaria a narrativa levantar essa questão durante a cena do julgamento em Meldilorn, mas decerto muitos leitores terão percepção suficiente para perguntar como os

eldila, que obviamente não respiram, poderiam falar. É verdade que deveríamos admitir que não sabemos, mas não seria nossa obrigação revelar isso aos leitores? Sugeri a J. – o único cientista daqui a quem faço confidências – sua teoria de que eles pudessem ter instrumentos, ou até mesmo órgãos, para manipular o ar ao seu redor e assim produzir sons indiretamente, mas ele não me pareceu muito impressionado com a ideia. Achou provável que eles manipulassem direto os ouvidos daqueles com quem "falavam". Isso me parece bastante difícil… é claro que é preciso lembrar que realmente não temos nenhum conhecimento da forma ou do tamanho de um *eldil*, ou mesmo de suas relações com o espaço (nosso espaço) em geral. De fato, o que se quer é garantir que na realidade não sabemos quase nada sobre eles. Como você, não consigo deixar de tentar fixar sua relação com as entidades que aparecem na tradição da Terra: deuses, anjos, fadas. Mas não temos os dados. Quando procurei transmitir para Oyarsa alguma ideia de nossa própria angelografia cristã, ele deu a nítida impressão de considerar nossos "anjos" de algum modo diferentes dele mesmo. Entretanto, se ele queria dizer que se tratava de uma espécie diferente ou se era apenas alguma casta militar específica (já que nossa velha Terra acaba se revelando um tipo de campo de carnificina no universo), não sei dizer.

Por que você precisa deixar de fora da narrativa meu relato de como os anteparos emperraram pouco antes do nosso pouso em Malacandra? Sem isso, a descrição de nossos sofrimentos por conta do excesso de luz na viagem de volta levantaria a pergunta muito evidente: "Por que eles não fecharam os anteparos?". Não acredito na sua teoria de que os "leitores nunca percebem esse tipo de coisa". Tenho certeza de que eu perceberia.

Há duas cenas que eu queria que você tivesse incluído no livro. Não importa, elas estão engastadas em mim. Ou uma ou a outra está sempre diante de mim quando fecho os olhos.

Numa delas, vejo o céu malacandriano pela manhã: azul-claro, tão claro que agora, que voltei a me acostumar aos céus da Terra, penso nele como quase branco. Em contraste com ele, as folhagens mais altas das ervas gigantes mais próximas – "árvores" como você diz – aparecem negras, mas ao longe, depois de quilômetros daquela água azul ofuscante, os bosques mais remotos são de um roxo de aquarela. As sombras em toda a minha volta no desbotado piso das florestas são como sombras na neve. Algumas figuras caminham diante de mim, formas esguias, porém gigantescas, negras e lisas como cartolas providas de movimento. Suas enormes cabeças redondas, no alto de corpos flexíveis como caules de plantas, dão-lhes a aparência de tulipas negras. Elas descem cantando até a beira do lago. A música enche o bosque com sua vibração, embora seja tão suave que eu mal consiga ouvi-la. O som é como o de um órgão distante. Alguns embarcam, mas a maioria fica. Tudo é feito lentamente. Não se trata de um embarque comum, mas algum tipo de cerimônia. É com efeito um funeral de *hrossa*. Esses três de focinho grisalho que eles ajudaram a entrar no barco estão a caminho de Meldilorn para morrer. Pois nesse mundo, com exceção de alguns que o *hnakra* pega, ninguém morre antes da hora. Todos vivem o tempo total atribuído à sua espécie, e com eles uma morte é tão previsível quanto um nascimento é conosco. O povoado inteiro sabe que esses três morrerão nesse ano, nesse mês. Era um palpite fácil de acertar que eles morreriam naquela semana mesmo. E agora partiram; para receber as últimas palavras de Oyarsa, morrer e serem "descorporificados" por ele. Os cadáveres, como cadáveres, existirão por não mais que alguns minutos. Não existem caixões em Malacandra, nem coveiros, nem cemitérios, nem agentes funerários. O vale se mantém solene com sua partida, mas não vejo sinais de uma dor

apaixonada. Eles não duvidam da imortalidade; e amigos da mesma geração não são separados à força. Você deixa o mundo, como chegou a ele, com a "turma do seu ano". A morte não é precedida pelo pavor, nem seguida pela decomposição.

A outra cena é noturna. Vejo-me banhando-me no lago morno com Hyoi. Ele ri do meu jeito desajeitado de nadar. Acostumado a um mundo mais pesado, eu quase não consigo pôr meu corpo suficientemente debaixo da água para conseguir avançar. E depois vejo o céu da noite. Em sua maior parte, ele é muito parecido com o nosso, embora a imensidão seja mais negra e as estrelas mais brilhantes. Mas alguma coisa que nenhuma analogia terrestre conseguirá ajudá-lo a visualizar plenamente está acontecendo no oeste. Imagine a Via Láctea ampliada: a Via Láctea vista através de nosso maior telescópio na noite mais límpida. E então tente imaginá-la, não pintada de um lado ao outro do zênite, mas se erguendo como uma constelação por trás dos cumes das montanhas – um deslumbrante colar de luzes brilhantes como planetas, subindo lentamente até encher um quinto do céu, e agora deixando uma faixa de negrume entre si mesmo e o horizonte. Ele é luminoso demais para se contemplar por muito tempo, mas é apenas uma preparação. Está vindo mais uma coisa. Vê-se um clarão sobre a *harandra*, como o do nascer da lua. *Ahihra!*, grita Hyoi, e outras vozes ladram em resposta a ele, vindas da escuridão em toda a nossa volta. E agora o verdadeiro rei da noite nasceu e está abrindo caminho através dessa estranha galáxia do oeste, tornando suas múltiplas luzes fracas em comparação com a dele. Volto os olhos para o outro lado, pois o pequeno disco é muito mais brilhante do que a Lua em seu maior esplendor. A *handramit* inteira está banhada em luz incolor. Eu poderia contar os caules da floresta do outro lado do lago. Vejo que minhas unhas estão quebradas e sujas. E agora adivinho o que é isso que vi: Júpiter nascendo para além dos asteroides e mais de sessenta milhões de quilômetros mais perto do que jamais esteve de olhos terrenos. Os malacandrianos, porém, diriam "dentro dos asteroides", pois eles têm um estranho hábito de, às vezes, virar o Sistema Solar pelo avesso. Eles chamam os asteroides de "dançarinos diante do portal dos Grandes Mundos". Os Grandes Mundos são os planetas "para além" ou "do lado de fora" dos asteroides. Glundandra (Júpiter) é o maior desses e tem alguma importância no pensamento malacandriano que não consegui desvendar. Ele é "o centro", "grande Meldilorn", "trono" e "banquete". Naturalmente eles têm perfeita consciência de que ele é inabitável, pelo menos por animais do tipo planetário; e eles decerto não têm nenhuma ideia pagã de atribuir um local de residência para Maleldil. Contudo, alguém ou alguma coisa de grande importância está associado a Júpiter. Como de costume: "Os *séroni* devem saber." Mas eles nunca me disseram. Talvez o melhor comentário esteja no autor que mencionei para você: "Pois, como disse acertadamente o grande Africano que nunca estava menos só do que quando estava só; também, na nossa filosofia, nenhuma parte dessa estrutura universal deveria ser menos chamada de solitária do que aquelas que o vulgo considera mais solitária, já que a retirada do homem e dos animais não significa nada mais que a maior frequência de criaturas mais excelentes."

Mais sobre isso, quando você vier. Estou tentando ler cada livro antigo a respeito do assunto do qual eu tome conhecimento. Agora que "Weston" fechou a porta, o caminho aos outros planetas será através do passado. Se vierem a existir mais viagens pelo espaço, elas terão de ser também viagens pelo tempo…

Esta obra foi publicada originalmente em inglês com o título
OUT OF THE SILENT PLANET
por HarperCollins Publishers
Copyright © C. S. Lewis Pte Ltd. 1938
Publicado sob licença de CS Lewis Company Ltd.
Todos os direitos reservados. Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, armazenado em sistemas eletrônicos recuperáveis nem transmitido por nenhuma forma ou meio eletrônico, mecânico ou outros, sem a prévia autorização por escrito do Editor.
Copyright © 2010, Editora WMF Martins Fontes Ltda.,
São Paulo, para a presente edição.

1.ª edição digital *2012*

Tradução
WALDÉA BARCELLOS

Acompanhamento editorial
Márcia Leme
Revisões gráficas
Ana Paula Luccisano
Ana Maria de O. M. Barbosa
Edição de arte
Katia Harumi Terasaka

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lewis, C. S., 1898-1963.
Além do planeta silencioso [livro eletrônico] : trilogia cósmica / C. S. Lewis ; tradução de Waldéa Barcellos. -- São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2012.
729 Kb ; ePUB
Título original: Out of the silent planet.
ISBN 978-85-7827-638-6
1. Literatura infantojuvenil I. Título.
12-12891

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora WMF Martins Fontes Ltda.
Rua Conselheiro Ramalho, 330 01325-000 São Paulo SP Brasil
Tel. (11) 3293.8150 Fax (11) 3101.1042
e-mail: info@wmfmartinsfontes.com.br http://www.wmfmartinsfontes.com.br

Edição digital: outubro 2012

Arquivo ePub produzido pela **Simplíssimo Livros**